



Mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares

**O Clube de Pais Leitores
do
Agrupamento Vertical de Maria Lamas**

por

Fernanda Inês M.P. da Rocha Soares

Estudante nº 66792

Orientador: Prof. Doutor Amílcar Martins

Lisboa, Dezembro de 2008

Não fazemos uma viagem.

É a viagem que nos faz.

Nicole Bouvier

RESUMO

O trabalho de investigação apresentado assenta na criação e organização de um Clube de Pais Leitores na Escola do Ensino Básico do Primeiro Ciclo – EB1 dos Castelos – Agrupamento Vertical de Maria Lamas, que tem como objectivo principal a promoção de hábitos de leitura nos alunos e o envolvimento na dinâmica das relações entre escola e família. Com esta intenção promoveu-se a cooperação entre escola-família-biblioteca escolar. Colocou-se o enfoque num trabalho comum e comunicacional que favorecesse a relação e a cooperação entre a tríade mencionada e promovesse a leitura como prazer.

As principais linhas de força que nortearam este projecto vinculam-se às quatro principais acções destacadas no quadro teórico-conceptual desta pesquisa: a leitura como uma prioridade na educação; os conceitos de leitura e literacia; a leitura como condição para o exercício da cidadania; e a interacção entre escola-família-biblioteca escolar.

O trabalho empírico desenvolveu-se em torno da figura do contador de histórias apoiado numa metodologia de análise qualitativa, de cariz etnográfico, associada a uma observação participante. Esta metodologia de acção-investigação, permitiu-nos mergulhar, envolver, viajar, reencontrar e reescrever esta narrativa vivida ao longo do ano lectivo de 2007/08 com um grupo de seis pais, em contexto escolar, na biblioteca da escola.

Esta narrativa foi construída, analisada e interpretada, a partir de diários de bordo dos participantes no projecto, de grelhas de observação, imagens videográficas, fotográficas e fonográficas, de mapas mentais e de encontros, que descrevem e explicam a dimensão de que se revestiu esta nossa procura de sentido.

Os resultados obtidos são indicadores do elevado grau de relevância e de participação atingidas, bem como do impacto transformador desta acção-investigação enquanto via promotora e facilitadora da comunicação e, portanto, da educação para a sensibilidade e, conseqüentemente, para a cidadania de todos os intervenientes.

A Mandala “A Magia da Palavra”, que acompanha cada uma das dez actividades descritas, constituiu-se como ideia geradora e dela nasceu uma outra Mandala, a Mandala espiralante do Clube dos Pais Leitores, traduzindo valores e sentimentos comuns que emergem da interpretação do projecto.

PALAVRAS – CHAVE

Clube de Pais Leitores; Escola-Família-Biblioteca; Contadores de Histórias; Leitura.

ABSTRACT

The field work presented is based on the creation and organization of a Parent's Book Club at the primary school-EB1 dos Castelos-Agrupamento Vertical de Maria Lamas-with the main objective consisting of promoting reading habits among students as well as establishing the dynamics between school and family. With this objective, we encouraged the co-operation between family, the school library and school. We emphasized teamwork and communicational skills which in turn favor co-operation and relationship between the trio that was mentioned, as well as promoting reading as leisure.

The main guidelines for this project were linked to four main actions that were emphasized in the theoretical-conceptual framework of this research. Reading as a priority in education; the concepts of reading and literacy; reading as a necessary action towards promoting citizenship and the interaction between school-family-school library.

The empirical work developed around the storyteller, based on the method of qualitative analysis of ethnographic nature and associated to active observation. This method of active-investigation, has allowed us to lunge, engage, travel, reencounter and rewrite this existing narrative during the academic school year 2007/2008 with a group of six parents, in a school environment, that took place at the school library.

This narrative was developed, analyzed and interpreted, by the participants' journals who took part in this project, observation grids, video footage, photographs, recordings, mental maps and meetings which described and explained the content and seized the core of our research.

The importance of this research is confirmed by the results of this study, as well as the importance of the participation that was achieved. The outcome gives us a different and more simplified perspective of communication and therefore, a greater awareness of citizenship and of all intervening parts.

The Mandala "A Magia da Palavra", that is part of each of ten activities that were mentioned, has become the conceiving idea and from it, has derived another Mandala, the spiral Mandala of the Parents Book Club which transmits common values and feelings that have emerged from the analysis of this project.

KEY WORDS

Parents Book Club; School-Family-School Library; Storytellers; Reading.

ÍNDICE

Resumo.....	3
Abstract.....	4
Índice.....	5
Dedicatória.....	10
Agradecimentos.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
Questão central da pesquisa.....	14
Objectivos da pesquisa.....	14
Objectivo principal.....	14
Objectivos específicos.....	14
Plano de pesquisa.....	15
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL.....	18
Capítulo I – A Leitura.....	19
1.1 – Conceito de leitura.....	19
1.1.1 – O que é ler?.....	21
1.1.2 – Leitura e literacia.....	23
1.1.2.1 – Concepções e pressupostos.....	25
1.1.2.2 – Dinâmicas e estratégias em torno da leitura.....	27
1.2 – A Escola.....	28
1.2.1 – Espaço aberto à participação efectiva.....	30
1.2.2 – Que espaço para a oralidade?	31
1.3 – O papel da Família.....	32
1.4 – O papel da Biblioteca Escolar.....	33
1.4.1 – O papel do professor bibliotecário.....	36
Resumo.....	38

II PARTE – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO.....	39
Capítulo II – O Clube de Pais Leitores do Agrupamento Maria Lamas:	
Um projecto de narração de contos.....	40
2.1 – Os contadores de histórias.....	40
2.1.1 – O perfil do contador de histórias.....	44
2.2 – Estrutura do Clube de Pais Leitores e objectivos.....	45
Resumo.....	53
Capítulo III – Metodologia.....	54
3.1 – Opções metodológicas.....	54
3.2 – Sujeitos da pesquisa.....	55
3.3 – Instrumentos de pesquisa.....	57
3.3.1 – Observação participante.....	57
3.3.1.1 - Outros instrumentos de recolha de dados.....	58
3.3.2 – Análise de conteúdo.....	60
3.4 – Roteiro descritivo.....	61
3.4.1 – 1º Momento – Novembro de 2007 a Janeiro de 2008.....	61
3.4.2 – 2º Momento – Janeiro a Março de 2008.....	63
3.4.3 – 3º Momento – Março a Junho de 2008.....	64
Resumo.....	71
Capítulo IV – Descrição da Experiência do Clube de Pais Leitores.....	72
4.1 – 1º Momento.....	72
4.1.1 – Cruzamento de dados e avaliação.....	92
4.1.1.1 – Balanço do 1º Momento.....	93
4.2 – 2º Momento.....	94
4.2.1 – Cruzamento de dados e avaliação.....	107
4.2.1.1 – Balanço do 2º Momento.....	108
4.3 – 3º Momento.....	109
4.3.1 – Cruzamento de dados e avaliação.....	126
4.3.1.1 – Balanço do 3º Momento.....	127
4.4 – Cruzamento e avaliação de dados.....	128
Resumo.....	136

Capítulo V – Resultados e conclusões gerais	138
5.1 – Interpretação dos dados da pesquisa.....	139
5.1.1 – Um perfil para os contadores do Clube de Pais Leitores do Agrupamento Maria Lamas.....	143
5.1.1.1 – Elementos de representação do perfil dos Contadores.....	143
5.2 – Limites da pesquisa.....	147
5.3 – Recomendações futuras.....	147
Referências bibliográficas	151
Anexos	158
Anexo 1: Categorias de análise.....	159
Anexo 2: Grelha de observação.....	191
Anexo 3: Como seleccionar os livros.....	192
Anexo 4: Decálogo de uma família comprometida com a leitura.....	194
Anexo 5: Guarde 5 minutos para ler com o seu filho.....	195
Anexo 6: Álbum de Leituras.....	196
Anexo 7: “Bibliotim”.....	204
Anexo 8: Histórias escritas pelos pais.....	206
Anexo 9: Vídeos em suporte digital – DVD’s – Momentos do Clube de Pais Leitores.....	226
Lista de Quadros	
Quadro 1: Elementos facilitadores e constrangedores (CPL)	51
Quadro 2: Sujeitos da pesquisa.....	56
Quadro 3: Outros meios de registo.....	59
Quadro 4: Síntese do 1º Momento.....	92
Quadro 5: Síntese de memórias.....	98
Quadro 6: Síntese do 2º Momento.....	107
Quadro 7: Síntese do 3º Momento.....	126
Quadro 8: Reflexões sobre registos.....	130
Lista de Diapositivos	
Diapositivo 1: Aproveita a atmosfera.....	80

Diapositivo 2: Ler uma história em voz alta.....	81
Diapositivo 3: Sejam companheiros de descoberta.....	81
Diapositivo 4: Partilhem bons momentos.....	82
Diapositivo 5: Não te esqueças.....	82
Diapositivo 6: Então é preciso ajudar.....	83
Diapositivo 7: Com emoção.....	83
Diapositivo 8: Com prazer.....	84
Diapositivo 9: O livro é o nosso melhor amigo.....	84
Diapositivo 10: Qualquer momento é bom para ler!.....	85
Diapositivo 11: Para lhes transmitirmos a alegria de ler.....	85
Diapositivo 12: Assim, ler será um jogo.....	86

Lista de Figuras

Figura I: Mandala – Magia da Palavra.....	46
Figura II: Mapa mental 1 – 1º Encontro com a linguagem.....	95
Figura III: Mapa mental 2 – Que história escolher e como contar?	101
Figura IV: Algumas obras escolhidas.....	104
Figura V: A Liberdade Mágica da Palavra.....	144
Figura VI: Mandala Espiralante do Clube dos Pais Leitores.....	146
Figura VII: À procura de sentido.....	149

Índice das fotografias

Foto 1: O Mercado dos Contos.....	66
Foto 2: Viajámos até à Ásia,.....	67
Foto 3: ... até à América,.....	68
Foto 4: ... à Europa.....	68
Foto 5: ... ao País das Mil e uma Noites.....	69
Foto 6: ... e à Oceânia.....	69
Foto 7: Apesar da vontade, alguma ansiedade.....	76
Foto 8: O primeiro encontro.....	77
Foto 9: Ainda não éramos um grupo.....	77
Foto 10: A Susana veio dinamizar a hora do conto.....	89
Foto 11: ... ela ensinou-nos a linguagem dos gestos.....	90
Foto 12: A história estava escrita também em Braille.....	90

Foto 13: Foi distribuído um mapa mental para os ajudar na viagem no tempo.....	94
Foto 14: As nossas memórias foram fluindo.....	100
Foto 15: Colaboração no Projecto de, Adelaide Silva da Biblioteca Municipal de Almeida Garrett.....	109
Foto 16: Iniciou-nos em algumas técnicas e estratégias de animação da leitura...	110
Foto 17: ... e contou-nos histórias.....	110
Foto 18: Manuela Maldonado animou o encontro sobre literatura infanto-juvenil	111
Foto 19: E contagiou-nos com o seu entusiasmo.....	111
Foto 20: Apresentação do objecto/livro.....	113
Foto 21: ... e a narrativa aconteceu.....	113
Foto 22: ... e então todos quiseram fazer os seus bonecos das preocupações.....	114
Foto 23: Escolhendo o local mais confortável.....	114
Foto 24: ... ou o mais privado.....	114
Foto 25: Era uma vez.....	115
Foto 26: <i>Com o nabo gigante debaixo do braço, apresentei-me (...)</i>	116
Foto 27: Escrevi esta história a pensar neste grupo.....	116
Foto 28: Hoje, contamos os três a história.....	117
Foto 29: A Cristina e a filha contaram uma história feita por ambas.....	117
Foto 30: Debaixo do caixote está a Nau Catrineta.....	118
Foto 31: A História foi recontada e ordenada cronologicamente pelo grupo.....	118
Foto 32: Ouvimos poesia, jogámos com as palavras.....	119
Foto 33: ... e escutámos a mãe do Martim a contar-nos a sua História preferida.	119
Foto 34: Foi bom revermo-nos.....	122
Foto 35: E reflectirmos sobre a nossa <i>performance</i>	123
Foto 36: Divertimo-nos imenso.....	123
Foto 37: E foi gratificante constatar que conquistámos o público.....	124
Foto 38: Valeu a pena!.....	124

Ao Francisco e ao Simão
À Rosália, ao Chico e ao João

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Amílcar Martins pelo incansável apoio e disponibilidade manifestados, pela orientação prestada, pela partilha do saber e pelas suas valiosas contribuições.

Aos meus Pais, meus eternos companheiros, que tornaram este trabalho e tudo na minha vida, possível.

Aos meus filhos e João que me incentivaram e compreenderam o tempo que lhes foi subtraído.

Aos elementos que formaram o Clube de Pais Leitores, pelo empenho e entusiasmo com que me apoiaram em todo este longo processo, tornando-o possível.

A todos quantos os que contribuíram para que esta viagem não fosse solitária, apoiando-me e entusiasmando-me a continuar.

INTRODUÇÃO

Na actualidade verifica-se uma tomada de consciência crescente quanto aos níveis de literacia dos portugueses. De acordo com diversos estudos¹, esses níveis, além de se considerarem ainda manifestamente pouco desenvolvidos, não correspondem, de forma alguma, ao conseqüente aumento da escolaridade de grande parte da população portuguesa.

A percepção dessa situação, que é preocupante, tem suscitado um amplo debate público com implicações sociais e políticas na sociedade portuguesa para o qual, igualmente, contribuem os aspectos referentes à realidade nacional inscrita nos diversos relatórios do *Programme for International Student Assessment (PISA)*² e publicados nos mais diversos órgãos de comunicação social. Relatórios esses que têm constituído ponto de partida para alguns estudos académicos.

A conseqüente divulgação dos dados constantes nesses estudos e relatórios conduziram a que, perante os níveis de iliteracia apresentados, nos apercebêssemos da difícil condição em que nos encontrávamos para fazer face a uma sociedade da informação, situação que nos parece só poder ser invertida, se lançarmos mão de um plano estratégico de intervenção que se pretende adequada, e que possa converter-se, ao mobilizar vontades, num desígnio nacional, num projecto colectivamente assumido e empreendido.

Com essa intenção, e como uma das respostas institucionais, em 2006 foi implementado, ao nível do Ministério da Educação, o Plano Nacional de Leitura (PNL) com o objectivo central de *eleva os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos nossos parceiros europeus*, e que instituiu como público-alvo crianças do Pré-escolar, alunos do Ensino Básico, Educadores e Professores, e como áreas de intervenção os Jardins de Infância, as Escolas, as Bibliotecas Escolares e Públicas, as Famílias e as Instituições de Formação. Ainda ao nível das várias instituições já referidas, intensificaram-se diversas actividades de animação e promoção do livro e da leitura, entre as quais se destacam a organização dos Clubes de Leitura que, regra geral, são desenvolvidos muito raramente nas Escolas Básicas de 1º Ciclo (EB1) e, com alguma frequência, nas Escolas Básicas de 2º e 3º ciclo (EB 2,3), sobretudo pelos Departamentos de Língua Portuguesa. Nestas escolas e na sua maioria, vivendo quase sempre da dinâmica dada por alunos que já

¹ RAMALHO, G. (Coord.) (2001) – *Resultados do Estudo Internacional Pisa 2000* – GAVE. Lisboa: Ministério da Educação.

² O Programme for International Student Assessment (PISA) iniciou-se em 1997

possuem hábitos de leitura, nem sempre preenchendo, portanto, os propósitos que estiveram na origem da sua criação.

Quanto às famílias pretende-se, igualmente, fomentar o seu envolvimento na vida escolar criando condições para que os pais e encarregados de educação se interessem e partilhem com os seus filhos e ou educandos, uma função vital da comunicação linguística, cultural e estética – a leitura – promovendo actividades que auxiliem as famílias a terem uma consciência efectiva dessa importância. Ao corroborarmos com Stöer e Silva (2005, p. 159) *que a relação escola - família passa pela ideia de que as escolas e as famílias são culturalmente desprevenidas para a participação dos pais*, pensamos, que nem sempre tais propósitos são alcançados. Tal como referem os mesmos autores, e daí termos investido no projecto a apresentar como tema central da pesquisa em causa, *a relação escola – família (...) é uma relação em processo de reconfiguração* (ibidem).

As Bibliotecas Escolares, funcionando como “território neutro,” podem constituir-se para além de excelentes mediadores, espaços de diálogo passíveis de contribuir para o estabelecimento de uma comunicação entre Escola e Família.

Dáí que, na tentativa de procurarmos responder a muitas das inquietações que os temas já colocados podem suscitar, e tendo como intenção contribuir para a possibilidade de alterar alguma tendência redutora da leitura, pensou-se partir para um projecto de promoção da mesma em contexto escolar que respondesse a um duplo desafio: envolver os pais na vida da escola e da biblioteca escolar e conquistar novos públicos leitores.

Assim surgiu a criação de um **Clube de Pais Leitores** entendido como um espaço paralelo, alternativo, onde fosse possível usufruir de estratégias diversificadas de encontro com vários géneros literários abordados de formas diferenciadas, onde a comunicação que acontece com os livros e os pais poderá naturalmente determinar o tipo de relação futura com os livros e a leitura. É dessa relação e da criação desse Clube que surgirá a questão central da nossa pesquisa.

Questão Central da pesquisa

A questão central da nossa pesquisa define-se do seguinte modo:

- Como é que o Clube de Pais Leitores do Agrupamento Maria Lamas se envolve na dinâmica das relações entre a escola e a família, tendo em vista o desenvolvimento de hábitos de leitura nas crianças?

Esta questão divide-se nos seguintes objectivos.

Objectivos da pesquisa

Os objectivos subdividem-se em dois níveis:

- Um objectivo principal no qual consta a intenção primordial da criação do Clube de Pais Leitores;
- Quatro objectivos mais específicos onde se dá uma visão do que se pretende com a criação do referido Clube.

Objectivo principal

- Promover o encontro e a cooperação entre escola-família-biblioteca, tendo como meta favorecer a fruição de uma inesgotável fonte de experiências que contribuam para o desenvolvimento da actividade leitora.

Objectivos específicos

- Aprofundar a relação entre escola-família-biblioteca;
- Favorecer a compreensão da importância dos mediadores;

- Sublinhar a necessidade das actividades de animação assumirem um carácter sistematizado e contínuo como determinante no desenvolvimento de hábitos de leitura;
- Sensibilizar para a arte e para a importância de contar histórias como forma de enriquecimento cultural.

Plano da pesquisa

Na apresentação desta dissertação irão perpassando, segundo um registo de sistematicidade interna à própria lógica da narrativa, os diferentes modos de viver o tempo de pesquisa, uma sucessão de acontecimentos que foram tendo lugar, e um conjunto de experiências estruturadas parcialmente pelas condições existentes e pelas relações sociais em que todos os intervenientes se foram envolvendo.

Como introdução explicitamos a razão que subjaz à criação do Clube já referido, e que se entronca na preocupação há muito vinda a público quanto à necessidade de contribuir para uma melhoria dos níveis de literacia da sociedade portuguesa. Tendo em vista essa finalidade, para além da apresentação da questão central da pesquisa, seus limites e plano, elencamos os objectivos que consideramos dar resposta à questão colocada.

Daí que, ao procurarmos dar essa resposta, tivéssemos considerado essencial no capítulo I fazer uma abordagem teórica da leitura, sua aprendizagem, concepções e pressupostos, atendendo a que, para o exercício pleno de um cidadania e para o desenvolvimento harmonioso das nossas capacidades, teremos que dominar (pelo menos parcialmente) o capital simbólico que é a Língua. Ainda neste capítulo, para além de colocarmos algumas interrogações sobre a importância da oralidade, enunciamos como factores determinantes para a tão pretendida formação e ou conquista de leitores, a necessidade urgente de uma *interface Escola/Família* que, como nos dizem Stöer e Silva (2005, p. 7), *se consubstancia na interacção entre distintos actores sociais, os quais não se esgotam nos professores e nos pais.*

Neste sentido o papel da Biblioteca Escolar cujos objectivos se inserem no Manifesto das Bibliotecas Escolares da IFLA/UNESCO,³ é apontado como *território* a usar e fruir, sendo determinante para um novo leitor e para um novo conceito de leitura.

Na II Parte, que contempla o enquadramento empírico, são apresentados quatro capítulos.

No capítulo II são aprofundados os temas já enunciados e que constituem dimensões cruciais no desenvolvimento do projecto de narração de contos que aconteceu no Agrupamento de Maria Lamas, abordando-se a figura do contador de histórias como referência na criação de um Clube de Pais Leitores. Neste capítulo é descrita a estrutura desse Clube, bem como destacados os seus objectivos. É ainda salientado que o Projecto em questão surgiu como promotor de novas formas de sociabilidade e de novos sentidos, ajudando a (re)encontrar novos contextos e a desenvolver novas dinâmicas interaccionais a partir da figura do “contador de histórias,” com a intenção de reviver e recuperar esse traço da oralidade, através desta figura ancestral e arquetípica.

No capítulo III é descrita a metodologia utilizada de forma a responder aos objectivos traçados e, de acordo com os mesmos, procurou-se recorrer a uma metodologia de carácter qualitativo privilegiando a investigação/acção e a uma abordagem de tipo etnográfico. Procurou-se compreender lógicas subjacentes a muitos dos discursos registados em filme recorrendo, igualmente, a uma observação participante e à posterior análise dos registos gravados em áudio e vídeo que se constituíram em dados de base ilustrativos de todo o processo.

No IV capítulo, proceder-se-á ao cruzamento, descrição e análise dos dados obtidos ao longo dos vários momentos do Projecto decorridos entre Novembro de 2007 e Junho de 2008, ilustrando-os com as fotos consideradas mais significativas e as imagens do *PowerPoint* utilizado num dos momentos de formação institucional. Ainda neste capítulo e no final de cada momento, serão inseridos os respectivos quadros/síntese explicativos dos objectivos propostos para cada fase, bem como das competências atingidas por todos os intervenientes (alunos, pais, coordenadora da biblioteca). Nestes quadros são ainda apresentados pequenos resumos das várias actividades de cada momento. Proceder-se-á, também, ao cruzamento e avaliação de dados.

³ Manifesto aprovado pela UNESCO na sua Conferência Geral em Novembro de 1994.

No V e último capítulo apresentam-se os resultados e conclusões gerais, procedendo-se à interpretação dos dados recolhidos, referenciando também os limites da pesquisa em causa e assinalando recomendações consideradas pertinentes para a continuação do projecto do Clube de Pais Leitores.

I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

Capítulo I – A Leitura

Neste capítulo é feita uma abordagem sobre o conceito de leitura e de literacia, bem como sobre as dinâmicas e diversas estratégias consideradas adequadas ao seu desenvolvimento, concepções e pressupostos subjacentes. O papel da escola, da família, da biblioteca e conseqüentemente do professor bibliotecário, serão, igualmente, focados dada a enorme importância de que se revestem.

1.1- Conceito de leitura

O primeiro livro da minha vida, o meu primeiro livro inesquecível, foi um colo farto e fofo de uma velha tia que tinha um carrapito, onde eu com poucos anos, me aninhava extasiado ouvindo velhos contos e histórias de proveitos e exemplo.

Henrique Barreto Nunes in *Livros, Crianças, Escolas, Bibliotecas e o que mais adiante se verá*⁴

Etimologicamente a palavra ler deriva do latim *legere* que significa conhecer, despertar, descobrir através da leitura. Em latim *legere* era sinónimo de colher, juntar, armazenar e *intellegere* sinónimo de compreender, conhecer, perceber, saber, reconhecer, etc. Desta forma, ler significa mais do que identificar as letras do alfabeto, ou juntá-las para formar sílabas e depois palavras. Mais do que descodificar ler é descobrir significados, descobrir sentidos, descobrir-se descobrindo o mundo à sua volta, pois que a aprendizagem da leitura começa, como diria Paulo Freire, com a *leitura do Mundo* antes da aprendizagem das letras, começa num “colo farto”, através da voz de um mediador, evoluindo até nos tornarmos um leitor autónomo, maduro, participativo, emancipado, capaz de se apropriar e de reflectir a leitura, um indivíduo crítico, activo capaz de construir o próprio conhecimento, e de se lançar na descoberta de valores éticos, estéticos e humanísticos (...) *Hay que tener en cuenta que leer es un ejercicio intelectual arduo, ejercitado dificilmente por si mesmo si no reciben estímulos y orientaciones pra ser buen lector* (Sarto, 2007, p. 18), o que nos leva a pensar no carácter social e sensível que este acto transporta consigo, em si, e o acentuar de assimetrias sociais.

⁴ Texto da comunicação apresentada ao 3º colóquio “ A Literatura Infanto-Juvenil e o Ensino”, promovido pela Editora Civilização no Fórum da Maia em 8/9 de Março de 1994

A língua [...] é o capital simbólico por excelência de uma comunidade. É um capital, porém, desigualmente repartido, e esta desigualdade impõe limitações graves à capacidade de entendimento, de expressão e de comunicação de muitas mulheres e de muitos homens e, por conseguinte, cerceia a liberdade e a participação política de muitos cidadãos.

(Aguiar e Silva citado por Castro, 2000)⁵

(...) Neste sentido, um instrumento político importante é fomentar nas escolas e nas famílias que se cultivem bons hábitos de leitura nos estudantes (...)

(PISA 2000)

Num Mundo em constante devir o homem tem de desenvolver a capacidade, que é garantia de sobrevivência, de continuamente se adaptar, de ininterruptamente se construir, de investir em si próprio a fim de poder viver de forma activa, actuante e crítica. Ora, sendo a competência leitora indispensável para o desenvolvimento de outras competências, interessa reflectir sobre a sua aquisição e sobre estratégias que se pretende constituam respostas à carência da mesma. Muitas são as razões que podemos encontrar para tentar explicar este divórcio entre leitor e livro. Inês Sim-Sim (1997, p.27) é bastante esclarecedora quando afirma que *a leitura não é nenhuma actividade natural nem de aquisição espontânea e universal. O seu domínio exige um ensino directo que não se esgota na aprendizagem ainda que imprescindível da letra-som, mas que se prolonga e aprofunda ao longo da vida do sujeito.*

Sabemos que ensinar a ler não é tarefa fácil, que exige vontade política, a que o Plano Nacional de Leitura está a procurar dar resposta, mas demanda também uma adesão colectiva, afectiva e efectiva de todos nós.

Estamos possivelmente perante uma revolução maior do que a Copernicana, que vem exigir uma reinvenção do Homem, como pessoa, como profissional, e das instituições e práticas por este desenvolvidas, obviamente.

⁵ Opinião expressa pelo Prof. Doutor Vitor Aguiar e Silva, coordenador da Comissão Nacional da Língua Portuguesa, no discurso proferido na tomada de posse dos Membros dessa Comissão.

Perante o carácter cada vez mais provisório de tudo apraz-nos recordar Voltaire: *O estado de dúvida não é muito agradável mas o de certeza é ridículo*. Mais do que nos lamentarmos pelo actual estado das coisas interessa reunir esforços, parcerias, porque o problema da educação para a leitura diz-nos respeito a todos e a cada um em particular, razão porque reunir esforços será possivelmente a mais importante e necessária das estratégias a desenvolver. É questionando, experimentando, confrontando, debatendo, enfim comunicando, que conseguiremos agilizar, diversificar respostas, métodos que auxiliem na superação dos obstáculos que a leitura encerra e que permitam que o Amor aconteça. Assim diremos, com Fátima Sequeira (2002, p. 59) ... *é Proibido:*

Que cada escola não tenha uma Biblioteca.

Que os professores não saibam como ensinar uma criança a ler.

Que o professor não leia.

Que o professor não estimule o gosto pela leitura.

Que a criança não goste da escola.

Que a educação não seja a prioridade financeira no nosso País.

Na tentativa de contribuir para uma alteração dos resultados pouco confortáveis que, sucessivamente, têm sido apresentados, urge desenhar novos percursos, descobrir novas (inter)relações e sentidos, reflectir sobre o papel da escola.

1.1.1 - O que é ler?

De los diversos instrumentos inventados por el hombre, el más assombroso es el libro; todos los demás son extensiones de su cuerpo...Solo el libro es una extensión de la imaginación y de la memoria.

Jorge Luís Borges

Como refere Prole (2005, p. 31) *existe como que uma mudança de paradigma relativamente à definição do acto de ler que se consubstancia na passagem da leitura como descodificação à leitura como compreensão.*

Ler é comunicar! É ler o mundo que nos rodeia, é compreendê-lo, como disse Paulo Freire.

Ler, é como sublinha Chauveau (1993, p. 39) *devenir l'explorateur du texte* ou ainda, como escreve Bonnefoy citado por Poslaniec (2004, p. 9) *re carregamos as palavras dele com as nossas memórias ou as nossas experiências presentes*.

Ler é um processo moroso, contínuo e de grande complexidade. A este propósito recordemos, como nos conta Sim-Sim (2001, p. 51), o grande poeta e dramaturgo Johann Goethe que, quando questionado sobre o momento em que aprendera a ler, afirmou ter necessitado para tal de 80 anos e não ter a certeza de já então o ter conseguido.

Ler não é só adquirir a técnica da leitura, mas sim, um acto singular, um hábito continuado, uma procura, uma prática constante que deve ser desejada, geradora de prazer e realizada de forma autónoma. A competência leitora é directamente proporcional ao envolvimento activo com a palavra, às experiências de vida, ao conhecimento do mundo, aos itinerários de leitura que cada um percorreu até ao momento, ou seja ao seu universo de referências. Citando ainda Prole (2005, p. 32) *a leitura é o pensamento em busca da compreensão do sentido, não tão só debaixo do estímulo da palavra escrita, mas dos múltiplos ecrãs que a vida nos apresenta e que a sociedade pós-moderna multiplicou e fragmentou*.

Ler⁶, sabe-se hoje, não é de facto o mesmo que entendíamos por ler no passado. Nessa altura pensava-se que o sentido do autor estava no texto e que ao leitor estava destinado o papel de o decifrar. Hoje, sabemos que ler implica interacção e que formar um leitor competente implica o desenvolvimento de competências cognitivas indissociáveis da compreensão. Para Smith citado por Azevedo (2007, p. 2) *na ausência de compreensão do texto escrito reside o que diferencia um bom leitor do mau leitor*.

Ler, não é decifrar o sentido, mas sim encontrar-lhe sentidos encontrando-nos, o que envolve esforços e processos de descodificação que se tornarão tão mais eficientes e automatizados quantas as experiências de leitura realizadas, a sua diversidade e riqueza. Como afirma Manguel (1998, p. 50) *é necessário ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de transportar na mente*

⁶ Tendo o texto como unidade maior de comunicação.

bibliotecas íntimas de palavras lembradas, são capacidades extraordinárias que adquirimos através de métodos incertos.

A leitura é pois o encontro entre texto e leitor tendo por mediador o livro. Um encontro activo em que o leitor intervém e se apropria do texto de uma forma activa e em função dos seus *imagos*, da sua formação sociocultural. Esta depende não apenas do contexto, mas também do tipo de texto e da intenção que motivou à leitura deste. Num livro temos a convergência da arte da palavra e da forma, ambas contribuindo para despertar a sensibilidade, a imaginação e a criatividade, constituindo-se como veículos de sentimentos e emoções.

Ora, para que este encontro resulte em prazer, para *ir ao encontro da vida*, como escreveu Sartre (1987, p. 42), há condicionantes que importa considerar, há estratégias intrínsecas e extrínsecas a explorar. De entre as primeiras sublinho a apresentação estética do livro, da forma à ilustração e, relativamente às últimas, destaco as circunstâncias em que o encontro ocorre, com relevo para o envolvimento familiar, escolar e a animação leitora como ferramenta indispensável para o aprofundamento de ambos.

1.1.2 - Leitura e literacia

Como afirmava Vigotsky, (1991, p. 39) *a aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.*

É na família e antes desta, dentro do útero que a criança entra primeiro em contacto com os sons, com a “música e o afecto” das palavras. Quando nasce conhece, distingue já sons, a voz da mãe é um deles (e posteriormente a dos familiares mais próximos) e o mais importante, porque a ele se associa também afecto e protecção.

Os livros de pano, pelo prazer que devolvem na sua manipulação, podem muito bem tornar-se como as velhas fraldas de pano, ou o peluche (que não dispensávamos para adormecer ou quando nos deixavam no Jardim de Infância) no objecto transitivo, que tornará menos dolorosa a separação/ausência da mãe. É sobretudo nos braços da mãe, que ouvirá as primeiras palavras, os primeiros jogos com estas, as primeiras rimas, as primeiras canções, as primeiras histórias e onde realizará as suas primeiras “leituras”.

Nos dois segundos anos, segundo afirma Inês Sim-Sim (2001), dá-se início a uma fase de *enamoramento com os livros* durante a qual é importante que no ambiente familiar se possa processar o encontro com o livro nas situações mais diversas e com o mais variado tipo de livros (de plástico, pano, folhas duras, com ou sem texturas, com ou sem som, etc.) com vista à familiarização, indispensável para que qualquer relação afectiva se estabeleça.

E, como especialmente nestas idades *em que o Mundo é uma realidade a chupar*, em que qualquer relação que se pretenda ver estabelecida não dispensa a proximidade física, o apelo aos *sentidos todos*, é importante que estes contactos se estabeleçam livremente sem outra preocupação que não a de se apropriar, familiarizar, com o objecto, com o livro.

A leitura é uma aventura afectiva e como diria Italo Calvino (2002, p. 150) *necessariamente individual, muito mais que a escrita (...)*.

Actualmente sabemos que conhecer o código linguístico não é suficiente para saber ler. Como sublinha Koch (2001, p. 46) *o texto é uma estrutura viva, em processo de carácter verbal, sócio - cognitivo e cultural cujo sentido está em permanente construção*, da qual ele funciona como mola propulsora ou base de sustentação. Não basta ensinar a ler mas é preciso que o aluno compreenda o que lê, dele saiba extrair, retirar e construir sentido(s).

A leitura é um processo muito complexo que exige continuidade, exigência e amadurecimento, e construir uma sociedade leitora envolve um empenho enorme e continuado pelo que tem de ser uma responsabilidade partilhada para que resulte numa experiência pessoal realizada com prazer.

Não podemos esquecer que para muitas crianças a escola desempenha um papel capital na divulgação do livro e da leitura, pelo que se torna muito importante realizar neste espaço pedagógico uma abordagem intelectual e afectiva estimulante e um crescente investimento na sua capacidade relacional.

Hoje, em plena sociedade de informação, a escola deve ser capaz de se abrir a uma pluralidade de espaços onde a sua contribuição para o desenvolvimento de práticas de literacia possa efectivar-se. Assim, ampliando o acesso ao livro e à leitura e procurando o reconhecimento social da sua importância, contribuiremos para a formação de cidadãos activos, críticos e participativos.

Cada um de nós transporta consigo a sua história de carácter muito pessoal da maneira como começou a relacionar-se com os livros e a leitura de forma voluntária e, uma pré-história sabida ou (pre)ssentida de como tudo se processou. Sabemos que tudo começou através da voz, com a qual revestimos de afectividade as palavras e podemos assumir-nos como, um de entre muitos, testemunho vivo de como o mundo individual se cruza com o profissional e o influencia e determina. Este é um percurso individual que pretendemos partilhado e colectivo. É a reflexão que se faz à procura de sentido para o caminho percorrido até então. É a necessidade sentida da reflexão contínua sobre o que sucede de uma forma cada vez menos homogénea ou rectilínea. Dar-mo-nos a ler para que a leitura se faça afecto, reflexão e encontro.

Aprender e ensinar a ler e a escrever são factos relevantes, funcionais e significativos quando aquilo que lemos e escrevemos tem uma finalidade, um sentido e responde às necessidades funcionais e aos interesses e às expectativas dos alunos, e quando a sua conquista é resultado de uma actividade partilhada e negociada entre aluno e professor numa escola participativa, cooperativa, flexível, integradora e democrática, que possibilite o encontro e o contacto quotidiano com diferentes textos e a interacção entre colegas.

Carvajal e Ramos (2001, p. 24)

1.1.2.1 - Concepções e pressupostos

Ler é um encontro entre texto e leitor, uma experiência única e singular, porque como escreve Paul Ricoeur, citado por Poslaniec (2005, p. 9), *compreender é compreendermo-nos em face do texto.*

Não ser capaz de ler, de acordo com Marina, citado por Sarto (2007, p. 11), *es, en último término, abdicar de la libertad.*

É pois largamente aceite e consensual, a ideia de que para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento harmonioso das nossas capacidades em plena sociedade da informação em que, constante e quotidianamente, vamos ver-nos requisitados para os mais diversos desempenhos (na

procura das mais variadas respostas frente a problemas cada vez mais complexos que exigem maior rapidez na solução), temos de dominar, pelo menos parcialmente, o capital simbólico que é a Língua.

Assim, a escrita inicialmente sagrada (hieróglifos), as Escrituras, apanágio de muito poucos, posteriormente alargada ao mundo profano, aos deuses menores, ou seja, ao indivíduo, torna-se critério de sobrevivência, de distinção, de sucesso, pretendendo-se a sua democratização, uma sua distanciação das elites, dos eleitos a quem estava reservada a sua posse e com ela conservado o Poder. Paulo Freire denunciou o interesse na manutenção da *cultura do silêncio* como forma de domínio sobre o outro, que incapaz de ser autónomo e de exercer uma reflexão crítica sobre o que o rodeia, desenvolve uma atitude passiva e acrítica.

Actualmente e, na sequência deste movimento histórico de democratização, de desapropriação e supressão da cultura a apenas grupos restritos, desta complexificação do mundo do qual se pretende todos sejamos leitores, e leitores responsáveis, activos e criativos, pretende-se criar condições para que todos possamos, perante uma realidade plural, desenvolver competências indispensáveis para um exercício pleno de cidadania.

O acto de ler para se efectivar necessita do preenchimento de determinadas condições do contexto social. Cada aluno possui sua história de leitura, uns foram influenciados pela família, outros não, uns possuíram um bom contacto com a leitura, outros foram obrigados a ler, tem também aqueles que nunca tiveram contacto com a biblioteca. Ler é, numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância.

(Silva, 1993, p. 49)

Na impossibilidade de dotar todos os indivíduos das competências necessárias para obtenção de sucesso e para evitar as assimetrias sociais cada vez mais cavadas que já se fazem adivinhar, urge recrutar leitores e, para que tal aconteça, não há poder de improviso que nos valha, nem acontecimentos pontuais e esporádicos que nos permitam concretizar projecto de tamanha envergadura. Esta é uma luta de todos, um projecto a desenvolver por e com todos. O carácter de urgência de uma intervenção capaz de inverter esta situação já foi decretado, falta agir com cumplicidade, comprometimento e seriedade.

Como Alberto Manguel escreve⁷ *la lectura es una actividad que há despertado siempre un entusiasmo limitado en aquellos que detentan el poder.*

1.1.2.2 – Dinâmicas/ estratégias desenvolvidas em torno da leitura

A liberdade, a prosperidade e o progresso da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse das informações que lhes permitam exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

(Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, 1994)

Hoje em dia, a economia é alimentada não pela mão-de-obra, mas pela inteligência do trabalhador. Uma nova comunidade emerge e com ela um capital apátrida, globalizado. Noam Chomsky (1998)⁸ afirma mesmo que *o grande problema da população intelectualmente subdesenvolvida não é o de falta de informação, mas o de falta de entendimento.*

Na actualidade vive-se um momento privilegiado em que, alertados para a necessidade de repensar o universo social, se aposta no desenvolvimento de acções, projectos, iniciativas várias, com a assumida vontade política de convergir para o objectivo comum de promover hábitos de leitura como base para uma indispensável revalorização sociocultural.

Neste sentido como podemos observar no Plano Nacional de Leitura, encontra-se definido um conjunto de dinâmicas/estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar. De entre estas destaco, como principais acções a ter em conta no desenvolvimento deste projecto, as seguintes:

⁷ Comunicação de Alberto Manguel na Fundação Calouste Gulbenkian em Abril de 2007 com o título *Cómo Pinocho aprendió a leer*

⁸ in TRAMONTE, Cristiana (2004). *Religião afro-brasileira e cyberspaço:estratégias da tradição na modernidade.* Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 4. Temática Variada. Disponível em <http://www.cibersociedad.net>

- a) A promoção da leitura diária em Jardins-de-infância e Escolas de 1.º e 2.º ciclos nas salas de aula;*
- b) A promoção da leitura em contexto familiar;*
- c) A promoção de leitura em bibliotecas públicas e noutros contextos;*
- d) O recurso aos meios de comunicação social e a campanhas para sensibilização da opinião pública.*

Na convicção de que no apostar numa cultura de valorização do conhecimento individual de cada agente educativo e numa nova cultura de escola está a resposta para uma crescente humanização da sociedade.

Desta forma o acesso a livros, a estimulação/comunicação e o desenvolvimento de estratégias variadas de convite à leitura de forma sistemática e num contexto de liberdade com carácter lúdico, podem contrariar a leitura escolar de carácter sobretudo utilitário, quantas vezes responsável pela resistência e distanciamento dos alunos relativamente a esta.

Promover a leitura é favorecer o encontro com o livro e a literatura de uma forma contínua e sistemática recorrendo a estratégias que suscitem prazer. É no e pelo prazer devolvido que vamos estimular a compreensão leitora, a interpretação, a ligação entre leitor e texto. Assim, podemos entrar na esfera da vida privada, da sua intimidade, da descoberta do Nós e do Outro.

1.2 – A Escola

À escola é atribuída a grande responsabilidade do ensino da leitura. Como é sabido a criança quando entra para a escola transporta já o seu capital linguístico . Ao iniciar este novo percurso irá confrontar-se com outras variantes da língua materna, distintas daquela que conhece, e sobretudo com o português padrão/norma.

Esta nova etapa de aprendizagem da leitura e da escrita vai ser crucial para o seu sucesso e desempenho futuro como cidadão consciente e responsável. A aprendizagem da leitura e da escrita é ainda o mais valorizado e a exigência/desafio maior exigido à escola. De facto, é da

responsabilidade da escola a reflexão/alteração das práticas pedagógicas. Como referem Azevedo e Coutinho (2007, p. 35) *é sobretudo a Escola Básica que terá que encontrar o seu caminho para tentar, em conjunto com os seus parceiros sociais, descobrir mais espaços de diálogo com vista à promoção da leitura. Efectivamente, as experiências de leitura dos alunos do Ensino Básico surgem, como nos diz Poslaniec (2005, p. 12) (...) frequentemente ligadas a obrigações, a actividades meramente utilitárias.*

Assim e de acordo com a necessidade de desenvolver hábitos de leitura, sentimentos positivos para com os livros e de procurar combater a exclusão social, importa criar uma cultura de escola na qual todos sem excepção sejam encorajados a ler mediante programas eficazes de leitura.

Desse modo não há que desescolarizar a leitura, mas como defende Poslaniec (idem, p. 168) *reenquadrá-la. Acto que consiste (...) em modificar o significado de um dado facto, sem mudar o facto em si, o que apresenta muitas vantagens quando se procura obter uma mudança precisa com o máximo de eficácia e o mínimo de esforço (ibidem). Ou seja, como refere o mesmo autor, (...) a mudança torna-se então qualitativa e não apenas quantitativa.*

Atenta às mudanças operadas no tecido social a escola procura adaptar-se e desenvolver perspectivas pedagógicas inovadoras que favoreçam esta desejada adaptação da escola e do seu *modus operandis* às exigências que a actualidade impõe.

Hoje a escola acolhe no seu espaço uma pluralidade de actores, cada um portador de um *história de vida*, de uma cultura e expectativas próprias. Actores estes que, na sua heterogeneidade, exigem aproximações e respostas diversificadas conduzindo, inevitavelmente, a um repensar da escola e da docência. Torna-se, portanto, necessário (re)pensar o quotidiano escolar, (re)avaliar de forma continuada, individual e colectivamente a nossa intervenção, de maneira a desenvolver a capacidade de chegar a todos, a encontrar um outro equilíbrio no novo modelo de sociedade em que vivemos. Só uma nova forma de agir e pensar, uma nova concepção de professor, poderá originar uma outra escola, um novo modelo educativo. Como refere Touraine (1996, p. 85-86), (...) *devemos fixar como objectivo principal da escola a formação de indivíduos capazes de serem pessoas responsáveis, de inovar, de se adaptar à mudança, de comunicar com o Outro, bem como de dominar as técnicas novas e de compreender o mundo em que vivem.*

Assim, sabendo que escola e biblioteca escolar surgem, para a grande maioria, como lugares privilegiados de contacto com a informação, com os livros e a leitura, constituindo ainda para alguns o único local onde se torna possível esse encontro, há que promover a comunicação entre estes dois universos. Dependendo dos docentes, da sua prática, da sua trajectória e da reflexão que fizerem, a Escola poderá constituir-se como uma abertura para o mundo ou um obstáculo à inteligibilidade deste.

Esta necessidade de procurar vias alternativas, de reestruturação e redefinição do nosso papel enquanto docentes, reflecte-se em todos os aspectos, sejam eles de carácter pessoal, organizativo ou curricular, e tem vindo a acentuar-se nos últimos anos em virtude da escola e da sociedade serem chamadas a responder a novos e constantes desafios.

1.2.1- Espaço aberto à participação efectiva

As escolas esses locais de encontros e desencontros possuidores de um clima e “ethos” próprio, determinado pelas normas explícitas e implícitas que as regulam, movem-se numa lógica compósita de diferentes racionalidades, sendo sempre marcos referenciáveis para muitos dos que as habitam

(Rocha, 2001, p. 85)

Daí que encontremos no tecido escolar filosofias e maneiras distintas de actuar e, consequentemente, distintas posturas quanto à abertura do espaço escola ao exterior.

Dessa forma e após o surgimento do Plano Nacional de Leitura (PNL) e da necessidade por este evidenciada de reunir e congregar esforços com um objectivo comum, o de formar leitores, o papel da escola sofreu já algumas alterações no seu *modus operandis*, abrindo-se à comunicação e participação, quer entre docentes, quer com os encarregados de educação, com a biblioteca escolar ou com a comunidade, fomentando parcerias com fundações e associações culturais, instituições ligadas ou não à educação, no sentido da sustentabilidade de projectos/acções, da divulgação e mobilização da opinião pública. Enfim com o PNL e a reflexão que este tem provocado e fomentado, anuncia-se já uma nova *praxis* que, como escreve Azevedo (2006, p. 7) *busca evitar um leitor cujo comportamento interpretativo se situe exclusivamente ao nível da linearidade do*

texto. Desse modo, novas práticas acontecem como resposta a mudanças surgidas tanto a nível individual como colectivo, onde o papel de todos e de cada um tem de ser reequacionado, com vista à exploração de outros Mundos, outros Universos, à descoberta de novas formas de interagir, que nos levem a (re)viver e atribuir novos sentidos à leitura.

A comunicação também se motiva e é através dela e da sua prática que poderá surgir uma nova narrativa que possa transformar a escola *numa comunidade de sujeitos que constroem de forma colectiva a compreensão das suas tarefas e estratégias profissionais* (Elliott, 1990, p. 246). Nesse sentido tal como Solé (2006, p. 14), (...) *creo que la enseñanza de la lectura no es la cuestión de un curso o de un professor, sino una cuestión de escuela, de proyecto curricular y de todas las materias en que interviene (existe alguna para la que no sea necesario leer?)*.

1.2.2 – Que espaço para a oralidade?

Uma das mais importantes funções da Língua é favorecer, estabelecer a comunicação, ser um veículo de pensamento entre falante e ouvinte. Comunicar é uma necessidade intrínseca de todo o ser humano pois que não existe nenhuma actividade humana que não esteja dependente desta.

A oralidade é considerada como a forma de comunicação mais antiga, mais utilizada no nosso quotidiano por ser espontânea e natural pelo que se afirma que o homem é naturalmente falante e ouvinte e só posteriormente leitor e escritor. Apesar da oralidade ter sido a primeira forma de comunicação (para além da gestual), a verdade é que o seu papel após o surgimento da escrita passou para segundo plano, notando-se a partir daí um claro desinvestimento nesta, como se não houvesse necessidade da sua prática, uma vez que esta se encontra presente em todas as actividades diárias.

A escola representa a cultura escrita, distante da cultura popular. A livre expressão oral surge no entrecortar de matérias programadas na rotina diária e nos espaços exteriores à sala de aula. Só muito recentemente se começou a ouvir falar em oracia e urge sensibilizar, reflectir e falar sobre a sua importância.

Entendendo oracia *como a capacidade de cada indivíduo compreender, usar e reflectir sobre os textos orais*,⁹ em plena era da informação e da comunicação e, no mundo das relações no qual somos constantemente e em diversos contextos solicitados a intervir e participar oralmente, é indispensável que esta se torne objecto de reflexão e de investimento. A capacidade de esgrimir a palavra (re)converteu-se¹⁰ em sinónimo de poder, tornando-se indispensável a mestria do seu uso, da qual dependerá como sublinha Cox (1991, p. 125) (...) *a aprendizagem e a avaliação de todas as restantes capacidades escolares (...) logo a realização profissional de cada um.*

1.3 – O papel da família

Actualmente sabe-se a importância insubstituível do envolvimento familiar em todas as etapas do crescimento das crianças e ao longo de toda a escolaridade. O seu futuro social e profissional está sobretudo nas mãos desta e da escola, agentes educativos que maior influência vão exercer sobre o seu desenvolvimento sócio/afectivo e cognitivo. Apesar de existirem já directivas e estudos¹¹ no sentido de a escola se abrir à participação dos pais/famílias, mantém-se ainda uma clivagem sociológica na sua participação, barreira esta que não é susceptível de uma rápida transformação e que tem vindo a ser apontada como relevante para o insucesso escolar.

Assim, sendo a família o primeiro e mais importante mediador entre a criança e o mundo e a atitude desta fortemente determinante para as suas posteriores aprendizagens, torna-se imperativo desenvolver estratégias e assumir compromissos para que a relação escola/família seja eficaz. De acordo com Silva (2003, p. 156) *a relação entre escola/família constitui uma relação entre culturas* pelo que surge a necessidade de *construção do professor intermulticultural* (Stöer, 1994, p. 17) e *a invenção de uma pedagogia intercultural*, como sublinha Vieira (1995, p. 138).

Da relação escola/família depende portanto, a reconceptualização da escola e consequentemente da sociedade. Em consonância com o que afirmámos, o PNL lançou vários tipos de iniciativas que envolvem a família considerando-a como uma área de intervenção a privilegiar. Deste modo, pelas já supracitadas razões, esta deve ser um aliado indispensável, com a

⁹ repositorium.sdum.uminho.pt/dspace/bitstream/1822/4260/1/DidácticaOralidade.pdf. Acedido em 17.12.08

¹⁰ O espaço público actual, os *media*, são a (re)contextualização da *Ágora* na Grécia Antiga onde o uso da força era substituído pela habilidade e eloquência no uso da palavra.

¹¹ SILVA, Pedro (1994). *Relação escola-Família em Portugal 1974-1994: Duas Décadas, Um Balanço*. Inovação, vol.7, 3, 307-355. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.

qual as parcerias devem ser renovadas, intensificadas e consolidadas, quer com o objectivo de reconfigurar a escola, quer para potenciar a cidadania, quer para o sucesso de um projecto de leitura com a envergadura do PNL. Neste aspecto cabe à Biblioteca Escolar um importante papel na mobilização/intervenção junto dos pais.

São inúmeros os projectos passíveis de estabelecer uma *cultura de parceria*. Projectos esses entendidos como (...) *espaços de exercício de direitos e de construção de mecanismos de deliberação democrática* (Correia, s/d, p. 21) capazes de desenvolverem uma maior consciência social dos problemas, enunciando valores a defender ou a promover, bem como favorecendo o estabelecimento de compromissos entre todos, intentando novas regras de convivência e convívência, viabilizando e restabelecendo novas práticas comunicacionais.

Neste longo e nem sempre fácil trajecto os professores/educadores e todos os *outros mais* ao tentarem passo a passo fazer emergir um colectivo onde há sempre necessidade de construir respostas para situações complexas que enfrentam e onde nem sempre há lugar para decisões unipessoais, terão que abandonar algumas das suas certezas e *trabalhar a incerteza como único lugar de onde é possível trabalhar de novo certezas provisórias* (Freire, 2000, p. 18)

1.4 – O papel da Biblioteca Escolar

Numa sociedade como a nossa, onde se assiste à produção de crises e à naturalização da tragédia e da barbárie, a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata de modo que os processos de leitura possam estar directamente vinculados a um projecto de transformação social.

(Silva, 1998, p. 33)

Como afirma Lanaspá (2002, p. 52), *allí donde se mantengan los métodos tradicionales de enseñanza las bibliotecas escolares son perfectamente prescindibles*. No entanto, neste mundo contraditório e bastante fracturado, caracterizado pela compressão cada vez mais intensa do tempo e do espaço, e despojado de quadros explicativos susceptíveis de organizar de uma forma coerente o desenrolar dos acontecimentos que vamos vivenciando, vai-se apoderando de nós a urgência de quebrar algumas rotinas ao presentirmos a emergência de novos paradigmas, criando novos

conceitos, imaginando novas ideias, removendo alguma cultura instalada e gerando novos horizontes de possibilidades, de aspirações e de esperanças.

O momento presente é de consciencialização, de reflexão, de revisão, de reencontro e talvez de construção de novos espaços, de novas identidades que possam criar um equilíbrio sábio entre a visão pessoal de cada um e a circunstância que o envolve. O espaço, o lugar, poderá ser uma condição *sine qua non* para pensar as coisas ou para determinar aquilo que se pensa. Desse modo a responsabilidade que cada um assume ao pretender organizar o espaço que o cerca ou onde se move, surge pelo simples facto de saber que essa organização pretendida, tendo de responder e atender à circunstância, nunca é por ela determinada e de saber ainda que, uma vez organizado, o espaço constitui igualmente circunstância. O “acontecer”, para além de ser a essência de um mundo revelado no tempo e no espaço, é fundamentalmente determinado pela própria situação específica, concreta e singular.

Digamos que a fragilização dos mecanismos de securização foram criando novos individualismos que se foram construindo na desagregação dos quadros de referência, assegurados nas sociedades tradicionais pelos mitos e pelas crenças, urgindo a reabilitação do local, da *comunidade de pertença*, de um espaço onde as subjectividades possam ser investidas, onde o pragmatismo possa ser substituído pela reflexão e o contentamento pelo prazer, onde o «*contar histórias*» *que tenham em conta os nossos sonhos, os nossos ideais, as nossas utopias realizáveis*, (Correia, 1999, p. 21) possam ter lugar. Assim, a Biblioteca e o(a) bibliotecário(a), que é quem estabelece a relação com os leitores, deve tecer este espaço como um enredo vivo e apaixonante.

(...) se a biblioteca é, como pretende Borges, um modelo do universo, tentemos transformá-lo num universo à medida do homem e, volto a recordar, à medida do homem quer dizer alegre, com a possibilidade de se tomar um café (...) isto é, uma biblioteca onde apeteça ir, e que se vá transformando gradualmente numa grande máquina de tempos livres...

(Umberto Eco, 1998, p. 44)

A Biblioteca deve ser pois uma estrutura dinâmica, viva, que se constitua como um indispensável recurso educativo, como importante e insubstituível centro disseminador de informação. Aqui se alberga, na nossa opinião, o que mantém aceso o apetite pela literatura, que é

a eterna procura da transcendência, do mágico, do desconhecido. Aqui, reside pois a importância de que os mediadores (independentemente de quem eles sejam - pais, professores ou outros) se revestem na promoção da leitura e dos prazeres que esta encerra. São eles quem convida a, abrindo as portas às palavras, como diria Bachelard (2001, p. 8) *sonhar a linguagem, a dar ouvido a todos esses concertos*

Cada texto, cada obra, é um Mundo aberto de possibilidades, à troca, à relação, à interpretação, à emoção, ao gozo, ao imaginário. *Ler*, como dizia uma das crianças envolvidas neste projecto, *é sonhar com o que está escrito*.

Ler é, na verdade, uma experiência singular e individual entre texto e leitor que não é passível de generalização uma vez que a mestria da leitura, a sua história de vida, a sensibilidade, o seu repertório de leituras, a memória, os ecos e as ressonâncias do leitor, são aspectos da sua individualidade e singularidade que se vão ver envolvidos neste processo.

E, tal como cada leitor, segundo Michel de Certeau citado por Poslaniec (2005, p. 9), *inventa nos textos algo diferente daquilo que era a sua intenção*, também cada leitor lê segundo algum objectivo ou finalidade e estes por sua vez poderão naturalmente intervir na interpretação a extrair. Daqui podemos concluir que o texto é uma leitura em construção em função do leitor/receptor. No encontro entre texto e leitor estabelece-se um diálogo, somos “operários” na construção dos sentidos. Citando de cor, já Cervantes pedia que o recordassem não pelo que escreveu, mas pelo que deixou de escrever, referindo-se aos espaços em branco ou indeterminados que conduzem ao compromisso/diálogo entre texto e leitor.

Este diálogo só poderá acontecer se o encontro com este objecto (desconhecido de alguns) for *prazeroso*, for *como andar de bicicleta*, pois que quanto mais andarmos melhor o desempenho e consequentemente o prazer gerado. Não há receitas para nos deixarmos deslizar pela magia das palavras e como Pennac (1993, p. 11) adverte, *o verbo ler não suporta imperativo*.

Antes de cada leitor ou futuro leitor *adentrar*¹², acolher as leituras nos livros, há um primeiro encontro que é determinante e decisivo para as suas posteriores atitudes para com a língua e os seus mais diversificados suportes, para com a vida e a realidade em geral. Não podemos

¹² Termo usado por Bachelard no seu livro *A Poética do Devaneio*

desperdiçar momentos e muito menos leitores, pelo que os livros e os espaços que os acolhem devem ser tratados com veneração e a “ousadia” de quem os ama e os trata por TU e necessariamente sabe lançar, exercitar e desenvolver estratégias de aproximação e fruição destes.

Ao professor bibliotecário poderíamos chamá-lo de o sonhador das palavras, ou, como diria Gallimard citado por Bachelard (2001, p. 45) *se estivesse mais seguro do meu ofício, eu colocaria altivamente a placa: Desenroscam-se palavras, raspador de palavras, desencrostador de vocábulos*, um nome muito mais sedutor do que o anterior, mas convenhamos que muito menos adaptado à actualidade. Assim, a este profissional, impõe-se actualização e formação permanentes, o reequacionar tudo, o exercitar e desenvolver o hábito de continuamente questionar a sua acção com o objectivo de possuir uma clara visão e definição do caminho que pretende trilhar, o que conduzirá a uma resposta mais adequada a um melhor desempenho com uma economia de esforços que lhe devolverá mais tempo para investir onde e no que de facto acha importante.

Efectivamente é de extrema importância sublinhar que, sendo o domínio das técnicas (biblioteconómicas, entre outras), indispensável ao novo perfil que esta nova realidade impõe ao professor-bibliotecário, outras se revestem contudo de idêntica importância para as exigências actuais. Ao contrário do profissional alheio ao mundo ao seu redor, o bibliotecário deve possuir um perfil multi-abrangente, capaz de responder a uma realidade multifacetada, o que implicará sobretudo permanecer um eterno estudioso, estar atento a tudo quanto o rodeia, desenvolver uma postura de abertura constante, enfim, construir uma identidade profissional tão sensível e complexa quanto o “material” com que trabalha. É isto, a que Pierre Levy, chamou de “migração de competências” que se constrói no, com e através do tempo.

1.4.1- O papel do professor-bibliotecário

How do teacher-librarians fit into the big Picture that is emerging from road educational reforms and restructurin?

(Rhona, 2002, p. 6)

Procurando responder de uma forma breve a esta interrogação de Rhona, os professores-bibliotecários serão, a nosso ver, peças fundamentais nesta inovação que se impõe porque, sendo as bibliotecas escolares *núcleos restructurantes del currículo*, a estes caberá a enorme

responsabilidade de formar todos os professores em geral sobre o uso, função e potencialidades das bibliotecas, de os introduzir e conduzir a novas práticas – interdisciplinaridade, transversalidade, cooperação e colaboração, autonomia, trabalho em rede, entre outras – de desenvolver o hábito de continuamente reflectirem e avaliarem os seus procedimentos e atitudes. Pretende-se deste modo um profissionalismo interactivo, comunicante, activo e empreendedor. Assim, bibliotecas e professores bibliotecários são simultaneamente objecto e alavanca de mudanças sociais.

A solução para superar estes obstáculos está pois numa mudança de mentalidades que, apesar de lenta, se torna indispensável perante os sinais de modernidade da sociedade da informação. Mais uma vez a aposta está no Homem, na sua capacidade de se reinventar, de se reequacionar, no redescobrir da sua dimensão pessoal, *exercitando, perseguindo e aperfeiçoando um conjunto de qualidades* que, na opinião de Martins (2002, p. 76), são:

- *a abertura ao outro e à diferença;*
- *a disponibilidade e o acolhimento criativo;*
- *a escuta e o relacionamento empático;*
- *a presença e a afirmação própria;*
- *o gosto pela interactividade humana;*
- *o uso da espontaneidade, da sensibilidade, do equilíbrio emocional, da criatividade e do espírito de iniciativa;*
- *a predisposição para favorecer a entreaajuda, a solidariedade e a cooperação;*
- *a curiosidade intelectual e artística, o sentido da organização e o estudo metódico;*
- *o sentido activo da liberdade, da responsabilidade, da tolerância e da Paz.*

Resumo

Ao longo deste capítulo procurámos caracterizar a acção individual e colectiva dos vários elementos que constituem a tríade Família/Escola/Biblioteca. Nesse sentido debruçámo-nos sobre a especificidade destes conceitos de uma forma não exaustiva tendo em vista a importância crucial da interacção que urge aconteça entre os diversos elementos que compõem a tríade em questão. Colocámos, portanto, o enfoque, num trabalho que se pretende comum e comunicacional e que tem como finalidade um novo olhar sobre “velhos” conceitos, uma nova visão sobre uma multiplicidade de espaços que se pretendem transformar, de forma a responder às necessidades socioculturais contemporâneas, através da alquimia do encontro e dos papéis a desempenhar pelos diferentes agentes educativos. Face aos elementos apresentados e à descrição de algumas linhas de força que foram emergindo no decorrer da explanação traçada, ressalta, com alguma evidência, a necessidade de investimento na interacção e formação dos elementos que compõem estes três eixos indispensáveis ao desenvolvimento de dinâmicas impulsionadoras do gosto pela leitura.

Na segunda parte, daremos o testemunho de um projecto de leitura lançado na biblioteca escolar dos Castelos do Agrupamento de Maria Lamas que, procurando uma abordagem interactiva, lúdica e diversificada da literatura infanto-juvenil, em espaços formais e não formais, pretendeu formar e informar todos quantos nele participaram para a compreensão de que a leitura resulta de um compromisso e de uma reflexão comum, de um processo longo, continuado e exigente, realizado com prazer, aberto e participado.

No enquadramento empírico, para além da abordagem à figura do contador de histórias, personagem histórico que esteve na origem da criação e organização deste Clube de Pais Leitores, procuraremos descrever a estrutura e objectivos deste Clube, bem como os elementos facilitadores e constrangedores surgidos. Numa primeira abordagem equacionámos todos os momentos do processo a que posteriormente daremos a forma narrativa. Com ela procuraremos responder às nossas próprias necessidade de reflexão e aprofundamento relativamente à conquista de novos públicos leitores, contribuindo, de certa forma, para mais um momento de reflexão que quisemos alargada, sobre a leitura.

II PARTE – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

Capítulo II – O Clube de Pais Leitores do Agrupamento Maria Lamas: Um projecto de narração de contos.

Neste II capítulo iniciar-se-á a abordagem ao projecto de narração de contos que decorreu na EB1 dos Castelos do Agrupamento referido. Numa perspectiva histórica, debruçar-nos-emos sobre a figura do contador de histórias e sobre a inevitável reconfiguração, na actualidade, do perfil desta personagem tão importante na arte de contar histórias e de nos conduzir a um certo imaginário que nos encanta. Descreveremos ainda a criação e organização da estrutura do Clube de Pais Leitores surgido no âmbito do já mencionado projecto.

2.1 – Os contadores de histórias

*E com um lento aceno
De quem muda a folha
Dum livro ou do pensamento,
O contador concluiu:
- A história que vou contar
É, nem mais nem menos,
Do que uma história circular
Como vão já, já, já,
Poder observar.
Ora façam o favor de reparar...*

In *Conto Contigo* de António Torrado

Desde os tempos mais remotos, mais propriamente desde a Grécia Antiga, que a palavra se tornou sinónimo de poder. Era na *Ágora*, os *mass media* da altura, que eram discutidas publicamente questões políticas e sociais, lançadas opiniões, questões e perplexidades várias. O uso da força foi substituído pelo “esgrimir” da palavra, pela habilidade e eloquência na sua

utilização. Naquele espaço todo e qualquer cidadão¹³ era livre de argumentar, de exprimir as suas ideias, de questionar outras ou ainda de se questionar a si próprio. A utilização e domínio quotidiano da palavra eram acalentados nesta praça pública onde teve início o que agora chamamos de democracia. As questões que hoje se colocam na Semiótica (polissemia, poliformia, entre outras) eram já aí largamente e entusiasticamente experimentadas e ensaiadas. Os atenienses perceberam que a palavra auxiliava a acção, sentindo necessidade de levantar questões, de reflectir e ponderar, uma vez que sendo toda a questão mais ou menos obscura, só o desmontar das mesmas conduziria ao conhecimento.

Hoje, na era da *comunicação transbordante* (Jeudy, 1995, p. 113) onde a informação é extensa e intensivamente gerada e gerida, falta-nos o ócio dos filósofos gregos para nos podermos deliciar, saborear e deslumbrar com as palavras e o seu uso. Afinal é da mestria da articulação da palavra, da sua apropriação, da cor, luz e movimento que lhe conferimos que são feitos aqueles instantes tão próximos do sagrado que se chamam histórias.

Assim como o Mito e as Lendas, também as histórias, nos falam da experiência humana atemporal. *É um tempo ontológico por excelência, “parmenidiano”: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota* (Eliade, 1953, p. 82). Mito e linguagem são indissociáveis pelo poder social da palavra, que para as primeiras civilizações terá sido o único recurso para passar do caos à ordem, para dar sentido à vida. A palavra detentora desta força sagrada, a palavra mágica, encontramos-la ainda como ingrediente fundamental (presença mais ou menos sensível) na literatura infanto-juvenil actual. A palavra que tal como o mito conduz a uma pluralidade de leituras, misto de real e insólito, de concerto e desconcerto, fascinação e trampolim para o imaginário, que responde às necessidades e características psicológicas da criança, continua a ser a chave da perenidade das histórias e de um desenvolvimento harmonioso.

Nada resiste à palavra mágica. (...) Fisicamente a palavra pode ser declarada impotente, mas logicamente ela é elevada a uma posição mais alta, na verdade a mais alta de todas. O logos torna-se o princípio do universo e o primeiro princípio do conhecimento humano.

(Eliade, 1953, p. 184)

¹³ À excepção das mulheres, escravos e estrangeiros.

Também o carácter lúdico presente no mito se encontra na arte e na literatura. As festas e rituais míticos serão tratados como verdadeiros antepassados das actuais cerimónias religiosas e políticas, assim como dos espectáculos teatrais e do acto de contar histórias.

As grandes actividades arquetípicas da sociedade humana são, desde o início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como, por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatar-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda a expressão abstracta se oculta uma metáfora, e toda a metáfora é jogo de palavra.

(Huizinga, 1996, p. 25)

E, como a actividade lúdica é geradora de prazer e interesse esta é uma forma naturalmente estimulante de conduzir o grupo e cada criança em particular através do fascinante Mundo da leitura, de recuperar e/ou conquistar novos leitores. Assim como *o jogo conduz a vida* também o universo lúdico conduz à aprendizagem. Aliás, nas palavras de Sarto (2007, p. 21) *Ya em 1928, José Mallart Y Gutó afirmaba: El niño cuya actividad educativa há participado de los elementos del juego será el hombre que pondrá en el trabajo seria de la vida la alegría estimulante que hace de la existência un eterno juego.*

Alguns exemplos-modelo do envolvimento com a palavra feita som, ritmo, impressão e regeneração foram: O xamã,¹⁴ mais tarde os bardos, os jograis que, entre outros, terão sido os primeiros contadores de histórias. Eles eram homens muito considerados pelos conhecimentos e memória que possuíam bem como por constituírem o elo entre o insólito e o real, o profano e o sagrado, o passado, o presente e o futuro. A cada narrativa o público era conduzido através do ritmo, do gesto, dos sons, da palavra a novas experiências, novas alternativas de vivenciar, experimentar, de conservar tradições, transmitir valores e de conhecer o mundo.

¹⁴ Xamã - espécie de sacerdote que pode "voar" para outros mundos, entrar em um estado estático e ter acesso e contacto com seus aliados, seres de outras dimensões e os espíritos ancestrais.

Não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje. Assim mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias ocuparam no passado o lugar que hoje concedemos ao livro infantil (...) Quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias.

(Cecília Meireles, 1984, p. 55)

Se, por um lado assistimos ao declínio, à extinção da arte de narrar que Walter Benjamin vincula à deficiência da troca de experiências no mundo moderno, à redução pela modernidade da experiência colectiva, à distância cada vez maior entre gerações e os grupos humanos, onde face ao individualismo crescente, a memória compartilhada, a arte de narrar precisa de encontrar nova forma de sobrevivência. Por outro lado, observamos uma tendência sensível para a recuperação deste espaço da oralidade. Surge assim o que Busatto (2005, p. 79) denomina de *contador urbano*, (...) *um movimento para a recuperação desta forma de comunicação. (...) Eles começam a aparecer aos poucos, ainda confusos sobre o significado de contar histórias, para quê e para quem contar, que visa retomar a arte da oralidade.* O objectivo contudo de prolongar aquela capacidade primeira de deslumbramento perante a palavra, permanece inalterável.

Tradição e modernidade são pares vizinhos. Ambos necessitam de uma atitude consciente de actualizar no presente os fluxos de reprodução da tradição e os fluxos de inovação sobre o futuro.

(Martins, 2002, p. 24)

O que é narrado, como afirma Ricouer (2008, p. 32), *é sempre a vida; contudo a vida como tal não forma por si mesma uma totalidade de sentido, mas totaliza-se pela narração. O sentido do tempo vivido, é sempre uma interpretação, nunca um dado imediato.* Quem não se recorda do prazer de criar e de se criar num jogo de palavras?

2.1.1 – O Perfil do contador de histórias

Partindo de algumas competências que Pimet & Boniface (1999, p. 43), referindo-se ao papel de animador, distinguiram e categorizaram como humanas, técnicas e de experiência, é possível traçar o perfil do contador de histórias.

Competências humanas – Tem de ser um excelente comunicador. De entre inúmeras características é de distinguir a disponibilidade para a escuta, o respeito pelo outro e suas convicções. Saber escutar (actividade de interiorização) e dar voz aos outros é uma característica intrínseca ao contador de histórias, ao mediador, que é o elo, o motor, o gestor da relação vivida. Estar convicto de que o desenvolvimento de projectos com os seus parceiros sociais é indispensável para a descoberta de novos espaços de diálogo. Dada ainda a importância do espaço e da sua organização como estímulo à leitura, este deve ser capaz de criar um ambiente favorável à recepção da narrativa, cuidando do espaço, convertendo-o numa estrutura de oportunidades, acolhedora, envolvente, sugestiva, capaz de favorecer ou convidar à sua apropriação pelos participantes. Um espírito aberto e a paixão pela leitura são determinantes no estabelecimento da relação de empatia e confiança necessárias ao sucesso da hora do conto.

Competências técnicas – Tal como sublinhei anteriormente, nada se desenvolve sem investimento efectivo e afectivo, sem experiência, sem o Know how (*o quê (?)*, *o como (?)*, *o para quem (?)* e *o porquê (?)* de *quem constrói o momento na interacção comunicativa*. Antes de mais tem de possuir conhecimentos literários sólidos, dominar algumas técnicas e estratégias de animação da leitura, ter alguma experiência viva e pessoal anterior, ter capacidades de análise e rigor, que lhe permitam desenvolver uma experiência de grupo planeada, intensiva e reflectida sobre a evolução e funcionalidade do grupo, do trabalho efectuado, das necessidades emergentes e claro, acreditar que, como Sarto (2007, p. 20), *el dinamismo del grupo, el valor del diálogo y la respuesta de cada participante logran el progreso lector del niño*. São ainda de salientar a sensibilidade, a curiosidade e conhecimento actualizado no campo da Literatura, a abertura, o espírito curioso, *uma visão eclética e pluralista de cultura artística*, como nos diz Nóvoa citado por Martins (2002, p. 77).

Experiência – Contar histórias é uma arte, e de acordo com Zumthor (2001, p. 19), o contador de histórias é um *performer*, *quando a comunicação e a recepção (assim como, de maneira*

excepcional, a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance. Assim, este deve ser um defensor da educação da sensibilidade, como forma de estimular a criatividade e a consciência do homem. Como defende Read (1958, p. 45) *é lentíssima a evolução da sociedade nas suas dimensões mais profundas, comparada à rapidez dos sonhos dos indivíduos.*

Deve ser sensível à confluência da *Arte-educação, Arte-jogo, Arte-expressão* na trajectória a empreender rumo à descoberta do prazer de ler. É condição indispensável basear-se numa abordagem lúdica, ser um bom leitor, conhecedor da multiplicidade de livros dirigidos a este pequeno público, gostar de contar histórias e dispor-se a aprofundar esta actividade que, como *homo ludens* lhe dá prazer, aprendendo e desenvolvendo técnicas e estratégias narrativas (corpo, voz, movimento e emoção). Obviamente há uma estrutura inicial traçada, não apenas absolutamente indispensável à equação com sucesso do projecto, mas que também permite, a princípio reduzir a surpresa, a indefinição, o desconhecimento que desencadeia a sua ausência e que pode comprometer à partida a acção.

Ser capaz de desenvolver um clima de segurança, a relação de confiança mútua e um sentimento de pertença, que permita aos elementos do grupo do Clube de Pais Leitores não só compreenderem-se melhor, mas ainda, tornarem-se conscientes do projecto a desenvolver para que haja uma maior liberdade, um aumento da comunicação, o surgimento de novas ideias e novas direcções.

2.2 – Estrutura do Clube de Pais Leitores e objectivos

Este Clube nasceu da vontade sentida de dar continuidade a um projecto de narração de contos levado a cabo por sete elementos , nos quais se inclui a coordenadora, no espaço da biblioteca escolar da EB1/JI dos Castelos do Agrupamento Vertical de Maria Lamas durante o ano lectivo de 2007/2008.

A ideia nascente deste projecto inspirou-se na Mandala *A Magia da Palavra* onde a riqueza e o poder da palavra são objecto central de reflexão, ponto de partida e de chegada.

Fig. I: Mandala – Magia da Palavra



Modelo optimal a gerir *in loco* no processo de comunicação dos contadores de histórias

Amílcar Martins (2007)

O homem pela voz invade o sagrado criando imagens, materializando acontecimentos, suscitando emoções e sentimentos subliminais, determinantes de um trajecto individual e colectivo rumo ao imaginário.

(...) é na linguagem que o cosmos, o desejo e o imaginário acedem à expressão; é preciso sempre uma palavra para retomar o mundo e fazer com que ele se torne hierofania.

(Gilbert Durand, 1969, p. 17)

A palavra é o fio mágico do discurso capaz de tecer a comunicação entre todos e cada um consigo próprio, de lançar o apelo ao encontro, à sensibilidade, à imaginação e criatividade, de humanizar o Mundo. A palavra é a união entre o homem e o mundo, ambos se constituindo como possibilidades a partir dela e com ela, encontro versus intimidade.

Na palavra temos a confluência da voz e da imagem evocada, da música e da arte, do *logos* e da imaginação.

O contador de histórias surge na (re)conquista de um espaço para a voz através desse profundo universo mágico da palavra que se faz memória, que se faz história, tentando revelar o poder latente e incomensurável da palavra feita voz.

Acreditando ser, a leitura de histórias, um dos instrumentos privilegiados para despertar e incentivar hábitos de leitura e formar leitores competentes, e partindo do que sabemos sobre ela e do entusiasmo que nos move esta forma de abordagem pedagógica, lançamo-nos neste projecto de animação da leitura.

Hoje sabemos que as actividades lúdicas, feitas com prazer baseadas na literatura de recepção infantil estão associadas ao desenvolvimento e aprofundamento do diálogo entre o livro e a criança.

A leitura da literatura feita por prazer, tem sido, por exemplo associada ao aumento das competências literárias em leitura e escrita, ao aumento da aquisição do vocabulário e ao aumento geral do conhecimento.

(Guthrie, 2004, p. 56)

Sabendo que apesar da vontade e da legislação apontarem para a importância e necessidade de envolvimento dos pais no quotidiano escolar, e de os próprios docentes estarem conscientes da importância de uma colaboração mais estreita entre estes e a escola, o que se verifica é que na realidade em muitas das nossas escolas, os tradicionais padrões de relacionamento com os pais ainda se mantêm imutáveis, devendo-se este facto a variados factores como o medo de intromissão na sua prática pedagógica e o hábito de trabalhar individualmente, entre outros.

Assim, sendo uma das principais acções previstas pelo PNL a promoção da leitura em contexto familiar e plasmada no Manifesto das Bibliotecas Escolares da IFLA/Unesco e no Programa da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) a necessidade de abertura à comunidade, propusemo-nos, acreditando no que até aqui tem sido explanado, desenvolver ao longo do ano lectivo de

2007/2008, na Biblioteca Escolar dos Castelos – Agrupamento Maria Lamas, um Projecto que envolvendo os pais favorecesse a redução da distância do poder paternal relativamente à escola que, como sabemos, é o primeiro e mais importante mediador de leitura.

Esta vontade reflectiu-se na criação já iniciada no anterior ano lectivo de um Clube de Pais Leitores associada a outras práticas lectivas de promoção da leitura. Esta iniciativa que assumiu no ano lectivo anterior apenas um carácter pontual e não sistemático, despertou o desejo, sustentado aliás pela importância do desenvolvimento de Projectos em Bibliotecas que envolvessem a participação dos pais e ou encarregados de educação, de investir numa intervenção adequada, orientada e sistemática nessa parceria, perseguindo os objectivos que nos tínhamos imposto alcançar e que considerávamos poder, numa próxima fase, experienciar de uma forma mais exhaustiva e plena.

Apoiando-nos na nossa ainda parca experiência, defendemos que a Biblioteca escolar, como “território neutro” é o local privilegiado para o convite à participação dos pais, constituindo-se por este motivo como um excelente mediador, na medida em que evita o embaraço que a invasão do espaço/sala causa. As salas de aula ainda permanecem como pequenos feudos e a presença de outrem é ainda sentida pelos docentes com desconfiança. Também os pais sentem a Biblioteca como um ambiente mais favorável ao diálogo, mais informal, onde ambos encontram uma relação mediada por um terceiro – eu (simultaneamente contexto) – cuja presença, inequivocamente, contribui para que a comunicação se estabeleça de uma forma mais livre, menos formal ou institucionalizada.

Nessa medida, importa pois envolver a família desenvolvendo atitudes facilitadoras de colaboração, criando condições para que os pais se interessem e partilhem com os seus filhos uma função vital da comunicação linguística, cultural e estética – a leitura.

Muitas vezes as famílias desconhecem as vantagens e virtudes da leitura e da comunicação, para o sucesso do seu filho. Daí a importância de que se reveste a promoção e desenvolvimento de actividades que, não só legitimem essa colaboração, mas que, igualmente, as auxiliem a terem uma consciência efectiva de quão importantes são as questões ligadas à leitura e literacia.

Não basta, no entanto, lançar ideias, há que criar condições para que a participação aconteça. A família deve estar consciente desta realidade e alertada para práticas que possam prejudicar/beneficiar o futuro leitor no seu percurso. Nesse sentido há que:

- Esclarecer as famílias sobre o papel actual da Biblioteca na comunidade escolar e a importância de que este recurso pedagógico se reveste na actualidade;
- Promover a tomada de consciência do carácter transversal da leitura a todas as áreas do conhecimento;
- Promover a consciência da importância da leitura como um fim em si mesmo e não apenas como um meio;
- Proporcionar tempo e espaço para a leitura por prazer, desescolarizada, recurso mais eficaz na conquista de novos públicos leitores.

Com o Projecto do Clube de Pais Leitores procurámos fomentar a participação dos pais de uma forma global, considerando como prioritários, nesta abordagem, os seguintes objectivos mais específicos.

- Compreender de que forma o Clube pode agir sobre as famílias, crianças e docentes;
- Que estrutura/metodologia e suas especificidades nos podem conduzir da melhor forma a resultados positivos;
- Compreender a importância dos mediadores;
- Contribuir para a tomada de consciência da indissociabilidade da tríade Escola/Família/Biblioteca escolar.

Este Projecto, tendo como referência o contador de histórias, que com a formação deste Clube vamos tentar descobrir em cada um de nós, envolveu variadas actividades ao longo do ano (2007/2008) tendo sido desenvolvido com um número restrito de pais e encarregados de educação

uma vez que se trata de uma primeira experiência com o objectivo de avaliar/auscultar a importância do mesmo, dos seus procedimentos e impacto na família, como célula por excelência da aproximação e indução à criação de hábitos de leitura.

O projecto assenta em três pilares, três contextos de desenvolvimento fundamentais – Família, Escola e Biblioteca Escolar - que se inter-relacionam entre si e na convicção de que a aprendizagem da leitura e a trajectória singular de cada um de nós nos bosques da ficção, é o resultado de uma implicação conjunta neste processo.

A família, pela carga afectiva que a caracteriza é o primeiro e mais importante mediador. Ela é a matriz e repertório na estruturação do comportamento da criança e portanto na forma como esta se vai relacionar com o mundo que a rodeia no qual incluímos, claro está, a escola e a biblioteca escolar, mediadores que secundarizam o seu crescimento. Este projecto terá por finalidade única reflectir com os pais sobre a leitura, sobre a importância desta para o desenvolvimento dos seus filhos, repensar a prática de leitura na família, na escola e na Biblioteca escolar.

- **A Família**, funcionando como modelo e desenvolvendo as primeiras representações do que é ler, do sentido e função da leitura, ou seja como mediador do 1º encontro.
- **A Biblioteca**, diversificando os contextos de relação com o livro e desescolarizando e multiplicando a leitura.
- **A Escola**, por sua vez, consolidando as leituras realizadas nos outros espaços.

Com esta breve alusão aos três elementos considerados de intervenção, que se pretendem colaboradores e de cujo contributo dependem os objectivos que nos propomos atingir, quisemos chamar a atenção para a necessidade do desenvolvimento de uma nova filosofia relacional que envolverá todos os agentes educativos e a forma como todos e cada um *per si* vivem a educação, ou seja, a comunicação.

Ora, quando nos lançamos em alguma aventura é indispensável adoptar uma filosofia que norteie a nossa acção de encontro aos objectivos que nos propomos atingir. A este propósito e partindo de um extracto do magnífico escritor Lewis Carroll, recordo a história de *Alice no País das Maravilhas* quando esta pergunta ao gato qual o melhor caminho para sair dali:

“*Para onde queres ir?* - perguntou-lhe o gato. *Para qualquer lugar* - retorqui Alice - *Mas... para ir a qualquer lugar, qualquer caminho serve* - exclamou o gato.”

Assim, e deitando mão desta preciosa *mais-valia* que é a família, o Clube de Pais Leitores iniciado no anterior ano lectivo como já foi referido, foi reformulado e pensado de uma forma mais estruturada e continuada, ou seja, com maior rigor. Antes porém houve necessidade de verificar o “terreno”, tentando descortinar os elementos facilitadores e constrangedores que possuíamos à partida.

Quadro 1 – Elementos facilitadores e constrangedores

Elementos facilitadores	Elementos constrangedores
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento profundo do contexto educativo - O bom relacionamento existente entre a biblioteca escolar e os pais. - A existência de um número crescente de pais e professores que se interessam e preocupam com as questões ligadas à leitura e literacia. - Crescente oferta de formação dirigida aos professores neste domínio. - Maior consciencialização da importância das Bibliotecas Escolares. - Valorização política crescente da importância das Bibliotecas Escolares. - Utilização e fruição da biblioteca pela generalidade dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desconhecimento da Literatura Infanto – Juvenil existente no mercado pelos pais e professores. - Desconhecimento da importância da Literatura Infanto–Juvenil no desenvolvimento da criança pelos pais. - Permanência em pais e docentes de uma imagem de biblioteca ainda muito tradicional. - A não existência de uma consciência efectiva das questões ligadas à leitura e literacia. - Com o ingresso na escola surge um desinvestimento na leitura e no prazer de ler e escutar. O livro passa a estar ao serviço do currículo e das práticas escolares. - Ausência de hábitos de trabalho colaborativo dos pais com a escola. - Resistência do corpo docente à leitura como fim em si mesma. - Inexistência de uma equipa afecta à Biblioteca Escolar.

Ponderados estes elementos, partiu-se de uma actividade colectiva de animação da leitura, porque muito especialmente nesta idade a leitura solitária, a actividade contemplativa que requer concentração, silêncio e imobilidade física, não é do agrado das crianças. Assim, sustentando-nos nas necessidades e especificidades desta idade e procurando que a desejada passagem da leitura colectiva para a individual se faça de forma progressiva e suave avançou-se com os pais em actividades de animação da leitura pretendendo criar sempre novos e renovados caminhos para a comunicação que nos permitam conquistar novos públicos leitores.

Etimologicamente animação significa, *sopro, alegria, entusiasmo, movimento, vida e iniciativa, criatividade, construção, reconstrução, superação de si e das próprias condições de vida* (Barbosa 2006, p. 121), vem de *anima*, de um eco de imagens e (...) *a anima lê muito. Ler, ler sempre, melíflua paixão da anima* (Bachelard, 2001, p. 62).

Desse modo, a arquitectura do projecto previu espaços de diálogo, de comunicação e de informação que foram equacionados da seguinte forma:

Primeiro Momento (Novembro de 2007 a Janeiro de 2008)

- 1 - “Contar” ao desafio.
- 2 -Quebra-Gelo
- 3 -O que é um Mediador de Leitura?
- 4 -Um livro para todos

Segundo Momento (Janeiro a Março de 2008)

- 5 -Ecos e ressonâncias afectivas
- 6 -O contador de histórias que há em nós.
- 7 -Viagem ao Mundo dos livros.

Terceiro Momento (Março a Junho de 2008)

- 8 -Descoberta da Animação da Leitura.
- 9 -Pôr em Acção.
- 10 -Retroacção e avaliação.

Estes espaços serão descritos pormenorizadamente na abordagem que será feita no capítulo seguinte, procurando-se através de um roteiro descritivo que engloba os vários momentos do projecto “contar” as várias etapas de todo o processo.

Resumo

Iniciado o enquadramento empírico, neste II capítulo da II parte, fez-se uma pequena resenha histórica sobre a figura do contador de histórias, bem como sobre a recuperação deste espaço de oralidade por ele ocupado, ao surgir, actualmente, o denominado contador urbano.

Para além da figura do contador de histórias e da descrição de um seu possível perfil, abordou-se a criação, e organização de um Clube de Pais Leitores surgido da necessidade verificada de estabelecer e reforçar pontes entre os vários agentes educativos e com o objectivo comum de conquistar leitores abrindo espaços de diálogo, de comunicação e informação. Foi feita ainda a descrição da sua estrutura e seus objectivos.

No capítulo seguinte, para além das opções metodológicas, serão descritos alguns dos instrumentos utilizados na recolha de dados, os sujeitos da pesquisa, bem como o roteiro descritivo onde são abordados de uma forma mais aprofundada os vários espaços e momentos de todo o desenvolvimento do processo, já afluídos no capítulo anterior.

Capítulo III – Metodologia

A metodologia escolhida para fazer face aos objectivos que nos propúnhamos alcançar é do tipo qualitativo, assentando numa via etnográfica associada a uma observação participante mais consentânea com o tipo de pesquisa que iríamos privilegiar.

Neste capítulo, para além das opções metodológicas mencionadas, serão elencados os vários instrumentos de recolha de dados e meios de registo, bem como os sujeitos da pesquisa e um quadro explicativo do número de intervenientes e anos de escolaridade no que diz respeito aos alunos. Constará ainda uma breve explicação de como se procedeu quanto à análise de conteúdo dos diversos registos, e apresentar-se-á um roteiro descritivo dos vários momentos constantes do projecto.

3.1 – Opções metodológicas

A presente dissertação foi desenvolvida segundo uma metodologia de investigação-acção, resultante da interacção dinâmica entre a acção e a investigação, entre a teoria e a *praxis*.

Assim, partindo da identificação de um problema concreto em contexto escolar e sentida a necessidade de procurar resposta ou uma melhor compreensão para o mesmo, decidimos analisar, examinar, investigar e proceder a uma reflexão holística¹⁵ do problema, fase a que chamaríamos de diagnóstico.

Foi, portanto, através de um “aprender fazendo” e de uma espiral de reflexão e acção que nos impúnhamos a cada passo, dado que novas ideias floresciaam e se abriam à nossa intervenção. A arquitetura que se foi assumindo, renascia mais intensa e forte com a escolha das estratégias pensadas, sua implementação e avaliação da sua eficácia.

O facto de termos podido gerar conhecimentos novos e de, com rigor, reflectir e co-reflectir, questionar e co-questionar, construir e co-construir conhecimento, investigar e co-investigar a

¹⁵ Entendimento integral dos fenómenos.

nossa própria prática como elementos endógenos no nosso próprio contexto, foi deveras gratificante.

Desse modo apoiámo-nos, nessa metodologia de investigação-acção, na qual investigador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. De acordo com Kemmis & McTaggart (1988, p.16), a investigação-acção significa:

Planificar, actuar, observar e reflectir mais cuidadosamente, mais sistematicamente e mais rigorosamente acerca do que costuma acontecer no dia-a-dia; significa utilizar as relações entre esses diferentes momentos do processo tanto como fonte de modificações qualitativas, como de conhecimento.

Em suma esta é uma metodologia que, aplicada sistematicamente, permite analisar e aprofundar de forma crítica, a relação entre aquilo que fazemos e o que é possível fazer, tendo como finalidade uma melhoria do nosso trabalho, procurando, não só mobilizar todos os recursos achados necessários para uma acção reflexiva e actuante, como também adequá-los às exigências de todo o processo que, por definição, terá que ser dinâmico.

Constatámos que a investigação-acção ao constituir-se como um lugar de reflexão sobre os acontecimentos em curso, possibilita o reequacionar de algumas relações existentes, o construir de novas representações, gerando intersubjectividades necessárias à construção de práticas alternativas que puderam ser mobilizadas como espaços de formação na produção de novos conhecimentos.

3.2 – Sujeitos da pesquisa

Após descrição das opções metodológicas e dos instrumentos de pesquisa utilizados na investigação proceder-se-á à apresentação dos sujeitos de pesquisa.

Estes são os pais de alunos do Jardim de Infância e do 1º ciclo, bem como todos os alunos do Jardim de Infância (duas turmas) e alunos de três turmas do 1º, 2º e 3º e 4º anos do 1º Ciclo. Três dos pais participantes tinham os filhos no Jardim de Infância e os restantes três no 1º Ciclo.

O único elemento masculino é professor de Língua Portuguesa no Ensino Secundário. Os elementos femininos distribuíam-se pelas seguintes profissões: Investigadora no Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; professora de Biologia no Ensino Secundário; empregada bancária; empregada de escritório e uma professora de Educação Especial do 1º Ciclo.

Segue-se um quadro explicativo do número de pais intervenientes no Clube de Pais Leitores e respectivos alunos do Jardim de Infância e dos vários níveis de escolaridade do 1º Ciclo integrados no projecto.

Quadro 2 - Sujeitos da pesquisa

PAIS	ALUNOS				
	Jardim de Infância	1º ciclo 1º ano	1ºciclo 2º ano	1º ciclo 3º ano	1ºciclo 4ºano
Cristina Sousa	43				
Dalila Barros	43				
Fátima Silva	43				
Joana Cadilhe				24	21
Jorge Firmino		20	23		
Maria José		20	23		

Os professores, educadores e formadores convidados, foram também elementos preciosos que, com a sua presença, participação e colaboração, contribuíram de forma sempre empenhada em todo o processo.

3.3 – Instrumentos de pesquisa

Como a via etnográfica nos pareceu mais adequada ao tipo de pesquisa a levar a cabo, associamo-la a uma observação participante que nos iria permitir não só um melhor relacionamento com a realidade que iríamos observar, mas, também, participar dela como elemento integrante do grupo que se constituiu.

3.3.1- Observação participante

A observação é, pois, o resultado do acto de observar, seguido pelo acto de interpretar (..),

(Ketele & Rogiers, 1993, p. 23)

A observação participante dá-nos a possibilidade de *mergulhar* num grupo, negociando com os sujeitos da pesquisa o papel assumido pelo investigador ao envolver-se com profundidade na acção a observar, já que *observar alguém é lançar um olhar sobre ele e possuí-lo como objecto* (ibidem).

A observação, sendo uma técnica de recolha de dados, desempenha um papel crucial em qualquer investigação, permitindo recolher e cruzar informações, adaptando-se continuamente aos elementos que intervêm nessa investigação. A observação participante implica, em primeiro lugar, o envolvimento do investigador no contexto social que escolheu estudar.

De forma a otimizar a observação houve necessidade de proceder à construção de grelhas de observação com função de guia orientador de toda a observação e de instrumentos de registo dos dados observados, nos quais se incluem os diários de bordo construídos pelos elementos do grupo, incluindo a coordenadora da biblioteca.

De seguida e em traços muito gerais, passamos a descrever a tridimensionalidade da pessoa do investigador/observador/participante.

Perfil do Investigador/observador/participante:

- A dimensão Pessoa;
- A dimensão Professor Bibliotecário;
- A dimensão Animador.

A dimensão Pessoa – Ter a capacidade de construir ou abrir-se a caminhos para a relação com o outro e com a diferença. Ser participante e facilitador na vida e no processo de crescimento do grupo. Ser capaz de desenvolver relações de empatia (reconhecer e saber lidar com as emoções dos outros) e de compromisso.

A dimensão Professor bibliotecário – Ser possuidor de uma inesgotável reserva de recursos criativos que permita uma constante adaptação a um mundo cada vez mais provisório. Saber gerir sábia e simultaneamente a distância ou proximidade do ideário colectivo do espaço onde se integra e desenvolve a sua actividade. Possuir uma visão aberta e multifacetada da realidade e um corpo de conhecimentos e técnicas e uma orquestração hábil de ambos que lhe permita uma *praxis* consciente, crítica e activa.

A dimensão animadora - A figura do animador, o seu modo de estar têm grande importância na condução das experiências em grupo, uma vez que ele é o facilitador, quem cria condições para que todo o processo se desencadeie e desenvolva de acordo com a meta objectivada. Importa sobretudo desejar ser agente de um processo de crescimento e mudança e ter conhecimentos e sensibilidade para garantir o sucesso destes espaços de encontro onde se procura desencadear o desejo, a reflexão e consciencialização da necessidade de compromisso, de uma responsabilização partilhada de todos os agentes educativos no que diz respeito à leitura e literacia.

3.3.1.1 - Outros Instrumentos de recolha de dados

Para além dos instrumentos de pesquisa já mencionados, entre os quais os diários de bordo referidos anteriormente e uma grelha de observação (Anexo 2), utilizamos na nossa pesquisa gravações áudio e vídeo, fotos, artigos inseridos em algumas publicações devidamente referenciadas, bem como uma entrevista realizada a um dos elementos do Clube de Pais Leitores e

à coordenadora da biblioteca, levada a cabo num programa do Centro de Recursos da Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) gravada em CD e, posteriormente, visionada.

Todos estes meios de registo permitiram-nos (re)visualizar, (re)ler e (re)escutar todos os acontecimentos que foram tendo lugar. Estes registos estão plasmados no quadro síntese que se segue.

Quadro 3 – Outros meios de registos¹⁶

Fontes Documentais	Descrição
Diário de Bordo	<p>Os papéis de pessoa, educadora e investigadora interligam-se.</p> <p><u>Coordenadora:</u> Resumo das actividades, calendarização e observações.</p> <p><u>Pais:</u> Reflexões, memórias, ecos e ressonâncias afectivas. Avaliação.</p>
Fotos	<p><i>Uma imagem vale mil palavras.</i></p> <p>Actividades e reuniões.</p>
Artigos	<p>O “Bibliotim”. Boletins Informativos editados pela Câmara Municipal do Porto nos quais foram publicados os seguintes textos:</p> <p><i>Mercado dos contos e Clube de Pais Leitores – Um espaço de reflexão sobre a leitura.</i> (v. site da RBEP).</p>
<p>Entrevista televisiva</p> <p>(Programa TV que te Vê, do Centro de Recursos da Direcção Regional de Educação do Norte).</p>	<p>O Projecto foi-se abrindo aos outros...</p> <p><u>Coordenadora:</u> Referência aos objectivos do Projecto do Clube de Pais Leitores.</p> <p><u>Mãe (F):</u> Referência ao entusiasmo sentido pela sua participação no já referido Clube e a sua importância quanto ao aspecto pedagógico.</p>
<p>Gravações em vídeo e áudio.</p> <p>(em suporte digital CD-ROM).</p>	<p>Foram registados em vídeo todos os encontros, bem como a totalidade de todas as actividades.</p>

¹⁶ Todos os meios de registo e instrumentos de recolha de dados foram autorizados pelas pessoas neles envolvidas e pelos encarregados de educação dos alunos participantes do projecto.

3.3.2 – Análise de conteúdo

Recorrendo-se sempre a uma reflexão teórica e empírica, privilegiou-se, igualmente, uma metodologia compreensiva, utilizando como instrumento qualitativo, preferencialmente, a análise de conteúdo, utilizando como procedimentos técnicos e práticos, o visionamento dos CD's, DVD's e gravações em áudio e vídeo, transcrevendo o seu teor, procedendo a uma (re)leitura de todo o material. Selecionámos, posteriormente, alguns fragmentos que considerámos de especial relevância para o nosso objecto de estudo.

O critério para o estabelecimento de categorias, iniciado através do que se denomina de leitura flutuante do material, obedeceu à codificação dos dados obtidos, usando como critério de categorização o semântico, ou seja reunindo a informação por temas com o mesmo significado. Desse modo as respectivas categorias foram elaboradas a partir de elementos/frase constitutivos de um conjunto por diferenciação e depois por reagrupamento.

Quanto aos registos áudio e vídeo analisados de uma forma qualitativa, foram-se constituindo em dados de base que iam dando conta do processo em que pais, alunos, professores e coordenadora da biblioteca se foram envolvendo, já que encarados na sua dimensão comunicacional, se transformaram em meios de desenvolvimento pessoal, e até profissional, permitindo um melhor conhecimento de toda a comunidade educativa.

Através desses registos e da reflexão que foram proporcionando, em equipa, dialectizando contradições e inseguranças, partilhando problemas, dificuldades, novos conhecimentos e novos entusiasmos e possibilidades, a comunicação foi-se estabelecendo, permitindo o conhecimento de novas racionalidades e de novos modos de usufruir a Biblioteca.

Os registos, como instrumentos de trabalho, constituíram um meio de desenvolvimento pessoal, possibilitando um melhor conhecimento do contexto e a descoberta de novas dimensões.

Os diários de bordo que foram sendo elaborados ao longo do processo, surgiram como instrumentos de elaboração e análise das práticas e como forma de objectivar e materializar a construção da realidade. De acordo com Vancrayenest (1990, p. 45) *o diário aparece como um*

espaço de reflexão (...) onde se integram e se misturam «narrador» e «coisa narrada», sujeito e factos, o si-próprio e aquele que se narra.

Digamos mesmo que após leitura e análise dos diários de bordo que foram sendo construídos é possível afirmar, tal como Proust, que *a verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.*

Neste trabalho foi também importante para além de toda a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental a que se procedeu e que requereu a leitura e compilação de alguns documentos elaborados pelos pais, como a avaliação e reflexão final do projecto, através dos quais se intentou compreender e interpretar os enredos, os processos vividos e os vários “nós” das acções experimentadas pelos seus autores, conscientes de que nem sempre compreender um texto, signifique, necessariamente, compreender o seu autor.

Estes documentos, utilizados como material empírico, constituíram-se em meios de observação indirecta, veiculando informação que foi possível analisar e cruzar com outros dados, permitindo uma visão mais alargada do campo de estudo e compreender melhor algumas das dinâmicas vividas.

3.4 – Roteiro descritivo

3.4.1 - 1º Momento – Novembro de 2007 a Janeiro de 2008

1. **“Contar” ao desafio** – Foi o nome encontrado para lançar aos pais o desafio de se aventurarem connosco nesta longa caminhada. Foi elaborado um cartaz de carácter informativo dirigido aos pais. A este propósito dizia Fátima Silva, um dos elementos do projecto, *vi afixado lá fora no placard a informação de que iria formar-se um Clube de Pais Leitores. Pensei: por um lado fazia a vontade à minha filha, por outro, eu gosto muito de ler e ainda ia poder conviver com outros pais.*

2. **Quebra-gelo** – Na primeira sessão todos os membros do grupo se deram a conhecer através de um jogo em que ao seu nome associavam um gesto que em seguida todos os outros repetiam.

Esta é uma actividade que se impõe na motivação para o trabalho em grupo pois desenvolve a aproximação securizante entre os vários intervenientes, permitindo a quebra progressiva das resistências e receios da exposição ao Outro.

3. O que é um Mediador de Leitura? - Para tudo o que envolve o livro e os meandros da leitura não há de facto instruções, apenas alguns ingredientes básicos, *com los que podemos intentarlo*.

Os mediadores de leitura têm uma enorme responsabilidade, que é a de se obrigar a reflectir continuamente sobre a leitura e tudo o que esta envolve ou em que se vê envolvida. Com as mudanças e transformações operadas, também o leitor, ou futuro leitor se modificou, logo novos modelos de narrativa surgem, a que têm necessariamente de corresponder novos e sempre renovados modos de acção, de interacção.

Assim, diversificando as formas de viver os textos, as leituras, a escrita e as produções individuais, a expressão diferenciada e individualizada terá oportunidade de se exprimir, na procura de prazer e não de puro didactismo. E aqui reside a nossa importância e a do espaço como mediadores, na procura de novos rumos que favoreçam a aquisição e consolidação de hábitos de leitura, o contacto íntimo com a riqueza das palavras (semântica e fonética), procurando o namoro e reconciliação com os livros.

O resto do livro que eu e a minha filha escrevemos já teve em atenção o que aprendi aqui na biblioteca, nos nossos encontros.

(Cristina Sousa, mãe de uma aluna do J.I.)

Como escreve Oscar Wilde (1992, p. 4), *all art is quite useless*, referindo-se a outra função da leitura, aquela que, contrariando o espírito “contabilístico” da utilidade, convoca aquele séquito de personagens, aqueles lugares exóticos, aquela deliciosa mistura de medo e segurança que nos faz bater o coração e querer ler.

4 – Um livro para todos - Dinamização da hora do conto pela escritora Susana Azevedo que, sob este título, apresentou uma colecção de livros, que compreendiam para além de um DVD com

imagem e tradução em língua gestual, um texto traduzido em Braille. Esta colecção surgiu da cada vez mais sentida necessidade de juntar duas comunidades (ouvinte/não ouvinte) na comunicação.

3.4.2 - 2º Momento - Janeiro a Março de 2008

5 - **Ecos e ressonâncias afectivas** - Nesta fase foi sugerida aos pais uma visita ao seu *sótão das memórias*, o lugar de repouso, de abrigo das primeiras palavras. Dos muitos que fomos, vamos recordar-nos como *ser de palavras*. Vamos (re)visitar as nossas memórias, os nossos espaços de intimidade, à procura do(s) nosso(s) primeiro(s) encontro(s) com a linguagem oral e escrita e da forma como esta se foi tornando cada vez mais familiar. Para auxiliar a esta (re)visita(ção) da memória foram fornecidas aos pais duas folhas que, colocando algumas hipóteses quanto à forma como alguns encontros possam ter acontecido, auxiliaram nesta viagem à infância.

Recordo-me de um sótão a que chamávamos falso, na casa dos meus avós. Eu dormia sempre num quarto ao lado desse “falso” e deliciava-me com alguns desses livros.

(Joana Cadilhe, elemento do grupo de pais)

6. **O contador de histórias que há em nós** – Nesta fase, ao contrário do que recordamos na anterior, inverteram-se os papéis e a viagem é bem mais curta. É uma viagem que, apesar de transportar consigo vestígios do passado, se circunscreve, essencialmente, a um passado ainda muito presente, porque próximo. Os narradores, não são os nossos avós ou pais quem insuspeitadamente nos influenciou, não foram os nossos professores ou amigos, não fomos nós quem teve um episódio curioso ou engraçado numa das nossas visitas à biblioteca. **Somos nós** e as vivências dos nossos filhos, próximos de nós, de outros adultos, com os pares e em outro(s) contexto(s), o que mudou e o que permaneceu.

Somos nós com a nossa postura, a voz, a entoação, até a nossa imagem no momento, tudo é essencial para contar a história, mas cada um é que vai descobrindo em si e na própria história, a forma de a apresentar.

(Formadora IS)

7. **Viagem ao mundo dos livros** - Tendo em conta que todos os elementos que formam o grupo desconheciam a literatura infanto-juvenil existente no mercado, recordando apenas alguns títulos que haviam feito parte do seu imaginário infantil, foi-lhes sugerido que visitassem livrarias (FNAC, Salta-folhinhas, Almedina, entre outras) e observassem, folheassem, lessem enfim, se apercebessem da diversidade de livros existentes para a idade dos seus filhos e simultaneamente reflectissem sobre o que os atraiu mais nas suas recentes descobertas (desde a mancha gráfica à narrativa). Foi *viajar com e pelas palavras ao mundo infantil* como registava um dos pais.

Nesta fase foi fornecido aos pais um guia que os auxiliava nesta observação juntamente com uma folha onde lhes era dada alguma informação adicional de como seleccionar os livros de forma adequada e adaptada à idade. Como diria Jorge Firmino, *a oferta de livros é tão grande que, por vezes, é difícil conseguir escolher ou acertar. Acho que aprendi melhor a fazer uma análise mais criteriosa* atendendo a que, como registava Fátima Silva, outro dos elementos do grupo de pais, *foram-nos apresentados livros em termos didácticos, pedagógicos e adequados às respectivas faixas etárias.*

Deste passeio nos corredores da Literatura Infanto-juvenil os pais adquiriram os livros que mais lhes agradaram e, na sessão seguinte, todos apresentaram as suas escolhas reflectindo em conjunto sobre as opções tomadas pois, como referia um dos elementos, *para além de todo o lado pedagógico é sempre muito agradável falar com alguém que gosta tanto de livros!*

3.4.3 - 3º Momento de Março a Junho de 2008

8. **Descoberta da animação da Leitura** - a partir deste momento os participantes revelaram alguma insegurança¹⁷, alguns receios, pelo que propus que recebêssemos nas nossas próximas sessões duas convidadas que nos auxiliariam não apenas na escolha dos livros adequados ao grupo etário com quem iríamos desenvolver a nossa actividade de animação, mas também relativamente à qualidade dos mesmos e ainda na iniciação de técnicas e estratégias de animação da leitura¹⁸.

¹⁷ *No início fiquei verdadeiramente apavorado*, confessava um dos pais.

¹⁸ *Estar com Manuela Maldonado a falar sobre Literatura Infantil e Juvenil foi ter uma possibilidade única de viajar no mundo do imaginário das crianças e dos jovens. Esta foi uma viagem de mão dada com uma exploradora experimentada que, aliada à excelência do seu conhecimento, tem o brilho nos olhos de quem ainda acredita no Peter Pan.*

9 - Pôr em acção - Com “ *O nabo gigante*” *debaixo do braço*, apresentei-me no J.I., perante uma plateia de olhinhos curiosos, diria uma das mães, Dalila Barros.

Esta era a parte simultaneamente mais desejada e temida. Para auxiliar a este momento foram distribuídas aos elementos do grupo algumas folhas que sugeriam alguns conselhos, estratégias e técnicas de que se poderiam socorrer. Em cada um instalava-se, silenciosamente, o receio de falhar a leitura como motivação para as próximas sessões, para novas leituras, para o acto de ler. A interacção com o grupo através da leitura, o diálogo surgido no prolongamento desta, também lhes transmitia alguma insegurança. À medida que iam acumulando alguma experiência, foram-se libertando e, partindo da leitura, foram arriscando e introduzindo outras formas de linguagem, adaptando ao contexto, sem contudo perderem a ligação com o objecto livro. Cada nova leitura ganhava novo entusiasmo, nova vida.



Foto 1 – O Mercado dos Contos

Entre as muitas actividades, é de sublinhar, neste *item* (O Pôr em Acção), a actividade “O Mercado dos Contos” que foi uma actividade de promoção da leitura em que o Clube de Pais Leitores se lançou e que foi entusiasticamente vivida¹⁹:

Eu aprendo com os outros como dizia Jacques Delors, foi o grande objectivo que sustentou esta iniciativa, esta recriação histórica de um mercado, que o Clube de Pais Leitores levou a cabo.

¹⁹ O texto sobre o Mercado dos contos foi publicado, sob o título *Ideias para ler + e melhor*, na publicação *O Bibliotim*, edição da Câmara Municipal do Porto, no âmbito do projecto “O Porto a Ler”

Com esta actividade procurou-se promover a tomada de consciência e a descoberta do Outro para o nosso crescimento como pessoas responsáveis e justas.

Como disse Paulo Freire (1987, p. 68), (...) *os homens educam-se em comunhão, mediatizados pelo Mundo.*



Foto 2 - Viajámos até à Ásia,



Foto 3 - ... até à América,



Foto 4 - ... à Europa,



Foto 5 - ... ao País das Mil e uma Noites,



Foto 6 - ... e à Oceânia.

Assim, montou-se ao ar livre o “Mercado dos Contos”.

Cada manta representava um Continente e cada membro do Clube encarnava um nativo oriundo de cada um deles, vestindo-se de acordo com os hábitos socioculturais e, tal como um verdadeiro mercador, esgrimindo a palavra na tentativa de convencer quem se avizinhava da sua manta, onde estavam expostos produtos característicos da sua região, de entre os quais se destaca a produção literária.

Foi uma festa do regateio, do artesanato, uma tisana de sentidos, de cores, de brilhos, de aromas, de música, de contos contados e (en)cantados de onde nenhum visitante saiu sem um história para contar.

10 - Retroacção e avaliação - A adesão dos pais foi entusiástica e envolvente. Foi uma experiência de construção, formação e evolução intensamente vivida de onde todos saímos enriquecidos e com vontade de repetir o evento. Aqui apresento um breve histórico da dinâmica das actividades que o Projecto envolveu incapaz de traduzir de forma fiel as emoções e a intensidade com que estes espaços foram fruídos ao longo do percurso. Este nasceu de um grupo movido por uma afinidade – a leitura – o que estabeleceu entre todos fortes vínculos afectivos e a vontade de multiplicar espaços de diálogo. Salvo raras excepções - e só por motivo de força maior - todas as semanas nos encontrávamos em horário pós-laboral na Biblioteca da escola onde permanecíamos até ao seu encerramento. Como nos dizia Jorge Firmino (elemento do CPL) *passávamos umas tardes amenas e simpáticas com livros infantis como lanche.*

A nossa experiência familiar, como pais, era constantemente partilhada e apesar do reconhecimento por parte dos elementos do grupo do aumento que se tem vindo a verificar nas práticas de aproximação da escola à família, a posição dos docentes relativamente à sua participação na escola continua ainda a estar longe de ser a desejada.

Resumo

Neste capítulo procurou-se, privilegiando sempre uma perspectiva etnográfica associada a uma observação que se pretendeu participante, apresentar, para além das opções metodológicas escolhidas e que correspondessem aos objectivos que tinham sido delineados, os vários instrumentos de pesquisa e de recolha de dados, descrevendo-os e procedendo a uma reflexão sobre os mesmos.

Ainda neste capítulo, para além de se procurar elencar algumas das dimensões que o perfil de observador engloba, foi feita uma abordagem inicial e resumida dos vários momentos constantes de todo o processo desenrolado e das intencionalidades que lhes eram subjacentes. Referimos os aspectos que considerámos mais relevantes e os critérios que presidem à nossa análise de conteúdo.


No capítulo seguinte proceder-se-á à descrição de todas as actividades incluídas nos três momentos, tempo disponibilizado, participantes e objectivos principais. Essa mesma descrição será ilustrada com fotos consideradas mais representativas do que foi acontecendo.

Para além dos aspectos já mencionados privilegiámos uma avaliação transversal a todos os momentos e que se incluirá em três quadros síntese onde, para além dum pequeno resumo sobre cada momento, se inscrevem objectivos propostos e competências a adquirir. Apresentar-se-á, também, o balanço final de cada momento, bem como o cruzamento e avaliação dos dados recolhidos.

Capítulo IV – Descrição da Experiência do Clube de Pais Leitores

O Clube de Pais Leitores desenvolveu-se segundo um modelo de intervenção que previa três momentos aos quais corresponderam dez actividades distintas. Estas tiveram início em Novembro de 2007 e terminaram em Junho de 2008.

4.1- 1º Momento

	<u>ACTIVIDADE 1</u> - “CONTAR AO DESAFIO”
<div data-bbox="432 922 1062 1438" style="border: 1px solid black; border-radius: 20px; padding: 20px; background-color: #d3d3d3; display: inline-block;"><p style="font-size: 2em; margin: 0;">Queres ser Contador de Histórias?</p></div> <p data-bbox="225 1541 1385 1697" style="font-size: 1.5em; margin-top: 20px;">A Biblioteca dos Castelos conta contigo:</p>	

Vamos formar o **Clube de Pais Leitores**

Se gostarias de participar mais nas actividades da escola a que o teu filho(a) pertence e dispuseres de algum tempo e vontade de o fazer, inscreve-te neste clube.

Seja qual for a razão que te leve a querer colaborar (gostar de conviver, de ler em voz alta, de contar histórias, ter uma paixão pela literatura, ser conhecedor da importância do acto de ler, entre outras), participa e vem passar com o teu filho(a), neto(a), irmão mais novo e com a turma dele(a) um agradável e importante momento.

Hoje, mais do que nunca, sabemos o quanto a leitura é determinante para o futuro dos nossos filhos, sabemos a importância que uma biblioteca escolar deve ter no currículo e na vida de uma escola, sendo o seu desempenho determinante no desenvolvimento das aprendizagens e competências que a escola visa atingir, razão pela qual atribuímos um papel muito importante à leitura e nos arriscamos a lançar-vos este desafio.

Para que estes **momentos de partilha** tenham lugar:

- Inscreve-te no Clube junto do professor do teu filho(a).
- Põe-no a par da tua disponibilidade.
- Troca com ele impressões sobre o que vamos realizar.
- Traz outros pais leitores contigo.

... e vontade de ajudar o teu filho(a) a estabelecer laços afectivos com os livros.

Obrigada pela vossa colaboração

Inês

Descrição da actividade: “Contar” ao desafio”

Qu'est ce que c'est lire? Cela va tellement de soi qu'il semble à première vue, qu'il n'y a rien à en dire.

(Vigner,1978, p. 8)

Esta foi uma das formas que encontrámos de “**Contar**” ao desafio à família para encorajar a sua colaboração neste projecto onde pais e filhos iriam desenvolver actividades em conjunto. A mediação não visa apenas o estabelecimento de laços afectivos com o livro mas ainda o estreitar destes entre os pais com os filhos e com a escola.

Com este convite pretendemos de uma forma muito breve apelar ao carácter “sério” da leitura, à importância da biblioteca em contexto escolar e à importância de ter a família como principal parceiro, como elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Paralelamente a este lado mais “sério” pretendemos que o convite fosse revelador de um percurso encantado num cenário de boa disposição, de carácter certamente mais dialogante que contemplativo. Com esta proposta procurámos deste modo estabelecer alguma cumplicidade e informalidade (tratamento por tu). Afinal trata-se de um clube, de um grupo de (futuros) amigos que, juntos, vão viver alguns momentos de aventura. Vão deixar-se embalar, viajar por entre os livros, as palavras e a leitura. Juntos, vão conhecer personagens, construir sentidos, desmontar textos, (re)ler, (re)criar.

Para envolver os professores sugeriu-se que fossem eles a estabelecer a ponte entre os pais e a Biblioteca, razão pela qual na 1ª actividade pedimos aos pais para se dirigirem aos professores do respectivo filho.

Passados dois ou três dias havia já interessados e, a certa altura, teve de se determinar um número máximo de participantes para este ano, que iria ser um ano experimental. Ficou assim decidido que o Clube teria seis elementos e que a selecção seria feita por ordem de chegada, para não ferir susceptibilidades. Aos restantes pais interessados ficou a promessa de no ano lectivo seguinte lhes garantir a possibilidade de participarem noutra clube.

O nosso itinerário é claro: reflectindo e agindo sobre a leitura, pretendemos promover uma educação literária junto dos pais para que todas as crianças (mesmo as que vivem em contextos de baixos níveis de literacia familiar) possam como refere Martins (1991, p. 19-23) construir o seu *projecto pessoal de leitor*.



ACTIVIDADE 2 - “QUEBRA-GELO”

ACTIVIDADE: Apresentarmo-nos e quebrar resistências iniciais.

TEMPO: 60 min.

PARTICIPANTES: Todos os elementos do grupo

OBJECTIVOS:

- Desenvolver e estimular a participação de todos e de cada um no projecto;
- Introduzir os pais na dinâmica do projecto;
- Favorecer a empatia;
- Promover o diálogo e desenvolver o sentimento de pertença a um grupo.



Foto 7 - Apesar da vontade, alguma ansiedade...



Foto 8 - O primeiro encontro.



Foto 9 - Ainda não éramos um grupo.

Descrição da actividade: “Quebra-Gelo”

Sabemos hoje o quanto é importante cuidar do espaço para a nova relação que se pretende, quando se vai trabalhar com um grupo. Este grupo e a forma como estes elementos iriam interagir dependeriam muito deste primeiro encontro, da sua dinâmica. Apesar de não nos conhecermos, não éramos completamente estranhos, uma vez que os nossos corredores de vida se cruzavam. Os rostos, esses sim, eram mais familiares e acrescentando a isso o facto do acto de comunicar constituir, para nós, um prazer, a “protocolar” sessão de abertura aconteceu como uma conversa animada e bem-disposta em torno do projecto, das intenções que este envolvia. Foram tantos os exemplos, as histórias contadas, os temas abordados que, com o contributo de cada um, poderíamos tecer uma gigantesca manta de retalhos.

Nesta experiência o inesperado funcionou perfeitamente, embora claro se levasse na manga um jogo de dinâmica de grupo em que todos os elementos se dariam a conhecer através de um jogo já mencionado na *pag. 6* em que ao seu nome associavam um gesto que em seguida todos os outros repetiriam. Penso que isto se deveu ao facto de o meu rosto ser familiar aos pais e transmitir-lhes, naturalmente, confiança, o que ajuda *a priori* a contornar eventuais obstáculos.

A vontade de comunicar também era, indiscutivelmente, muita. Estava previsto o encontro demorar cerca de 45 minutos, mas este prolongou-se por duas horas.

Neste encontro desmontámos o convite afixado na entrada da escola e conversámos, entre outras coisas, sobre a disponibilidade de cada um e a frequência com que os nossos encontros se iriam realizar, isto porque o objectivo fundamental da razão que nos juntava já nos tinha absorvido por completo e já se sentia a vontade de dar os primeiros passos e iniciar este longo itinerário, durante o qual, como disse um membro do grupo, Fátima Silva, *fomos sensibilizados para a importância de contarmos histórias e dessa forma podermos comunicar melhor com os nossos filhos.*

Sentia-se no ar já alguma ansiedade pela carga de mistério que o percurso sugerido prometia e que, pretendendo ser convidativo e securizante, surgia apenas como *um levantar do véu*, capaz de manter em suspenso o interesse, servindo assim como um trampolim para o imaginário.

Neste primeiro encontro surgem já os pais que nele permaneceram até ao fim. Passo a apresentá-los:

Foto 7 - Jorge Firmino, professor de Língua Portuguesa do Ensino Secundário e Joana Cadilhe, funcionária de um Banco.

Foto 8 – Joana Cadilhe, Maria José, professora de Educação Especial e Cristina Sousa, investigadora do CIIE da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Foto 9 – Maria José, Cristina Sousa, Fátima Silva, secretária, e Dalila Barros, professora de Biologia do Ensino Secundário.



ACTIVIDADE 3 - “O QUE É UM MEDIADOR DE LEITURA?”

ACTIVIDADE: Formação

TEMPO: 45min.

PARTICIPANTES: Coordenadora e pais.

OBJECTIVOS:

- Apresentação do projecto;
- Breve explicação do que é um mediador de leitura;
- Promoção da reflexão sobre a leitura e sobre o papel do contador de histórias como mediador da leitura.



Ilustração de Eric Rohman

Diapositivo 1

Ler uma história em voz alta é descobrir:

- Um momento de grande cumplicidade;
- Um espaço de diálogo e partilha;
- Um espaço para sonhar;
- Um trampolim para a leitura;
- Um caminho para o conhecimento;
- Uma abertura para o Mundo;
- O Outro e a si próprio.

Diapositivo 2

Sejam companheiros de descoberta

- Conte-lhes histórias antes de dormir;
- Crie desde cedo o hábito de partilhar a leitura;
- Ajude-os a amarem desde cedo os livros, oferecendo-lhes como companheiros de berço e de jogo.

Diapositivo 3

Partilhem bons momentos juntos

- Dê-lhes o seu exemplo lendo livros, não se esqueça que eles imitam a sua conduta;
- Fale-lhes dos seus livros preferidos, mostre interesse em saber quais são os deles;
- Habitue-os a participarem em eventos culturais (cinema, teatro, museus, etc.).

Diapositivo 4

Não te esqueças que:

Para tudo o que fazemos no nosso dia-a-dia é preciso saber ler e escrever.

- Para nos orientarmos;
- Para comunicarmos;
- Para irmos às compras;
- Para escolher o que vamos comer;
- Para procurar informação;
- Para jogar, etc.

Diapositivo 5

Então é preciso ajudar os nossos filhos a fazerem-no bem...

Para isso podemos aproveitar muitas situações do nosso quotidiano, que envolvem a leitura e a escrita e levá-los a participar nelas:

- A cidade oferece-nos múltiplas ocasiões para lermos ou interpretarmos sinais, anúncios, rótulos, placas, etc;
- Ler ou escrever recados, notas, postais, cartas, etc.

Diapositivo 6

... com emoção

- Ler o menu no restaurante ou na cantina, ler os prazos de validade, os ingredientes e marca do produto alimentar, escrever receitas, etc;
- Fazer listas de compras, ler as etiquetas dos produtos, as marcas, etc.

Diapositivo 7

... com prazer

- As crianças apreciam a rotina. Reserve 10 minutos todos os dias à mesma hora e descubram a magia de partilharem a leitura;
- Jogar com a linguagem oral e escrita, crucigramas, sopa de letras, trava-línguas, ler as instruções de um jogo, etc;
- Organizar um espaço/biblioteca em casa onde estejam disponíveis livros variados e se possam dedicar à leitura confortavelmente.

Diapositivo 8



O livro é o nosso melhor amigo

Ilustração de Lisa Campbell Ernst

Diapositivo 9

Qualquer momento é bom para ler!



Ilustração de Lisa Campbell Ernst

Diapositivo 10

Para lhes transmitirmos a alegria de ler...

- O livro deve fazer parte do nosso quotidiano;
- A leitura deve ser um prazer partilhado no núcleo familiar;
- Devemos oferecer livros variados e adequados ao seu nível etário.

Diapositivo 11

**Assim, ler será um jogo
em que terás vontade
de participar ao longo
de toda a tua vida**



Ilustração de Angelika Glitz y Annett Swoboda

Diapositivo 12

Descrição da actividade – “O que é um mediador de leitura?”

*Él la había prevenido
Sobre el libro. Ahora
Era demasiado
Tarde...*

(Allsburg, citado por Centelles, 2006, p. 222)

Neste encontro procedeu-se ao “desmontar” da personagem que somos como pais, como professores (alguns membros) e que seremos como contadores de histórias. Abordaram-se as inúmeras dificuldades inerentes ao papel que o mediador se propõe desempenhar com o objectivo de conquistar leitores, ou seja, de conduzir os alunos/filhos/crianças de forma a que adquiram e consolidem hábitos de leitura.

De facto, como afirma Bastos (1999, p. 291) *não existem fórmulas mágicas*. Não há fórmulas concretas neste domínio que envolve o inesperado, neste encontro particular que é o encontro com o livro. São incontáveis e diversificados os relatos individuais do encontro com o livro, da descoberta do seu sabor e importância, muitos destes contrariando expectativas, como o caso de leitores que se formaram na ausência total da presença de livros ou de hábitos de leitura no espaço em que cresceram.

Não há dúvida de que o despertar para o livro ocorre das mais variadas maneiras permanecendo de certa forma insólito, o que subitamente anima ou desperta a ler. Aliás, tudo o que envolve o livro reflecte uma aura mágica.

Nada garante quando e porquê é que surge a paixão. Muitos não tiveram condições favoráveis ao seu aparecimento (pais analfabetos, ausência de livros em casa, entre outros). Cada leitor terá tido um motivo muito particular e difícil de “isolar”. *Um avô que lia textos em voz alta, um professor que o levou a ler uma obra, um amigo que emprestou ou aconselhou um livro, etc.* como referiam alguns pais.

Antes de tudo, e sobretudo como sublinha Polanco,²⁰ *Es necesario tomar consciência de la realidad y tratar de asentar nuestra acción en el trabajo bien hecho, la constância, la dedicación(...) una labor silenciosa, paciente y metódica(...) en el discurrir cotidiano del aula*”, ou seja, termos a consciência e sobretudo tê-la sempre presente, de que os alunos não são páginas em branco e que se pretende que a leitura seja algo que interesse a todos (ao leitor, não só como aluno, mas como pessoa),²¹ algo em que todos se possam rever ou encontrar, com que todos se possam deslumbrar e espantar. Nisto reside a importância do Fantástico, do Imaginário, da Ficção.

Para tudo o que envolve o livro e os meandros da leitura não há de facto instruções, apenas alguns ingredientes básicos, *com los que podemos intentarlo*. Assim o mediador é alguém que nos vai ajudar a dialogar com o livro, a entrar em relação com os livros e a leitura.

Mediar é saber escutar e dialogar, é ser um facilitador deste encontro entre livro e leitor. Para tal este deve ter um profundo conhecimento da Literatura existente, da sua adequação ao desenvolvimento, interesse e motivação da criança ou grupo a que se dirige, de estratégias e técnicas que permitam a descoberta de prazer no acto de ler. Assim, e através da *Anima* e da *Acção*, vão-se estabelecendo diálogos mais íntimos e desejados, que conduzirão de uma leitura fortuita ou de um efémero acto de leitura a um outro percurso, movido por outros interesses entretanto despertados e que conduzirão a encontros mais profundos e frequentes com o livro e a uma variedade de leituras proporcional à diversidade de interesses que anteriores leituras ou vivências foram suscitando. É neste tempo que o *lector*, lenta e progressivamente, se faz leitor.

Atendendo ao grupo etário (J.I./1º ciclo) que o Projecto abarcou consideramos que a animação da leitura seria a estratégia mais apelativa e convidativa de que poderíamos lançar mão para o movimentar em direcção aos livros. Interessava, portanto, conhecer a Literatura Infanto-juvenil existente no mercado, saber que critérios ter em conta quando quisermos adquirir um livro para uma criança, conhecer os motivos porque é importante contarmos histórias aos nossos filhos, aprender algumas estratégias e técnicas da Arte de Contar.

²⁰ Texto policopiado, s/d.

²¹ Necessidade de inclusão no acervo da B. E. dos mais variados tipos de livros e publicações, que dêem lugar a escolhas aleatórias, pessoais e diferenciadas.



ACTIVIDADE 4 - “UM LIVRO PARA TODOS”

ACTIVIDADES: Hora do Conto

TEMPO: 30 min.

PARTICIPANTES: Coordenadora, pais e alunos.

OBJECTIVOS:

- Promover o direito e o respeito pela diferença;
- Favorecer o diálogo entre comunidades ainda distintas.

Um Livro Para Todos



Foto 10 - A Susana veio dinamizar a hora do conto.



Foto 11 - ... ela ensinou-nos a linguagem dos gestos.



Foto 12 - A história estava escrita também em Braile.

Descrição da actividade - “ Um livro para todos”

Visita da escritora Susana Azevedo. Um *Livro Para Todos* visita e dinamização da hora do conto por esta autora.

A sua obra é um apelo ao Direito e à Diferença, razão pela qual o livro inclui um CD com linguagem gestual e tradução em Braile. Numa época em que a inclusão é um princípio que pretendemos ver respeitado, a aceitação do Outro ainda está longe de ser pacífica.

Tal como a leitura, a inclusão é um processo, uma viagem, um itinerário que leva o seu tempo a percorrer. Nesta actividade estiveram presentes professores de educação especial do Ensino Básico, uma turma da EB1 da Caramila e o 2º e 4º ano da EB1 dos Castelos.

O convite à Susana Azevedo surgiu na sequência do projecto do Clube de Pais Leitores. Isto porque, para além da língua gestual ao nível da comunidade escolar ser ainda muito desconhecida, quisemos dar quer aos pais do Clube de Pais Leitores, quer às crianças, uma proposta diferente.

Assim tiveram oportunidade de, na Hora do Conto, conhecerem novas formas de interacção, novas formas de comunicar. Na nossa opinião é importante que as crianças, desde cedo, percebam que a linguagem gestual não é uma ferramenta para alguns, mas sim, uma outra língua, uma outra forma de interagir com os outros.

A recepção do pequeno público foi óptima. As crianças estavam atentas a cada gesto e a cada virar de página. O livro era grande e deslumbrante e encerrava algumas surpresas. A expressão facial da Susana e o seu olhar acompanhavam a narrativa seduzindo o grupo que permanecia atento e silencioso, rendido por completo à narração em que os momentos acompanhados da voz, variavam de intensidade de acordo com o momento da narrativa e, em que o silêncio perscrutado pelos olhos, se fazia intimidade, partilha e deslumbramento.

4.1.1 – Cruzamento de dados e avaliação

Quadro 4 - Síntese do 1º Momento

Resumo		As actividades deste 1º Momento como algo que se faz pela 1ª vez são sempre motivo de alguma angústia, de muita auto-reflexão e auto-questionamento. Felizmente não existiu um momento que não fosse gratificante. Todas as etapas foram vividas com grande entusiasmo. Desde o 1º encontro, onde se trocaram algumas impressões, até à apresentação do grupo, incluindo o encontro sobre mediação de leitura estava traçado o perfil de um grupo empenhado.		
Competências	Objectivos	Fases	Actividades	Obs.
<p><u>PAIS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender a importância do desenvolvimento de hábitos de leitura; - Compreender a importância da mediação da leitura; - Trabalhar a dinâmica de grupo; - Facilitar as interações sociais e culturais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o encontro com o livro; - Promover a reflexão sobre a leitura; - Desenvolver e estimular a participação de todos e de cada um no projecto; - Promover o diálogo e desenvolver o sentimento de pertença a um grupo. 	<p>“Contar” ao desafio;</p> <p>“Quebra – gelo”;</p> <p>“O que é um mediador de leitura ? (PowerPoint)</p> <p>“Um livro para todos”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de um cartaz informativo; - Jogo de apresentação; - Encontro entre comunidades distintas (ouvinte/não ouvinte); - Actividade formativa desenvolvida pela coordenadora. 	Neste 1º Momento entrevistaram a coordenadora, os pais e, como convidada, a Susana Azevedo.
Avaliação		<p><u>Pais:</u> A adesão registada foi ótima e as competências foram atingidas apesar de uma das actividades ter sido reformulada (jogo de dinâmica de grupo).</p> <p><u>Coordenadora:</u> Verificou-se um enorme investimento, entusiasmo e dedicação ao projecto que contagiou o grupo.</p> <p><u>Susana Azevedo:</u> Ao animar a Hora do Conto chamou a atenção para outros tipos de linguagem, outras formas de comunicação.</p>		

4.1.1.1 – Balanço do 1º Momento

Neste 1º Momento, que englobava quatro actividades diferentes - *contar ao desafio, quebragelo, o que é um mediador de leitura? e um livro para todos* - procurámos desde logo imprimir uma dinâmica que permitisse uma adesão afectiva e emocional que possibilitasse que cada encontro fosse inesquecível, evitando, portanto, os lugares comuns. Para que tal fosse possível procurámos, na e pela língua, contactar com os múltiplos usos da palavra, diversificando as propostas de intervenção, privilegiando o *homo ludens* que há em cada um de nós e a fruição estética, na convicção plena de que cognição e emoção são inseparáveis.

O convite à Susana surgiu na sequência de se pretender que os elementos do grupo tivessem ocasião de observar outras formas de comunicação e um contador de histórias em acção. O livro gigante e atraente convidava de imediato à pergunta, *o que habita este livro fechado?* activando um processo de leitura “avant la lettre” no intuito de desvendar o mistério nele encerrado. E assim todos ficamos expectantes e disponíveis para a recepção activa da história.

Na formação dada com auxílio de *PowerPoint*, cujas figuras estão inseridas neste trabalho, pretendeu-se introduzir os pais na problemática que iríamos abordar e, simultaneamente, transmitir informação e provocar o questionamento, lançando algumas pistas sobre o percurso a empreender.

Este primeiro momento teve um duplo interesse: desenvolver o sentimento do *nós* e o despertar para o que começava a acontecer na biblioteca e o seu eco na comunidade escolar.

4.2 – 2º Momento



ACTIVIDADE 5 - “ECOS E RESSONÂNCIAS AFECTIVAS”

ACTIVIDADE: Convite ao grupo para uma viagem até ao sótão das nossas memórias.

TEMPO: 1h30.

PARTICIPANTES: Todos os elementos do grupo.

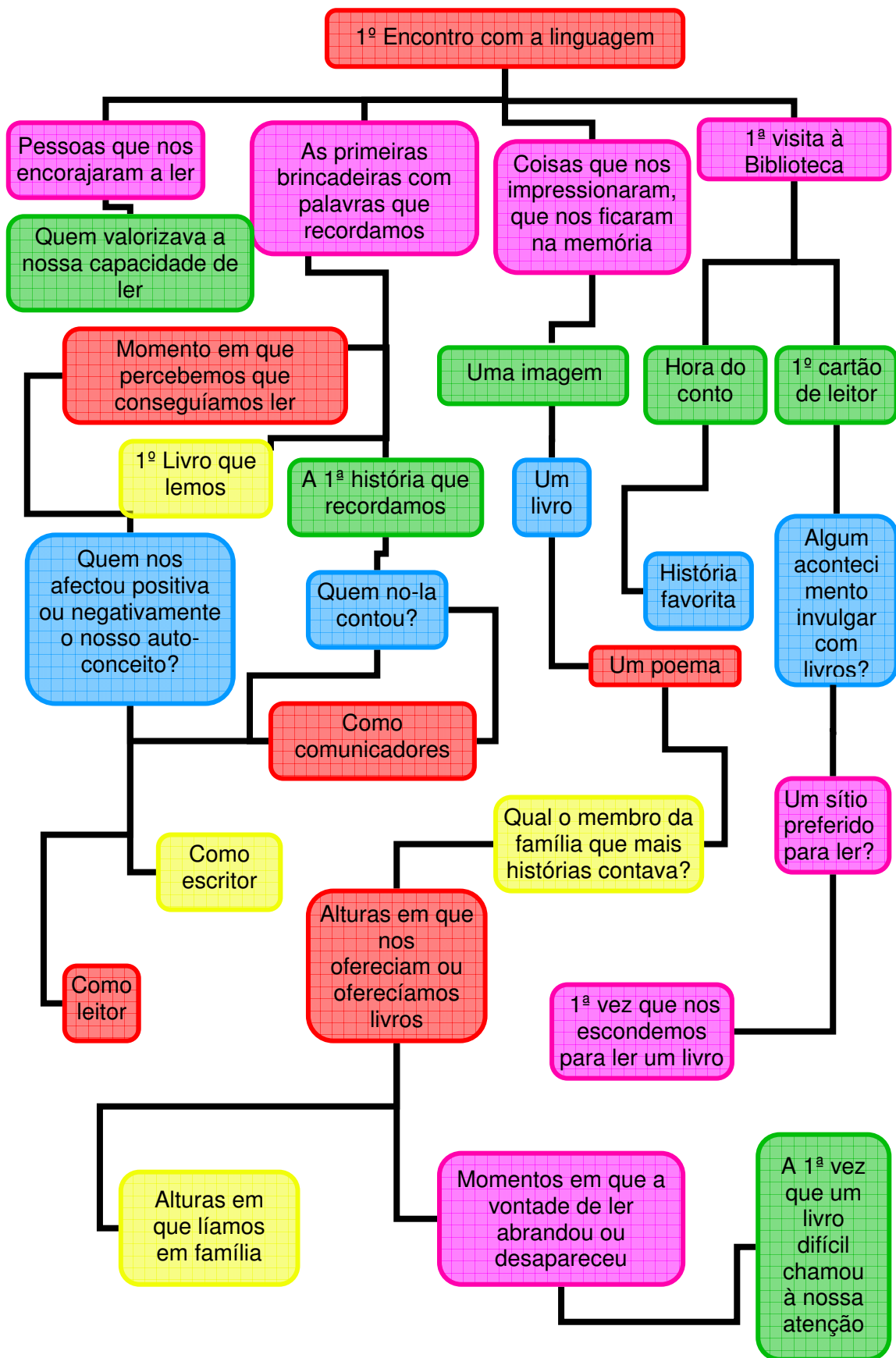
OBJECTIVOS:

- Promover o reencontro com memórias dos nossos primeiros encontros com a linguagem;
- Fomentar o registo escrito das memórias num diário de bordo;
- Reflectir sobre esses espaços de memória.



Foto 13 - Foi distribuído um mapa mental para os ajudar na viagem no tempo.

Fig. II – Mapa Mental 1 – 1º Encontro com a linguagem



Descrição da actividade – “Ecos e ressonâncias afectivas”

Como auxiliar deste lugar de memória que pretendia de certa forma orientar o trajecto a traçar de forma a (re)vivermos alguns momentos, foram escolhidas algumas frases (Anexo 1) que pretendiam ajudar a esse retorno, a esse primeiro encontro com a linguagem e lançada a proposta da realização de um diário de bordo por participante. A proposta foi aceite. Como não foi realizado diariamente pelos elementos do grupo, mais tarde optamos por lhe chamar *livro de memórias*.

Jorge Luís Borges (1999, p. 576), nas suas *Histórias da Noite*, descreve os pensamentos de um dos seus personagens a respeito da vida. *Sabia que o presente não passa de uma partícula fugaz do passado e que estamos feitos de esquecimentos?*

Assim, e porque a Hora do Conto alberga em si uma dupla intencionalidade, a de preservar e de veicular a memória, de recuperar espaços de pertença e identidade, de projectar no futuro o passado, foi sugerido aos elementos que construíssem um diário.

A realização desse *livro de memórias* pressupunha o registo de vivências que o projecto proporcionou. Seria pois uma tentativa de revelar o presente, guardando-o, de conter a passagem do tempo, de recordar os primeiros encontros com a linguagem e que acolhesse desde lembranças de infância até outras mais recentes das quais o Clube pudesse ser protagonista e onde aos nossos encontros lhes fosse atribuído um lugar.

Deste e ao longo do tempo deverão constar: abordagem reflexiva do que vai sendo vivenciado e sentido, bem como transferências e aplicações possíveis para a *praxis* profissional ou pessoal.

Esta narrativa procurava:

- Traçar e ir tracejando a estrutura inicialmente equacionada.
- Promover a unidade afectiva do grupo.
- Partilhar a nossa história de vida com o grupo.

- Levar à construção de um sentimento de pertença.
- Favorecer a consciência simultânea do Eu e do Nós.
- Descobrir no grupo interesses e objectivos comuns.
- Constituir um importante objecto de auto e hetero - reflexão.

Para navegarmos ao longo deste projecto este livro de memórias foi um precioso auxiliar, onde se anotaram e registaram os diversos factores que intervieram na viagem (na qual fomos todos membros da tripulação), alterações significativas do estado do mar ou outras em que o registo se tornou mais vivo e intenso, e, como tal, naturalmente obrigatório, como, por exemplo, todos ou quase todos os inícios do dia, mudanças de turno, de humor, alterações de rumo ou de ritmo, alterações do tempo, ou texto.

Nesta viagem, quando nos cruzámos ou estabelecemos um contacto com outra embarcação, com outros piratas contadores de histórias, anotou-se o local, o contacto, a nacionalidade, o rumo e o tipo do outro navio com vista a futuras aventuras. Descreveram se ainda as condições atmosféricas, o mar, o ambiente vivido em alto-mar, aberto à conversa, à discussão, a frequência do abastecimento, a revisão efectuada (ou não) ao barco, e outro(s) assunto(s) que se julgue(m) de interesse. Que a quase ausência de limites geográficos anima à conversa, à reflexão, à construção de narrativas como estimuladoras da reflexão sobre a leitura e sobre a vida.

As narrativas que nos levam a evocar memórias, como qualquer outra narrativa, trazem à tona os afectos e os ressentimentos associados, respectivamente, a momentos agradáveis e algumas lembranças menos agradáveis que agiram como forças com diferentes trajectos e que tiveram diferentes desfechos em termos de leitura.

Assim achamos interessante analisar os textos produzidos pelos membros do Clube de Pais Leitores dividindo os seus depoimentos em dois grupos: memórias negativas do passado, memórias positivas do passado. (*ver quadro 5: Síntese de Memórias*)

Quadro 5 - Síntese de memórias

Memórias positivas do passado	Memórias negativas do passado
<p>-As longas conversas com o meu pai tornaram-me curiosa acerca de muitas coisas e daí até ao gosto pela leitura foi um saltinho.</p> <p>- Na secretária do meu avô havia livros sempre cuidadosamente encadernados e muitos marcadores que denunciavam leituras. Ainda hoje os guardo!</p> <p>- Ouvia com um prazer infinito as histórias que o meu avô me contava . Dele herdei o respeito pelos livros.</p> <p>- Quando eu era pequena a minha mãe contava-me histórias para adormecer. Histórias que até hoje nunca esqueci!</p> <p>- Quando era mais velha como os livros eram muito caros comecei a ler os livros dos familiares mais velhos.</p> <p>- Quando ainda não sabia ler, sabia contar as histórias que me tinham lido, porque sabia que correspondiam imagem que eu via .</p> <p>- Quando fui para o Maria Lamas a BE era o meu lugar preferido. Talvez tenha sido a 1ª BE onde entrei.</p> <p>- Só com 10/11 anos é que descobri a leitura através de uma BE itinerante.</p> <p>- Eu e três colegas tínhamos direito a 5 livros na biblioteca ambulante. Devorávamos aquilo tudo.</p>	<p>- Na minha casa sempre houve livros, mas não me lembro de ver alguém a ler.</p> <p>- Na escola primária havia uma biblioteca que se resumia a uma porta fechada. A nossa professora nunca nos levou lá.</p> <p>- No 1º ciclo a professora lia sempre histórias com um fundo moral e depois, obrigatoriamente, tínhamos que as resumir. Era uma seca!</p> <p>- Os livros eram um bem pouco acessível.</p> <p>- Penso que a escola em virtude de exagerar em algum rigor foi matando o meu interesse pela leitura.</p> <p>- Passei a ler só os manuais.</p> <p>- Do que mais me lembro na primária é das reguadas e das contas enormes.</p> <p>- Acho que na escola nunca li um livro que não fosse o manual.</p> <p>- Até ao início da minha escolaridade convivi pouco com os livros.</p> <p>- Os professores exigiam interpretações herméticas dos textos e livros prescritos.</p> <p>- A Biblioteca ambulante só ia à minha aldeia uma vez por mês.</p>

<p>Lembro-me do Sandokan, Salgari, Verne, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Antes de dormir deliciava-me com alguns livros que existiam no sótão... - Quando já sabia ler sozinha gostava de ler livros de princesas. - Lembro-me que pedia repetidamente para me contarem as mesmas histórias. - Lembro-me, com muito carinho, do meu avô paterno e sobretudo da minha mãe, que me contavam histórias, ao serão, junto à lareira. Eram contos tradicionais e outros inventados pelo meu avô porque não sabia ler. - Tinha um tio que me oferecia os livros da Anita sempre na tentativa de me incutir o acto de ler. - Quando no 1º ano consegui ler sozinha as histórias da Anita, foi um momento inesquecível. A partir dessa altura comecei a lê-las para as bonecas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como nasci em Angola, não tinha a presença dos meus avós, os primeiros contadores de histórias no ambiente rural. - Infelizmente, só na telescola (6º ano) inicio algumas leituras, tendo aí o 1º contacto com os livros. - Que eu me recorde, a minha escola não tinha biblioteca e livros, só o de leitura.
---	---

Com a realização deste quadro síntese pretendeu-se tornar possível uma reflexão fundamentada no testemunho escrito através do qual os pais leitores tecem considerações acerca de um fenómeno de extrema importância que é a leitura, deixando perceber mudanças e permanências relativas a esta, com o objectivo sempre presente de tornar a reflexão sobre a leitura um acto quotidiano.



ACTIVIDADE 6 – “O CONTADOR DE HISTÓRIAS QUE HÁ EM NÓS”

ACTIVIDADES: Reencontro com um personagem do nosso imaginário infantil.

TEMPO: 2H

PARTICIPANTES: Todos os elementos do Projecto.

OBJECTIVOS:

- Promover o relato de experiências vividas em família, em torno da narrativa oral;
- Percepcionar a importância da voz, do corpo e do movimento no ritual de contar histórias;
- Mergulhar nos nossos próprios hábitos e convicções.



Foto 14: As nossas memórias foram fluindo,

luindo,

uindo,

indo,

ndo,

... do,

o

o

Fig. III – Mapa Mental 2 – Que história escolher e como contar?



Descrição da actividade – “O contador de histórias que há em nós”

Contar histórias é uma Arte. E havia chegado finalmente o momento destes aprendizes da Arte de contar darem os seus primeiros passos assumindo-se como contadores de histórias, como perpetuadores da força da palavra, da força da comunicação. As palavras transformam-se em cheiros, em sons, em imagens, apelam ao mistério, ao insólito, ao *suspense*, ao medo. Ali naquele espaço tão especial encontram-se várias histórias, a história do livro, a história do narrador e a história pessoal de cada ouvinte/receptor. Explorar, conhecer, apropriar-se deste espaço de contacto com o livro é dar asas ao sonho, é convertermo-nos em tecelões de palavras, que, folheando o pensamento, urdem o imaginário, o encantamento.

Afinal, contar histórias é intrinsecamente humano. Todos nascemos e crescemos a ouvir e a contar histórias, todos nós temos a nossa história pessoal, umas vivenciadas outras emprestadas ou adoptadas, misto de memória e esquecimento, e de tantas outras histórias que com a nossa se cruzaram e dela passaram a fazer parte. Recordamos desde o tempo em que o livro era uma caixa de surpresas, que sabíamos encerrar algo mágico que nos ia ser lido. Lembramos que era um objecto especial, que surgia no Natal ou como presente em datas festivas ou que servia de consolo quando doentes nos embalava no leito, acompanhando a nossa sobremesa favorita “banana frita” com mel., que fazia deste encontro um diálogo verdadeiro e íntimo. Um mundo sem histórias, sem palavras leves ou pesadas, sem a louca da casa, era um mundo vazio, inabitável com certeza.

Ainda hoje, como adultos, a quem não fascina uma boa história, um bom encantador de sonhos, uma aventura com Cervantes ao lado do seu D. Quixote que, renunciando à imaginação, morre?

Assim, este espaço, foi um espaço onde tentamos relembrar os lugares vividos, sonhados, pressentidos e imaginados, tentando desenhar uma cartografia pessoal das nossas leituras, espaços habitados, lembrados, de oralidade cujo retorno à memória nos auxiliará a melhor compreender a sua importância e sentido, favorecendo uma função ilustrativa e comunicativa e um melhor conhecimento de nós próprios.

E quando daqui sairmos, temos a certeza de que cada um transportará consigo novos espaços para (re)vi(ver) e carregará consigo na memória este espaço amplamente vivido e mágico.

Cada pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos, pois abrangemos assim, o universo de nossos desenhos vividos e esses desenhos não precisam de ser exactos. Basta que sejam tonalizados no mesmo modo do nosso espaço interior.

(Bachelard, 1993, p. 31)



ACTIVIDADE 7 – “VIAGEM AO MUNDO DOS LIVROS”

ACTIVIDADES: Encontro em que abordámos alguns aspectos importantes relativamente à Literatura Infanto-juvenil e foram distribuídos alguns guias orientadores e sugeridas algumas práticas.

TEMPO: 1h30

PARTICIPANTES: Todos os elementos do grupo.

OBJECTIVOS:

- Informar os pais sobre os critérios de qualidade e adaptabilidade que deverão estar presentes na escolha de um livro;
- Favorecer o conhecimento de algumas obras de literatura infanto-juvenil;
- Lançar o convite para visitarem bibliotecas e algumas livrarias aconselhadas;
- Pôr em comum obras escolhidas.

Fig. IV – Algumas das obras escolhidas



Descrição da actividade – “Viagem ao mundo dos livros”

Partimos assim à descoberta do Mundo dos livros, dos textos literários do qual os pais poucos títulos e autores conheciam. E nesta dança dos livros, que mais não foi do que deambular, a meu convite, por algumas livrarias onde ainda sobrevivem como vendedores alguns devotos da leitura, muitos não resistiram ao seu mágico apelo e vieram para o encontro seguinte carregados com livros para trocarmos experiências. Como observou Dalila Barros, um dos elementos do Clube de Pais Leitores, *não fazia a menor ideia da quantidade de livros de qualidade que, apesar de tudo, existem no mercado*

A questão que, na verdade, mais se coloca aos pais é como escolher um livro no meio da quantidade impressionante de livros para crianças que surgem nas livrarias, uma vez que esta faixa etária é muito convidativa em termos de mercado. Sobre este aspecto os docentes têm a meu ver um papel importante a desempenhar, Como docentes, para além de devermos estar na posse de ferramentas que nos conduzam ao encontro com bons livros, de qualidade, que interessa descobrir e explorar, temos ainda o de informar os pais sobre escolhas possíveis, dada a pouca ou nenhuma informação de que dispõem a este respeito, seguindo com frequência as escolhas do filho sem lhe poder sugerir outras leituras de cuja fruição poderia tirar incomparavelmente maior prazer.

Não podemos furtar-nos à responsabilidade de os informar quanto aos cuidados a ter quando se escolhe um livro, relativamente ao desenvolvimento psico-social, motivação e interesse da criança ou ainda à responsabilidade de informar que há revistas de qualidade, como “Solta Palavra-CRILIJ”, “Malasartes”, “Aprender a Olhar”, sites como o do PNL, o da RBE, onde são feitas sugestões e recensões que nos vão informando do que de melhor vai surgindo no mercado e, por último, conhecer algum vendedor de livros que tenha amor à sua profissão e saiba ser um bom conselheiro.

Assim, nestes encontros, falámos desde o design do livro à importância da ilustração, do conteúdo, dos valores que veicula, da adequação em termos de desenvolvimento, de motivação e interesse, tendo sempre presente que tal como nos avisa Held (1997, p. 46) *a imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia.*

Um livro tem de ser um suporte para o sonho, *fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda a descoberta de beleza nos torna exigentes (...) mais críticos diante do mundo* (idem, p.234).

Afinal ler é comunicar, e ler o mundo é ter a oportunidade de desenvolver experiências culturais, é manter acesa a curiosidade pelo que acontece na vida, por todos os instrumentos de comunicação que ela contém.

Como dizia Joana Cadilhe, a propósito desta actividade, *o cheiro dos livros, velhos, novos, escolares no início do ano lectivo, misturam-se com recordações de cheiro a cera do chão, marmelada e compotas caseiras, transmitindo-me uma sensação de conforto e calma, algo que eu consigo ter quando estou a ler.*

4.2.1 – Cruzamento de dados e avaliação

Quadro 6 - Síntese do 2º Momento

Resumo		<p>Com as actividades do 2º Momento pretendeu-se estimular a reflexão e o questionamento personalizado pelo uso de narrativas (diários de bordo) que promovem e estimulam o auto-conceito e a auto-análise. Esses diários foram partilhados, o que aumentou a riqueza e a dimensão comunicacional destes encontros, desenvolvendo um grande sentimento de união.</p> <p>Entrar na <i>dança dos livros</i> proporcionou momentos de descoberta, prazer e partilha muito interessantes e envolventes.</p>		
Competências	Objectivos	Fases	Actividades	Obs.
<p><u>PAIS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Reflexão conjunta sobre a leitura; - Promover o contacto com a diversidade e qualidade da literatura Infanto-Juvenil; - Descobrir o contador de histórias que há em cada um de nós. 	<ul style="list-style-type: none"> - Favorecer o conhecimento de algumas obras da Literatura Infanto-juvenil; - Promover o reencontro com memórias dos nossos primeiros encontros com a linguagem; - Recordar os primeiros contos ouvidos. 	<p>“Ecos e ressonâncias afectivas”;</p> <p>“O contador de histórias que há em cada um de nós”;</p> <p>“Viagem ao mundo dos livros”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer alguns autores e editoras de referência; - Aprender técnicas e estratégias da arte de contar histórias. 	<p>Neste 2º Momento apenas intervieram a coordenadora e os pais.</p>
Avaliação		<p><u>Pais:</u> As competências previstas foram francamente atingidas.</p> <p><u>Coordenadora:</u> Cada encontro e cada uma destas fases surgiram de um grande esforço de reflexão quanto ao itinerário a empreender de acordo com as metas propostas.</p>		

4.2.1.1 – Balanço do 2º Momento

Estas três fases do segundo momento tornaram-se possíveis dado o facto de os objectivos propostos terem sido alcançados na primeira fase.

Já éramos um grupo, com vontade de partilhar mais experiências em comum, uma vez que as anteriores serviram para sedimentar as relações entre nós. Assim, cheios de vontade vasculhámos os nossos sótãos resgatando e partilhando memórias. Foi curioso observar a intensidade de que se revestiram estes momentos.

Tal como há livros que podem mudar a nossa vida, estes momentos mudaram a nossa maneira de olhar. A prioridade momentânea era “contarmo-nos” e todos tínhamos uma vontade indomável de o fazer. Os livros e a sua descoberta foram motivo para a vivência de emoções e sentimentos que facilitaram o processo de interacção pretendido para o desenvolvimento do sentimento do *Nós*.

Verificamos que cada vez temos menos tempo no nosso quotidiano para dedicar ao acto de contemplar, ou a espaços para o *estar em grupo* porque, regra geral, estamos demasiado ocupados ou demasiado connosco próprios, o que leva a que as trocas entre as pessoas se reduzam a espaços intercalares (intervalos, conversas de corredor, entre outros) a um tempo cada vez mais abreviado e comprimido.

Mas como a leitura é arte, é jogo, é afecto, é memória e renovação, todos conseguimos resgatar imenso tempo ao nosso tão pouco tempo e...aconteceu.

4.3 – 3º Momento



ACTIVIDADE 8 – “DESCOBERTA DA ANIMAÇÃO DA LEITURA”

ACTIVIDADES: Formação sobre técnicas e estratégias de animação da leitura. Introdução à Literatura Infanto-juvenil.

TEMPO: 1h30 cada sessão.

PARTICIPANTES: Adelaide Silva, contadora de histórias e formadora e Manuela Maldonado, investigadora de Literatura Infanto-juvenil e formadora, bem como o grupo de pais.

OBJECTIVOS:

- Promover o encontro com um contador de histórias;
- Abordar algumas técnicas e estratégias de animação da leitura;
- Propor alguns livros mais adequados para esta actividade.



Foto 15 – Colaboração, no Projecto, de Adelaide Silva da Biblioteca Municipal Almeida Garrett.



Foto 16 - Iniciou-nos em algumas técnicas e estratégias de animação da leitura.



Foto 17 - e contou-nos histórias.

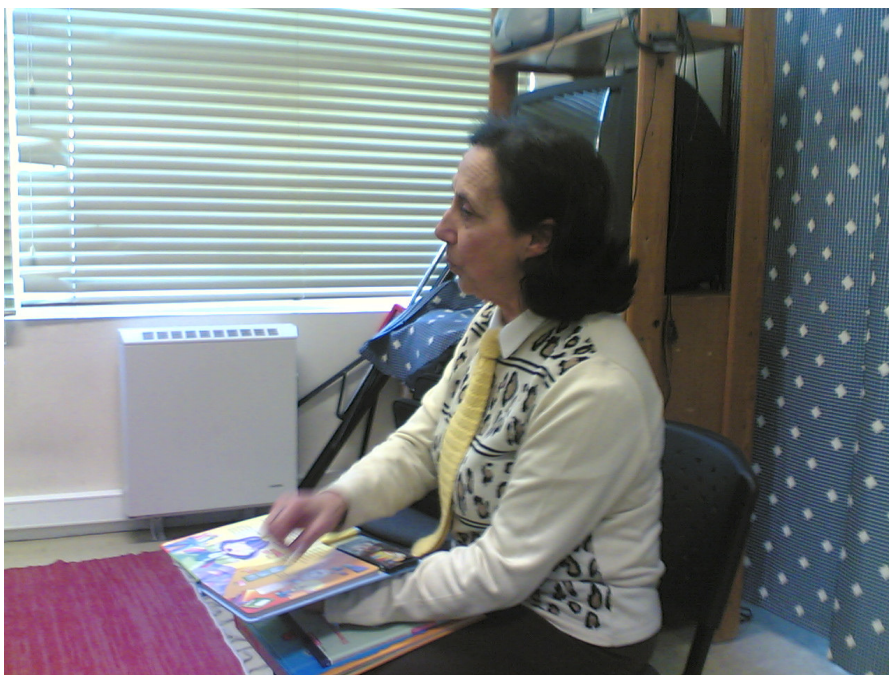


Foto 18 - Manuela Maldonado animou o nosso encontro sobre literatura infanto-juvenil.



Foto 19 - E contagiou-nos com o seu entusiasmo.

Descrição da actividade – “Descoberta da animação da leitura”

Nesta sessão abordaram-se algumas questões tais como:

- A necessidade da leitura ser um acto voluntário.
- A necessidade de qualquer projecto que vise a promoção da leitura assumir uma estrutura continuada e desescolarizada.
- A necessidade de adequação das obras ao desenvolvimento cognitivo, à motivação e interesse da criança.
- O interesse em destacar a importância da qualidade e da leitura integral da obra.
- A importância de privilegiar uma abordagem lúdica que, favorecendo várias formas de entrada na leitura, os motive para novos encontros com o livro, para a descoberta do prazer de ler, para o desenvolvimento de hábitos de leitura.

Com estes objectivos²² foram convidadas Adelaide Silva, responsável pela dinamização do sector Infanto-juvenil da Biblioteca Almeida Garrett no Porto e Manuela Maldonado, professora de Português do Ensino Secundário, investigadora de Literatura infanto-juvenil e membro fundador da revista de Literatura Infanto-juvenil *Solta a Palavra*, do CRILIJ (Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude). Pertencendo à Associação dos Professores de Português, é ainda responsável pelas sugestões de leitura e resenhas das mesmas no site da RBEP (Rede de Bibliotecas Escolares do Porto).

Nessa formação, estiveram presentes alguns pais interessados, embora não fazendo parte do Clube de Pais Leitores (*foto 14*). Ainda sobre a formação, Joana Cadilhe afirmava: *a formação ajudou-me a estabelecer parâmetros mais adequados nos hábitos de leitura dos meus filhos. Percebi, por exemplo, que abandonei cedo demais a leitura acompanhada. Ajudou-me a separar “o trigo do joio” na imensidão de livros que se publicam todos os anos.*

²² Nós aprendemos muito aqui. Fomos sensibilizados para a importância de contarmos histórias e dessa forma poderemos comunicar melhor com os nossos filhos.



ACTIVIDADE 9 – “PÔR EM ACCÃO”

ACTIVIDADES: dinamização da Hora do Conto.

TEMPO: 30min.

PARTICIPANTES: J.I. (2 turmas); 2ºano ,3ºano e 4º ano. Pais do Clube de Pais Leitores

OBJECTIVOS:

- Dinamizar a hora do conto; provocar o diálogo com o público-alvo;
- Despertar o prazer com a narrativa;
- Favorecer o desenvolvimento da imaginação e criatividade;
- Seduzir novo público leitor.



Foto 20 - Apresentação do objecto/livro.



Foto 21 – ... e a narrativa aconteceu.



Foto 22 - ... e então todos quiseram fazer os seus “bonecos das preocupações”.



Foto 23 - Escolhendo o local mais confortável ...



Foto 24 - ... ou o mais privado.



Foto 25 - Era uma vez....



Foto 26 - Com o nabo gigante debaixo do braço, apresentei-me (...).



Foto 27 - Escrevi esta história a pensar neste grupo.



Foto 28 - Hoje, contamos os três a história.



Foto 29 - A Cristina e a filha contaram uma história escrita por ambas.



Foto 30 - Debaixo do caixote está a Nau Catrineta.



Foto 31 - A História foi recontada e ordenada cronologicamente pelo grupo.



Foto 32 - Ouvimos poesia, jogámos com as palavras...



Foto 33 - ... e escutámos a mãe do Martim a contar-nos a sua história preferida.

Descrição da actividade – “Pôr em acção”

Quanto mais se aproximava o “Pôr em acção” maior ansiedade se sentia no grupo. Achou-se por isso que seria bom termos connosco Adelaide Silva, responsável pelo departamento Infanto-juvenil da Biblioteca Almeida Garrett e contadora de histórias, para que os pais tivessem a ocasião de ver um contador de histórias em acção e poderem com ele trocar algumas questões que, certamente, lhes trariam maior serenidade para a sua Hora do Conto.

Durante estes encontros foram abordadas questões relativamente ao narrador/intérprete e ao ouvinte, focando a atenção sobre a figura do contador de histórias, pois, da adequação do texto ao público, do seu desempenho, do seu investimento emotivo (a voz, o gesto, o que revela através do som, à vista, o que omite, etc.), da sua intimidade com a história a narrar, dependerá a capacidade de desencadear reacções sinestésicas (sensitivas) evocar sentimentos e emoções no público (receptor e co-autor) capazes de criar a empatia desejada e determinante da qualidade da acção. A este propósito Dalila Barros segredava: *...houve um conselho que segui religiosamente. Deixei que as histórias fluíssem naturalmente de mim. Ouvi a minha intuição.* O texto navega em função dos sinais da qualidade da recepção do grupo que escuta a narrativa oral, viaja em função do contexto, da plateia, da ocasião e tal como qualquer viagem tem por objectivo ampliar o nosso conhecimento do mundo.

A primeira vez, mesmo para aqueles que não tinham verbalmente testemunhado algum receio, foi um pouco dolorosa. Apesar de muitos deles serem professores deste e de outros níveis de ensino, nunca tinham tido uma experiência semelhante. Um dos elementos veio mais tarde a confessar-nos que tinha sido verdadeiramente assustador, explicando que enquanto contava a história ainda tudo corria bem, mas quando o grupo entrava em diálogo e a levantar questões que a leitura tinha suscitado, sentia-se perfeitamente de “mãos atadas” porque não sabia responder a tão imprevistas questões. Jorge Firmino, elemento do Clube de Pais Leitores desabafou a certa altura: *...os miúdos põem questões com que não estou a contar e a minha capacidade de lhes dar uma resposta não acontece à velocidade desejada.*

Os professores do Secundário confessaram que sentiam perante um público tão jovem uma responsabilidade acrescida e tinham receio de falhar. *Eu nunca li textos para tantos meninos ...vamos a ver se me saio bem,* sussurrava Dalila Barros, outro elemento do Clube de

Pais Leitores. Todos no fundo tiveram de lidar com os seus medos e as estratégias e técnicas de animação que abordamos, os encontros em que partilhamos estes medos e a experiência, foram debelando os receios inicialmente sentidos e então a estes sobrepôs-se o prazer. E a cada dia surgiam mais e novas ideias. *Podemos utilizar alguns adereços?* Indagava a M^a José. *E se a língua se me entaramela? Não sei se tenho jeito...!* Questionava ainda Cristina Sousa informando: *eu escrevi uma história para a minha filha...tem desenhos feitos por ela...acham que posso lê-la aos alunos?* Dalila Barros advertia... *temos de ter cuidado senão instala-se o caos, sublinhando...Os pequeninos são umas esponjinhas...Não são? Fica lá tudo.*

Num destes encontros em que falávamos e reflectíamos sobre o *Pôr em Acção* e o que cada um sentira relativamente à sua prática, Joana Cadilhe referia: *Aprendi que, na parte final, não devemos esmiuçar muito sobre o que ouviram ou o que aprenderam...Não funciona. É melhor deixá-los entender a mensagem à sua maneira.* Ainda na sequência desta reflexão Dalila Barros confessava: *estive atenta às reacções das crianças, procurei cativar aqueles que me pareciam mais agitados (dirigindo-me directamente a eles, intensificando o contacto visual) ou levando-os a participar na construção da história.*



ACTIVIDADE 10 – “RETROACÇÃO E AVALIAÇÃO”

ACTIVIDADES: Auto e hetero-avaliação.

TEMPO: 2h

PARTICIPANTES: Todos os elementos do Clube de Pais Leitores.

OBJECTIVOS:

- Proceder a uma reflexão sobre o trabalho produzido;
- Elencar aspectos bons, menos bons e outros a corrigir;
- Descobrir novas estratégias a desenvolver;
- Reformular alguns aspectos do projecto e reforçar outros.



Foto 34 - Foi bom revermo-nos.



Foto 35 - E reflectirmos sobre a nossa *performance*.



Foto - 36 - Divertimo-nos imenso...



Foto 37 - E foi gratificante constatar que conquistámos o público.



Foto 38 - Valeu a pena!

Descrição da actividade – “Retroacção e avaliação”

A dupla função em que se viram investidos, a de leitor e narrador, levando-os a experienciar outras tantas duplas funções – criar, agir, ler e ouvir - imaginar o que é narrado, exprimir e dramatizar o lido, enriquecerá inquestionavelmente a leitura realizada e terá certamente algum impacto nas suas vidas, na maneira como questionarão algumas das suas práticas quotidianas e na forma *caleidoscópica* como começarão a perceber o acto de ler.

Neste espaço cruzaram-se e interagiram dois tempos: o eterno carácter desafiador do tempo, o tempo (cronológico) e o tempo do leitor (psicológico), o que causava o conflito pessoal entre o desejo e o poder de concretizá-lo.

Houve desde o início uma intenção clara de nos conduzirmos e de conduzir o grupo através do acto de *notice* (Mason, 2002)²³ ou seja, com a preocupação sempre presente de perceber, de sensibilizar para o acto de reparar, de educar para a percepção, para a sensibilidade, que incidiu naturalmente também sobre o *self*, de forma a disciplinar e a organizar todo o processo. O nosso processo de avaliação/reflexão foi sendo feito de forma continuada e culminou num encontro em que visionamos todos os momentos do *Pôr em acção* em conjunto. Foi um momento muito especial.

Naquele instante estávamos a ver a forma como conduzíamos a narração, como nos apropriámos da estrada que o texto constituía, como a audição acontecia e ainda a forma como, por vezes, éramos conduzidos a veredas nunca antes esperadas. Subitamente (re)entrávamos naquele espaço, (re)víamos-nos, (re)conhecíamos-nos no momento da participação, da (re)criação do envolvimento, observando-nos agora ainda envolvidos, mas envoltos numa distância que nos iria permitir observarmo-nos de uma outra perspectiva. Assim, não só reflectimos sobre o texto, sobre a leitura e o sentido pessoal que cada um de nós lhe atribuiu, ou seja, sobre a sua (re)construção e, conseqüentemente, sobre o sentido de outros textos anteriormente lidos, mas, igualmente, sobre o diálogo que cada um estabeleceu consigo próprio, como ainda reflectimos sobre o efeito do nosso envolvimento no grupo-alvo, sempre à procura de novos trilhos de diálogo e reflexão.

²³ ia.fc.ul.pt/textos/poliveira/k2.pdf *O professor como investigador*
Acedido em 17.10.08

4.3.1 - Cruzamento de dados e avaliação

Quadro 7 - Síntese do 3º Momento

Resumo		Este era o momento mais esperado e simultaneamente mais gerador de ansiedade. Foram momentos de uma riqueza e de um investimento afectivo indescritível que seria reductor qualquer texto pretender descrevê-lo.		
Competências	Objectivos	Fases	Actividades	Obs.
<u>PAIS:</u> - Explorar a dimensão da palavra; - Favorecer o desenvolvimento da criatividade; - Desenvolver estratégias e técnicas de animação/comunicação; - Promover o trabalho conjunto entre pais, filhos e B.E.	- Promover o encontro com um contador de histórias; - Despertar o prazer com a narrativa; - Favorecer o desenvolvimento da imaginação e da criatividade; - Promover a reflexão conjunta.	- “Descoberta da animação da leitura”; - “Pôr em acção”; - “Reflexão e avaliação”/retroacção oral (encontros) e retroacção escrita (diários de bordo).	- Proceder a uma apropriação lúdica do livro; - Realização de duas oficinas (Manuela Maldonado e Adelaide Silva); - Reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido.	Neste 3º Momento intervieram os pais, os alunos, coordenadora e formadoras convidadas.
<u>ALUNOS:</u> - Interagir verbalmente de forma fluente e crítica; - Assumir o papel de ouvinte atento.	- Provocar o diálogo; - Despertar emoções; - Desenvolver o prazer de ler.	- “Hora do Conto”.	- As desencadeadas pela Hora do Conto.	
Avaliação		<u>Pais:</u> As competências podem-se considerar francamente atingidas. <u>Alunos:</u> Quanto às competências pretendidas consideram-se amplamente atingidas. <u>Professores:</u> Constituíram-se em participantes atentos e colaborantes. <u>Formadoras:</u> Foram fundamentais para atingir os objectivos propostos, elementos indispensáveis para a dinâmica pretendida e para o enriquecimento deste projecto.		

4.3.1.1 – Balanço do 3º Momento

Este terceiro momento, teve o aspecto positivo de, numa altura em que supostamente o grupo poderia revelar algum cansaço, conseguir, pelo facto de incluir momentos de grande dinâmica, para a qual contribuíram as formadoras convidadas e o acto de *cria – acção* ganhar vida, despertar um grande entusiasmo.

O acto de ler é sempre particularmente fascinante, mas quando é fruto de um trabalho contínuo e reflectido durante o qual se deambulou por outros mundos e lugares, reais ou imaginários, na procura de ver satisfeito o nosso desejo de comunicação e de interacção que mobilize novas experiências, que ampliem horizontes, sensibilidades e expectativas, o encontro acontece.

A leitura dramatizada que repõe e activa cenários e emoções, a voz pela sua musicalidade, a linguagem pela sugestão, pelas fórmulas mágicas, lúdicas, pelo *nonsense*, misturam-se e seduzem o público que ouve *com um brilhozinho nos olhos*.

O “Pôr em acção” foi muito gratificante para todos os intervenientes, mas muito especialmente para os vários grupos de crianças envolvidos, que tiveram assim a oportunidade de desenvolverem actividades em conjunto com os seus pais, os pais de alguns amigos e com colegas.²⁴ O diálogo estabelecido era intenso e interessado. As perguntas sucediam-se e as histórias ganhavam outro sabor.

Enfim, a leitura, esse acto silencioso, por mais paradoxal que pareça, termina por produzir um discurso ruidoso sobre ela, mas silencia em acções consequentes para a formação da cidadania.

(Cordeiro, 2003, p. 100)

²⁴ Como dizia a Cristina Sousa *A professora na sala dizia que os alunos gostavam muito do dia em que os pais vinham contar histórias e aqueles cujos pais não tinham vindo ler queriam pedir-lhes para virem também. A Joana Cadilhe dizia ainda, é bom para os nossos filhos nós irmos contar histórias, eles entusiasmam-se (...)* acho que esta experiência fez muito bem ao meu filho.

4.4 – Cruzamento e avaliação de dados

Cada homem conta para si, de vez em quando, suas próprias histórias.

(J.J. César de Araújo)

A mudança pretendida e sentida com esta experiência do Clube de Pais Leitores assenta no pressuposto de que a transformação desejada na comunidade escolar deve ser de carácter endógeno com o objectivo de diminuir pressões externas, de conhecer bem o terreno onde o Projecto vai acontecer e, por este facto, estar mais motivado para o empreender.

Toda e qualquer alteração exige tempo, exploração e confirmação, pelo que a participação dos docentes é imprescindível e desejável e desta depende a mobilização activa dos pais na sua efectivação. É através do empenho de ambos os actores sociais na mudança, que é possível diminuir a desconfiança que todos os grupos têm a modificações vindas do exterior, e que por este facto são de mais difícil interiorização na cultura escolar vigente.

Será pois através de uma nova arquitectura da relação e através de situações de participação, negociação, partilha e possivelmente de conflito, cuja emergência e eventual análise, segundo Correia (1989, p. 69) *é um processo (trans) formativo para os professores (...) e para a própria instituição*, que se vão desenrolando aspectos fundamentais da riqueza e do compromisso constitutivos do projecto e redefinindo formas de integração dinâmica que potenciam respostas às aspirações e expectativas dos vários actores que intervêm na sua construção.

Subjacente à filosofia que norteou o Projecto é possível afirmar que a sua estrutura fundamental era a abertura da Biblioteca e portanto da escola ao diálogo e à relação com a família. Não uma relação qualquer, que se resumisse aos contactos formais ou informais habituais, mas uma relação que se pretendia construtiva de uma participação plena e esclarecida, questão considerada crucial neste novo paradigma.

Dá a criação e organização do Clube de Pais Leitores na EB1 dos Castelos com o objectivo primeiro de potenciar a dimensão social da Biblioteca escolar, promovendo sessões de carácter semanal com os pais/encarregados de educação. O Clube e a sua forma de acção/intervenção foram desenhados de acordo com o público que pretendia mobilizar e as suas motivações.

Assim, nesta nova experiência leitora, os pais iniciaram a sua trajectória de mediadores revisitando espaços e memórias onde sentiram reafirmado o seu vínculo à escola e à leitura. Nas palavras de uma das mães *após os primeiros encontros dos “pais leitores”, comecei a pensar nas histórias que iria contar. Revi os livros infantis que tinha em casa. Reli-os aos meus filhos.*

Estas sessões de reflexão/formação conjunta foram cuidadosamente estruturadas para que, num crescendo, o Eu (singular), o Eu (mediador) e o Eu (dialogante), se reencontrassem e revissem num objectivo comum, o de promover a biblioteca como um ponto de encontro, assumindo a sua vertente social, a sua responsabilidade cultural.

Este projecto que se foi desenvolvendo de Novembro de 2007 a Junho de 2008, tendo como uma das suas referências o contador de histórias que os pais assumiram com *espanto, receio, algumas dúvidas, muitas interrogações* e até, como escrevia uma das mães, *com certa ansiedade e um certo friozinho na barriga*, foi considerado de enorme importância, como referiam, não só por terem *possibilidade de conviver com outros pais* ou ficarem a *conhecer melhor a escola*, mas também para poderem *comunicar melhor com os filhos*.

Estes pais ao integrarem-se num novo papel, ao partirem para uma nova experiência, sentiram, como escrevia Cristina Sousa, *que o que aqui aprendemos foi muito importante, pois nos foram oferecidas imensas possibilidades que tornaram a experiência vivida muito gratificante.*

Na verdade, os pais, ao integrarem este projecto, assumiram vários papéis que, após leitura, transcrição e análise dos vários registos, poderemos sintetizar focando aspectos e sensações que experimentaram nas diversas situações em que se encontraram como **pais**, como elementos de um **grupo** e como **contadores de histórias** e que são passíveis de serem enunciadas da seguinte forma:

Quadro 8 – Reflexão sobre os registos

PAIS	GRUPO	CONTADOR DE HISTÓRIAS
Disponibilidade. Aceitação. Comunicação. Espanto/Encanto. Ecos de infância/Memórias. Ressonâncias afectivas. Reflexão. Avaliação.	Comunicação/cooperação. Aceitação da diversidade e do imprevisto. Dinâmicas interaccionais. Processos interactivos. (encontro, reflexão, confronto, discussão, avaliação) Cumplicidade/Empatia.	Estereótipos. Representações sociais. Dúvidas/Dificuldades. Ansiedade/Receios. Curiosidade. Entusiasmo/Divertimento. Cumplicidade/Empatia. Imaginação/Criatividade. Aprendizagens. Melhor conhecimento de si próprio e dos outros. Reflexão/Avaliação.

Aspectos e situações que foram transparecendo e que permitiram conhecer as diferentes racionalidades que compartilhavam, resultantes de muitas teorias implícitas, de crenças, de estereótipos e valores patentes nos diversos registos.

Aliás, durante as reuniões que foram tendo lugar, aquilo que realmente mais ressaltou, como registava um dos intervenientes, *foi a alimentação do circuito de comunicação como referência estruturante*. Realmente, nesse circuito de comunicação, acolhiam-se os relatos de todos os pais, partilhavam-se significados, analisavam-se formas de estar e contar histórias, negociavam-se os sentidos e as intenções de todos e de cada um em particular. Nas palavras de Nóvoa (1991, p.70) *a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua (...) ao colocar em evidência as múltiplas experiências de cada um e assim, por seu intermédio, forjar um saber*.

O Clube de Pais Leitores constituiu realmente para todos e para cada um, como contava um dos pais, *uma experiência muito enriquecedora, na voz de outro uma experiência muito importante, já que este tipo de iniciativa possibilita a transferência entre nós, de muitas das nossas vivências como pais, partilhando dúvidas, interrogações, pequenas questões do quotidiano, considerando*

ainda uma das mães *que este projecto tem todos os «ingredientes» de uma excelente prática educativa que merece ser divulgada e replicada.*

Ainda sobre o Clube de Pais Leitores, e nunca esgotando o muito que foi dito sobre a experiência em que os pais se envolveram e investiram, achamos importante privilegiar o registo escrito de mais algumas opiniões, tais como:

Eu achei divertido e diverti-me imenso, gostei muito e acho que os miúdos também adoraram. (Joana Cadilhe)

Foi boa a integração que se verificou dos pais com a comunidade escolar. (Cristina Sousa)

A minha filha achava que era muito importante que eu participasse nas actividades do J.I., mas não surgia nada de especial em que eu pudesse participar. Então surgiu o convite, decidi experimentar o Clube e adorei a experiência! (Fátima Silva)

Gostei imenso das possibilidades que me foram oferecidas. (Fátima Silva)

A parte de coordenação foi muito importante e interessante. (Cristina Sousa)

A professora na sala dizia que os alunos gostavam muito dos dias em que os pais vinham ler as histórias. (Maria José)

O balanço da minha participação neste projecto, em termos pessoais, foi francamente positivo: os meus filhos, ficaram tão ou mais entusiasmados do que eu. (Dalila Barros)

Foi bom para os nossos filhos virmos contar histórias. Eles entusiasmam-se! (Joana Cadilhe)

O Clube criou-me a esperança de que a médio prazo, o prazer de ler, se instale definitivamente em cada um de nós e a iliteracia da população portuguesa venha a diminuir. (Dalila Barros)

A criação de Clubes de Pais fará, com certeza a diferença. (Dalila Barros)

Devido à nossa participação no Clube passamos a frequentar com regularidade a Biblioteca Almeida Garrett, em busca de novos livros...de novos contos. (Dalila Barros)

Contar histórias, sobretudo em público, é uma arte para a qual nem todos nascemos vocacionados e para a qual encontramos mesmo alguma resistência, por vezes até imprevista. No entanto, há maneiras de descobrirmos formas de contornar algumas das dificuldades sentidas, técnicas e estratégias a aprender e a desenvolver no sentido de encontrarmos em nós o “contador de histórias” que sempre fez parte do nosso imaginário infantil.

Este personagem que sempre aglutinou em si sentimentos e emoções a que todos somos sensíveis, é talvez pelo desconhecimento do que encerra em si mesmo, pela sua dimensão próxima do Sagrado (ainda que só pressentida) uma imagem que desencadeia sentimentos que os pais deste Clube foram traduzindo da seguinte forma ao afirmarem:

É bom encontrarmo-nos e trocar impressões sobre como vamos fazer para contarmos histórias, comunicando, desse modo, ao grupo que se foi organizando, as dúvidas, as interrogações, algumas perplexidades e toda a ansiedade sentida. A ansiedade sobre algo nunca experimentado, reflectia-se nas questões que iam sendo colocadas:

Saberei? É difícil dramatizar, não é? Pode ser ler, ou apenas contar? Podemos mostrar alguns adereços? Qual é o melhor dia? Quanto tempo tenho disponível? E se a língua se me entaramela? Eu não sei se tenho jeito...

Quanto à escolha das obras a incluir na hora do conto, pelo grande desconhecimento dos livros adequados ao nível de desenvolvimento, interesse e motivação dos grupos em questão e dos critérios de qualidade que deveriam estar presentes aquando da sua escolha, os elementos do grupo sentiram-se um pouco perdidos, surgindo inúmeras questões que só as sessões de formação e os vários espaços de diálogo foram resolvendo e solucionando. A este propósito citam-se algumas dessas questões:

Que tipo de histórias vamos escolher? É bom escolher histórias um bocadinho relacionadas com o dia-a-dia deles, não é? Eu acho gira esta história. Vocês também acham? Os miúdos gostarão? Eu gosto de histórias em que aparecem animais...os miúdos também gostam, não é? Eu escrevi uma história para a minha filha...tem desenhos feitos por ela...Acham que posso ler essa história aos alunos? Banda desenhada não, pois não? Vamos contar uma obra que está na Biblioteca? Não devem ser histórias longas, pois não? Esta história é muito pequena. Será de lê-la? A que eu vou ler acho que é muito interessante. Pensei nela porque tem uma mensagem muito importante para os meninos sobre os TPC.

Outras das preocupações verbalizadas davam conta da necessidade sentida de manter algum domínio sobre o grupo e portanto desenvolver algumas estratégias que os auxiliasse neste aspecto, tais como: previsão do número de participantes na hora do conto, antecipação do material necessário, cuidados a privilegiar na leitura da obra escolhida, entre outros. Esta inquietação com o público-alvo traduzia-se da seguinte forma:

Para quantos e para que nível de alunos vou ler? Temos que ter cuidado senão instala-se o caos. Os pequeninos são umas esponjinhas, não são? Fica lá tudo. Há que ter cuidado, não acham? Não nos podemos enganar...Vamos contar para o grupo onde estão os nossos filhos ou para outro qualquer? Eu nunca li textos para tantos meninos...vamos a ver se me saio bem...

Ou ainda, mais especificamente, relativamente ao modo de contar:

Vamos fazer leituras durante todo o ano? Podemos fazer pequenos trabalhos de investigação sobre alguns elementos da história? Não é melhor termos mais ou menos memorizada a história? Não nos agarrarmos tanto ao livro e à sua leitura? Podemos escolher os pares para não ser apenas um a contar a história? O livro deve estar sempre presente? Quanto tempo tenho disponível? Temos que ter tempo para nos mentalizarmos... Podia, talvez, dizer-nos se duma maneira é melhor...ou pior e...nós aceitarmos ou não...

Foram estas, entre tantas outras questões, que nos levaram a perceber o quanto é necessário:

- Intervir formativamente junto das famílias de forma a criar condições para o seu envolvimento activo na escola.
- Intervir formativamente junto dos docentes.
- Dinamizar, difundir e promover a Biblioteca Escolar desenvolvendo projectos que envolvam os pais.
- Fomentar a articulação entre a Biblioteca Escolar e o Projecto Educativo.

Esta formação, que se foi desenrolando ao longo de vários espaços de encontro, teve como objectivo uma construção conjunta do conhecimento segundo um esquema arquitectado, orientado e participado pela coordenadora da biblioteca, pelos elementos do grupo e formadores convidados.

Foi portanto sempre partindo de um conceito mais assente na construção de saberes a partir do contexto experienciado, que se foi operando essa formação, questionando mudanças que se iam sentindo, pondo em comum dúvidas e dilemas surgidos. Estas situações formativas foram mudando o “estado das coisas”, o quotidiano da biblioteca e da escola, influenciando a vida de cada um de nós e de cada um dos elementos da comunidade escolar, instituindo hábitos de trabalho conjunto que, interferindo no contexto, o modificaram, promovendo o *desenvolvimento de uma cultura colaborativa e de um trabalho de equipa susceptível de transformar a escola/biblioteca em comunidade de aprendizagem* (Zeichner, 1993, p. 32).

No que diz respeito aos alunos, em pequenas frases escritas na sua sala de aula, estes foram dando a sua opinião, das quais destacamos algumas:

Gostei muito, porque foi muito diferente. E também gostava que a minha mãe fosse contar uma história.

Eu gostei que eles viessem à Biblioteca...

Gostei também do Jorge, porque ele veio disfarçado de brasileiro. Mas do que eu gostei mais foi da professora Inês disfarçada de índia...

Eu gostei de ouvir estas histórias contadas pelos pais, principalmente a minha mãe, porque se aprende coisas novas e a falar melhor.

Eu gostei muito das apresentações ...

Eu gostei que a minha mãe viesse à Biblioteca dos Castelos, mas também gostei que os outros pais viessem, porque assim conhecem-se pessoas novas.

Foi muito divertido, porque é sempre bom ouvir histórias e porque nunca pensei que a professora Inês tivesse uma ideia dessas.

Eu gostei de ouvir as mães, nem sabia que elas sabiam contar histórias.

Foi uma experiência engraçada estarem pais a contar histórias em vez de ser a professora.

Gostava que os meus pais também aqui viessem contar uma história.

A minha mãe contou muito bem a história Os meninos e as meninas gostaram de a ouvir e eu também.

Gostava que a minha mãe para o ano viesse com as outras mães contar mais histórias.

Eu gostei de ouvir a mãe da Joana a contar muito bem a história.

Eu gostava que os meus pais fossem contar uma história aqui, porque era muito giro.

Eu gostei muito de ouvir eles contarem histórias, porque participámos e as histórias eram bonitas.

De todas as opiniões ressalta o facto de, para além de todos terem gostado de ouvir as histórias, como é normal em qualquer criança, estas encantaram-se com a possibilidade de ouvirem os seus pais contá-las na sua escola para si e para os seus colegas que, ao demonstrarem a sua admiração e ao gostarem de as ouvir, os encheram de orgulho.

Constata-se ainda o desejo forte daqueles cujos pais não intervieram no projecto, de que estes pudessem e quisessem vir à escola ler histórias para si e, ainda mais importante, para os seus colegas.

Resumo

Com a arqui-estrutura pensada para três momentos ligados entre si por um fio condutor que era o desejo de fruir a leitura reflectida em conjunto com a família, de criar novos espaços, novos olhares de reflexão sobre a leitura através de um personagem que faz parte do imaginário de todos nós – o contador de histórias – e a arte de contar histórias, arte do efémero, evento dinâmico e fugaz em que o estético e o individual seduzem o colectivo através de todo um ritual vocalizado e vivificante.

Procurou-se desta forma criar um espaço de diálogo, um espaço de sentido, de intimidade, onde pudessemos aprender a tecer um projecto, uma obra em movimento, partilhado de experiências, de memórias com a família, geralmente distanciada deste tipo de prática reflexiva.

Envolvidos num processo de revelação do outro e de nós próprios através do qual se abriram as portas à imaginação e à sensibilidade, à redescoberta de outras formas de nos apropriarmos da leitura, das palavras e dos livros, tentando contrariar alguma tendência homogeneizante neste campo.

Assim avançámos para um projecto colectivo agarrados a um sonho – viver a leitura de mãos dadas – tendo por motor o sentimento de pertença entretanto desenvolvido. O maior desafio que nos colocámos foi provocar a necessidade de quotidianamente reflectir a leitura e foi nessa convicção e com esse desejo que operámos e mediámos. A nossa maior aspiração, se no-la permitirem desvendar, é que tenhamos conseguido que em cada livro, a cada leitura, os

nossos companheiros de percurso tenham conseguido descobrir múltiplos sentidos sem nunca perderem o desejo de novamente se precipitarem sobre eles e de os percorrer na busca de novas encruzilhadas, de outros ainda insuspeitados percursos.

Capítulo V – Resultados e conclusões gerais

(...) só sociedades reflexivamente capazes de modificarem as suas instituições perante uma mudança social acelerada, serão capazes de enfrentar o futuro com alguma confiança.

(Giddens, 1987, p. 23)

No decorrer deste trabalho que privilegiou uma abordagem qualitativa de carácter etnográfico, foi nosso intuito aprofundar a questão central da pesquisa traçando um itinerário e um modelo de observação, que andando entre livros, vagueando entre o esquecimento e a memória, nos levasse a uma reflexão, que conciliou emoção e razão, sobre a leitura.

A necessidade de uma reflexão profunda e de desenvolver e estender o hábito de leitura à maior quantidade possível de indivíduos é indispensável para o enriquecimento e desenvolvimento pessoal, para a compreensão do mundo e das suas transformações, para a participação social activa actual nos mais diversos contextos.

Na actualidade o leitor é muito mais mobilizado para a leitura, razão pela qual se torna vital desenvolver o seu gosto por esta, que amplie horizontes, desenvolva o espírito crítico, alimente parcerias, cumplicidades, desejo de conhecimento de nós próprios e do Outro. Tornar-se-á assim, cremos, mais sensível ao mundo das palavras e, também, reduto vivo de múltiplas referências socioculturais e afectivas.

A escola deverá ser um local de convivência entre a leitura obrigatória e a leitura voluntária, uma vez que ninguém se torna leitor sendo apenas obrigado a ler. Se a leitura é indispensável para aceder ao conhecimento e informação, por outro lado, é chave de acesso a uma fonte de prazer, de crescimento pessoal e afectivo. Assim, escola, biblioteca e família, deverão ser capazes de, em conjunto, se lançarem na construção de uma estrada mágica para o imaginário e para a educação que se traduza numa nova relação com os objectivos curriculares.

A escola tem de ser mobilizada como um todo para as questões relacionadas com a leitura pois só desta forma o que Perrotti (1990, p. 65) refere como *a crença generalizada na hipótese de escola e biblioteca desempenharem um papel redentor*, se concretizará.

5.1 – Interpretação dos dados da pesquisa

Nos capítulos II e III deste trabalho procedeu-se à descrição e análise dos dados recolhidos utilizando para tal os diversos instrumentos de pesquisa já referenciados, que nos permitem (re)interpretar resultados conseguidos procurando como refere Edgar Morin, citado por Martins (1998, p. 303) *transformar a informação em significação*.

Essa informação conseguida através de uma observação e de uma análise criteriosa dos vários registos orais e escritos que foram tendo lugar, possibilitou-nos compreender não apenas o acontecimento em si, pelo que ele tem de fugidio, mas a sua significação que permanecerá através do acto de registar, dando-nos do que foi vivido uma percepção muito mais realista.

Do cruzamento dos dados já mencionados considera-se premente ressaltar não só a importância de toda a dinâmica protagonizada e desenvolvida por todos os participantes neste projecto, mas, igualmente, uma ideia de convivialidade e de encontro que se foi gerando entre todos e que favoreceu a concertação de estratégias que tinham por finalidade atingir os objectivos propostos, discutidos e aceites no início do projecto, bem como concretizar todas as actividades que foram sendo negociadas e programadas.

Estas actividades foram-se encadeando e concorrendo para o estabelecimento de uma comunicação efectiva, tornada possível pela presença de uma afectividade que começou a surgir, dando origem a uma total identificação com as acções que iam acontecendo, facilitando, desse modo, o abandono de atitudes individualistas e de um trabalho isolado de que foi beneficiária toda a comunidade escolar. Como afirmou Cristina Sousa:

Fazer parte deste Clube foi muito importante por vários factores: a minha participação no contexto escolar, o estreitamento de relações afectivas com as crianças do Jardim de Infância, com a coordenadora e com os outros pais, o desenvolvimento da minha capacidade para escolher histórias de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento das crianças e, por fim, a possibilidade que me deu de reflectir sobre muitas das questões relacionadas com a leitura e, com a minha própria narrativa biográfica literária.

As circunstâncias vividas foram provocando transformações nas perspectivas iniciais, desenvolvendo um espírito de grupo e assim tornando possível atingir a maior parte dos resultados esperados. Algumas mudanças que se foram instalando situavam-se não só no domínio de algumas representações, mas, também, no domínio de alguns efeitos reais que foram sendo constatados já que, não é possível esquecer que os alunos, sendo sujeitos activos da sua aprendizagem vão aprendendo com as experiências que lhes são proporcionadas.

Como afirmava Fátima Silva, uma das participantes, *foi muito importante este tipo de iniciativa, porque permitiu a transferência entre todos das vivências tidas como pais e a partilha de dúvidas, de interrogações e de pequenas questões do quotidiano de cada um.*

Na verdade o Clube de Pais Leitores que na opinião de outra participante, Dalila Barros, *deixará, de certeza, marcas positivas nos filhos e... nos pais,* constituiu uma peça importantíssima na forma como se passou a *olhar* a biblioteca e a presença e colaboração assídua nesta e, conseqüentemente, no espaço escolar.

Os resultados que foram sendo detectados ao longo de todo um ano lectivo, reforçou-nos a convicção da urgência não só de manter este projecto como de *caminhar* para outros que contribuam de uma forma lúdica para o desenvolvimento pessoal e cultural dos alunos e para o desenvolvimento de uma relação mais estreita e colaborativa entre a família e a escola.

Assim é possível afirmar que os resultados obtidos evidenciam:

- O desejo da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos.
- A disponibilidade da família para se envolver não apenas nas habituais datas festivas ou encontros formais mais frequentes, mas também em projectos que se desenvolvam por períodos longos e que representem uma entrega exigente em termos pessoais.
- A necessidade de criar condições para a participação dos pais quando se lança um convite desta natureza.

- O importante papel da biblioteca como mediadora entre a escola e a família, entre pais e filhos.

Espelhando os aspectos destacados transcrevem-se algumas das afirmações que os próprios elementos do Clube de Pais Leitores emitiram sobre o projecto vivido:

O balanço da minha participação neste projecto, em termos pessoais, foi francamente positivo: os meus filhos ficaram tão ou mais entusiasmados do que eu.

Por sua iniciativa passamos a frequentar com regularidade a Biblioteca Almeida Garrett, em busca de novos livros ... novos contos.

...criou-me a esperança de que a médio prazo, o prazer de ler se instale definitivamente em cada um de nós e a iliteracia da população portuguesa venha a diminuir.

A criação do Clube de Pais Leitores fará com certeza a diferença.

Obrigada por me ter feito voltar a ler, de certa maneira e a escrever

(Dalila Barros)

Este ano fiquei a ter mais capacidade de escolher com mais critério a literatura infanto-juvenil que no princípio do ano não tinha.

Notei que tinha, com certeza de passar mais tempo à procura do que seria ou não mais adequado para lhes ler...e fui aprendendo!

Foi boa a integração que se verificou dos pais com a comunidade escolar através deste.

(Jorge Firmino)

Toda a partilha que surgiu durante o projecto foi importante para a minha filha e com certeza também para todos os outros alunos

Penso que esta experiência fez muito bem à minha filha.

(Joana Cadilhe)

A minha filha achou que era muito importante que a mãe participasse nas actividades da sua escola.

Adorei a experiência, quer a formação dada pela professora Inês, quer pelos convidados que tivemos cá.

Nós aprendemos muito aqui. Fomos sensibilizados para a importância de contarmos histórias e dessa forma podermos comunicar com os nossos filhos. Penso também que a experiência do grupo que se instituiu foi realmente muito boa.

(Fátima Silva)

Reconheço que o Clube de Pais Leitores foi realmente gratificante, sobretudo pelas aprendizagens que obtive, pelo bem estar que senti e pelo encorajamento e confiança que surtiu na minha nova postura de contar histórias aos meus filhos e aos meus alunos.

Obrigada por mim e pelos que vão tirar partido desta minha aprendizagem, pelo facto de me terem proporcionado esta maravilhosa oportunidade.

(Maria José)

O Clube de Pais Leitores foi uma experiência muito enriquecedora porque teve uma tripla funcionalidade: (re)introduziu os pais na literatura infantil, promoveu a leitura das crianças e, não menos importante, estreitou os laços entre as famílias e a comunidade escolar. Esta experiência teve todos os «ingredientes» de uma excelente prática educativa que merece ser divulgada e replicada e, por essa razão, obrigada por me deixarem fazer parte deste grupo.

(Cristina Sousa)

5.1.1 – Um perfil para os contadores do Clube de Pais Leitores do Agrupamento Maria Lamas

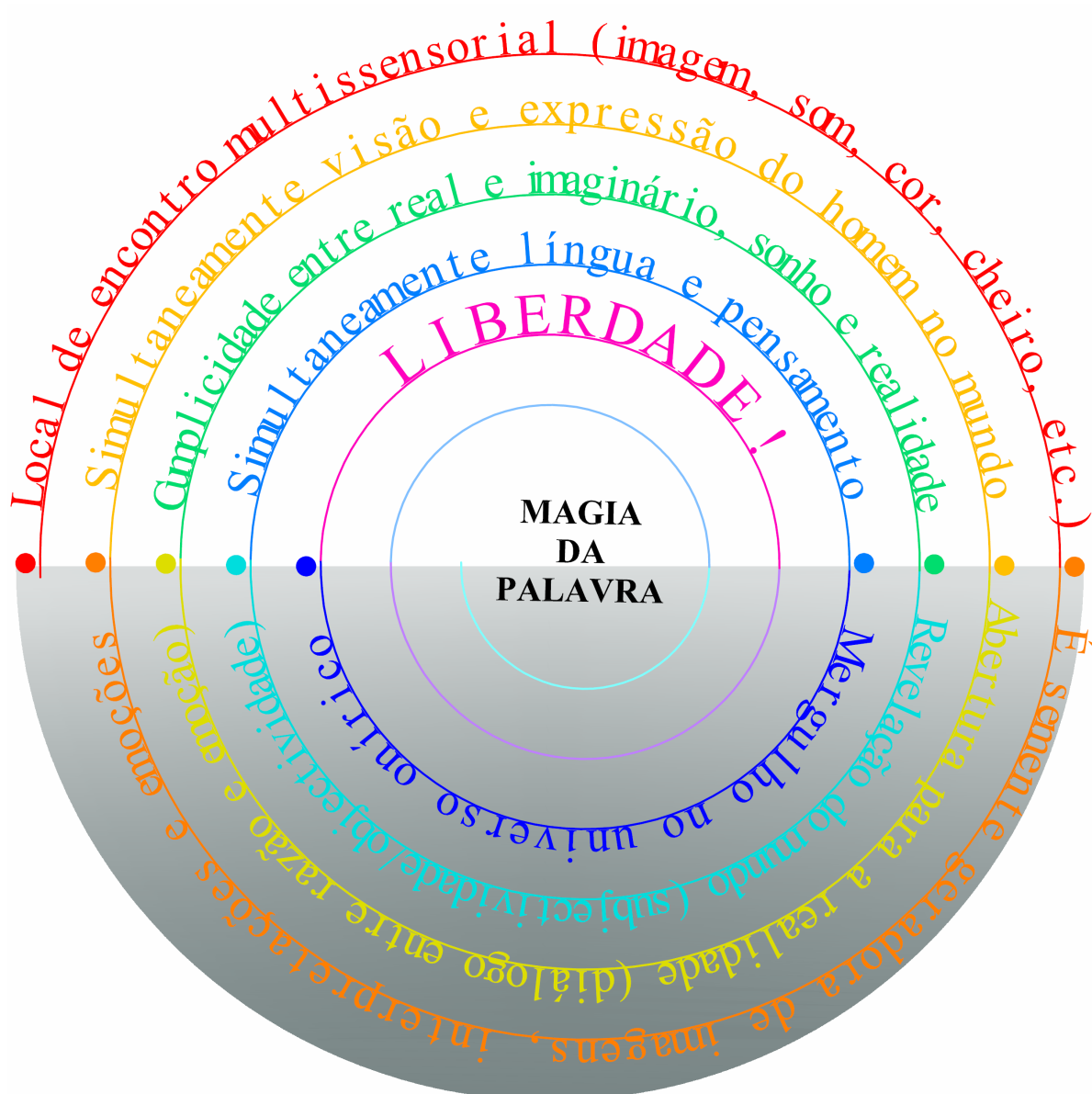
Estes contadores de histórias, são antes de mais, pais que optaram por esta via para se aproximarem dos seus filhos e do espaço onde estes permanecem grande parte do dia. São certamente pessoas a quem a leitura e a literatura oral disse algo mais e que procuraram, através desta experiência, vestir a pele de uma figura como a do contador de histórias, eco da cultura popular que povoa o imaginário de todos nós e que suscita curiosidade até pela particularidade de nele se verem reunidos verbo, gesto e som.

Os contadores do Clube de Pais Leitores podem ser incluídos no que Busatto denomina de *contadores urbanos*. Estes, são pessoas que tentam recuperar a arte da oralidade e o espaço que esta forma de comunicação, outrora, ocupou em cada comunidade para que não se perca como denuncia Ítalo Calvino, citado por Busatto (2005, p. 81), esta *faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens*.

5.1.1.1 – Elementos de representação do perfil dos contadores

As expressões recolhidas ao longo dos nossos encontros são testemunho da intensidade das vivências destes *contadores urbanos* implicados na educação dos seus filhos. Assim, e porque cada momento tem a sua magia, procuramos traduzir na fig. V, o nosso objectivo comum de, pela palavra, ampliarmos e garantirmos a liberdade individual de cada um para que todos possamos respirar a Liberdade e olhar as estrelas.

Fig. V – A Liberdade Mágica da Palavra



Arquitectura simbólica e espiralante da Fig. V – ensaio de uma nova paisagem à procura de um espaço para a palavra.

Esta foi uma viagem imaginária que teve como ponto de partida um círculo que, encerrando no seu interior ciclos e ritmos, gerou um fluxo narrativo num ritual de encontro, de recuperação de imagens, de memórias. Viagem onde interior e exterior se cruzam e se interpenetram. Cada encontro entre os sentidos e o exterior é mutável, contingente e aberto ao futuro.

Esboço de um processo triásico à procura de uma íntima ligação, de cumplicidades, de um espaço reflexivo, de segurança, de intimidade, de sensibilidade, de abertura.

Neste dia mágico²⁵, no qual nasceram dez novos círculos, em 10 actividades (*ver Fig.VI*) cujo conteúdo se combina e se reconstrói incessantemente, suportando e revelando outros mágicos instantes, iniciámos uma viagem ao centro de nós. A cada abertura de um novo círculo, a cada efervescência, a cada despertar dos sentidos, a cada suspiro um novo encontro, novas energias e novas direcções surgiam auxiliando-nos a tomar consciência da nossa própria trajectória rumo à magia da palavra feita encontro, feita invento.

A Mandala do Clube de Pais Leitores representa uma viagem. Uma viagem ao interior de cada um de nós, a si mesmo, à própria unidade criadora da unidade cósmica universal, semelhante ao lento, inesperado e quantas vezes penoso caminho dos heróis que habitam e dão vida às narrativas maravilhosas. É uma viagem à procura de si próprio nas imagens, quadros e polaridades que vamos descobrindo em nós, no nosso percurso de transformação, na nova forma de nos olharmos e de olharmos o que nos rodeia. É um processo contínuo de construção e desconstrução interior que um percurso não linear e imprevisível suscita para que a comunicação entre as diferentes experiências e polaridades nos permitam um constante renovar e recriar da nossa relação connosco próprios, com o outro e com o mundo.

²⁵ Dia em que o projecto se fez pensamento.

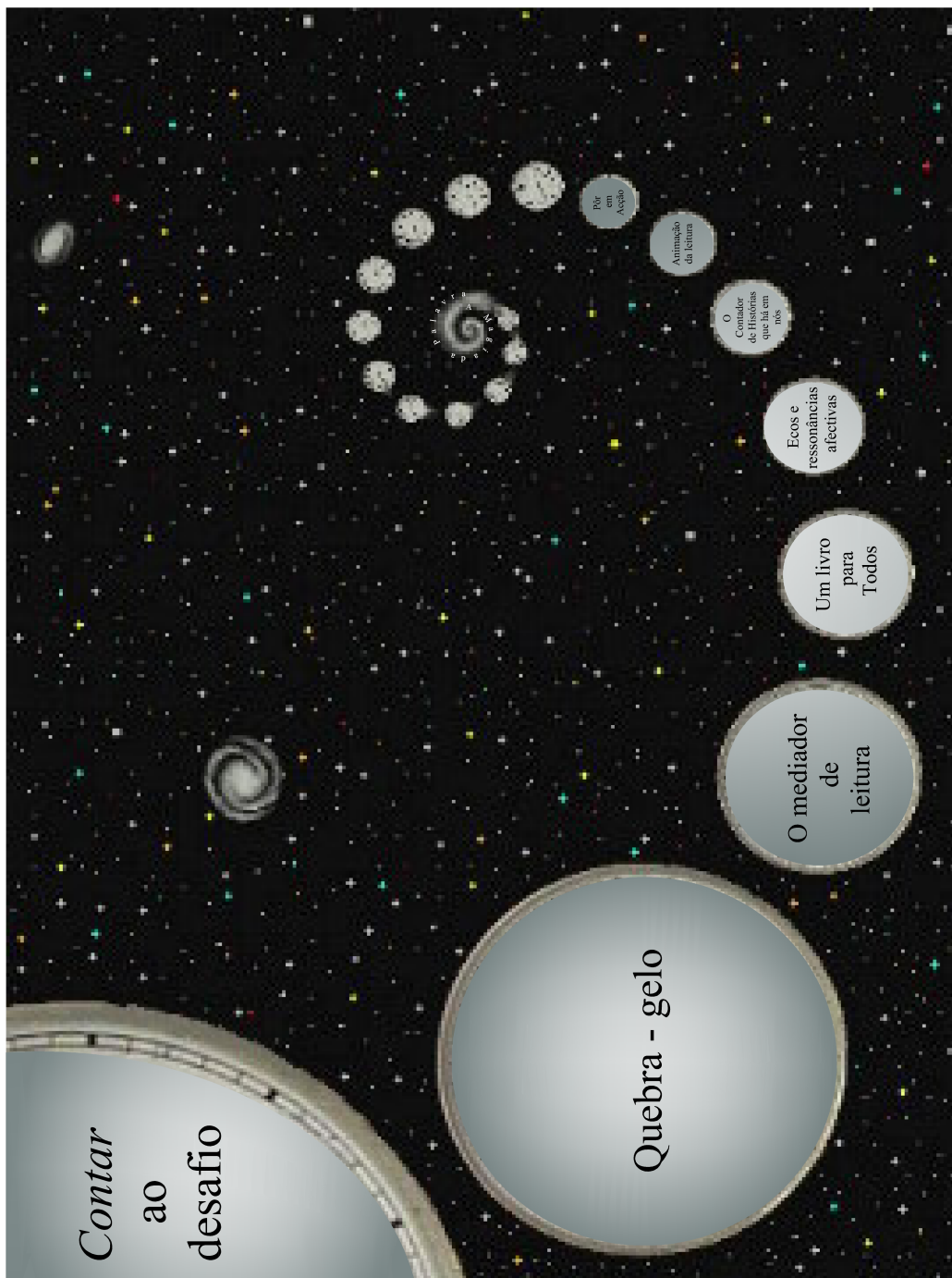


Fig. VI - Mandala espiralante do Clube de Pais Leitores

5.2 – Limites da pesquisa

Ao longo da pesquisa, para além das reformulações que qualquer projecto posto em marcha, acarreta, é possível destacar alguns limites tanto temporais como administrativos, que passamos a enunciar:

Limites impostos:

1 - Pelo calendário escolar: Os tempos definidos e calendarizados, nem sempre permitiram organizar com a sequência desejada todas as actividades que requeriam a presença de alunos, professores e pais.

2 - Pela disponibilidade dos pais: Disponibilidade que embora existisse e se afirmasse na sua totalidade, se apresentava condicionada pelos horários de trabalho de ambas as partes.

3 - Por alterações legislativas: Algumas alterações legislativas que foram surgindo ao longo do ano lectivo e que implicaram um maior número de reuniões, tiveram, como consequência, a alteração do plano inicial e a impossibilidade de efectivação de alguns encontros nas datas previamente estabelecidas com os pais que, na sua maioria, também eram professores.

5.3 – Recomendações futuras

Na nossa perspectiva e após termos vivido o desafio do Clube de Pais Leitores, pensamos que nos encontramos em condições de afirmar que o procedimento que se pretendeu trilhar de uma forma criativa e envolvente, com os contornos aqui narrados, não teria sentido sem uma previsível e desejada continuidade. Esta, prevista na Mandala da *fig. VI*, que, tal qual fio de ariadne invisível, nos conduz deixando opções em aberto, encruzilhadas, confluências ou trajectos novos ou ainda o repensar dos momentos nela expostos, servindo para cartografar possibilidades e limitações.

Este modelo que procurou condensar imaginação, criatividade, afectividade, descoberta, aprendizagem e conhecimento e que, mediante uma variedade de estímulos, mantivesse vivo e dinâmico o percurso trilhado, não poderia ter aqui um ponto final. Antes, pelo contrário, esta experiência mostrou-nos como a leitura é um campo amplo, de enormes e inusitadas possibilidades e de como é bom contrariar os impasses repetitivos possibilitando encontros capazes de produzir singularidades que impulsionem a mudança, que resistam a meras convicções e hábitos.

Assim, e porque tudo o que se relaciona com a palavra apela a um acto de criação, este modelo aberto, adoptado para o Clube de Pais Leitores do Agrupamento Vertical de Maria Lamas, é transferível para outras realidades, novos contextos, desde que sejam realizadas as respectivas adaptações. Ainda como modelo aberto, para além de ter gerado uma experiência intensa, convida à continuação, a outras experiências de leitura e a outros espaços de circulação da palavra.

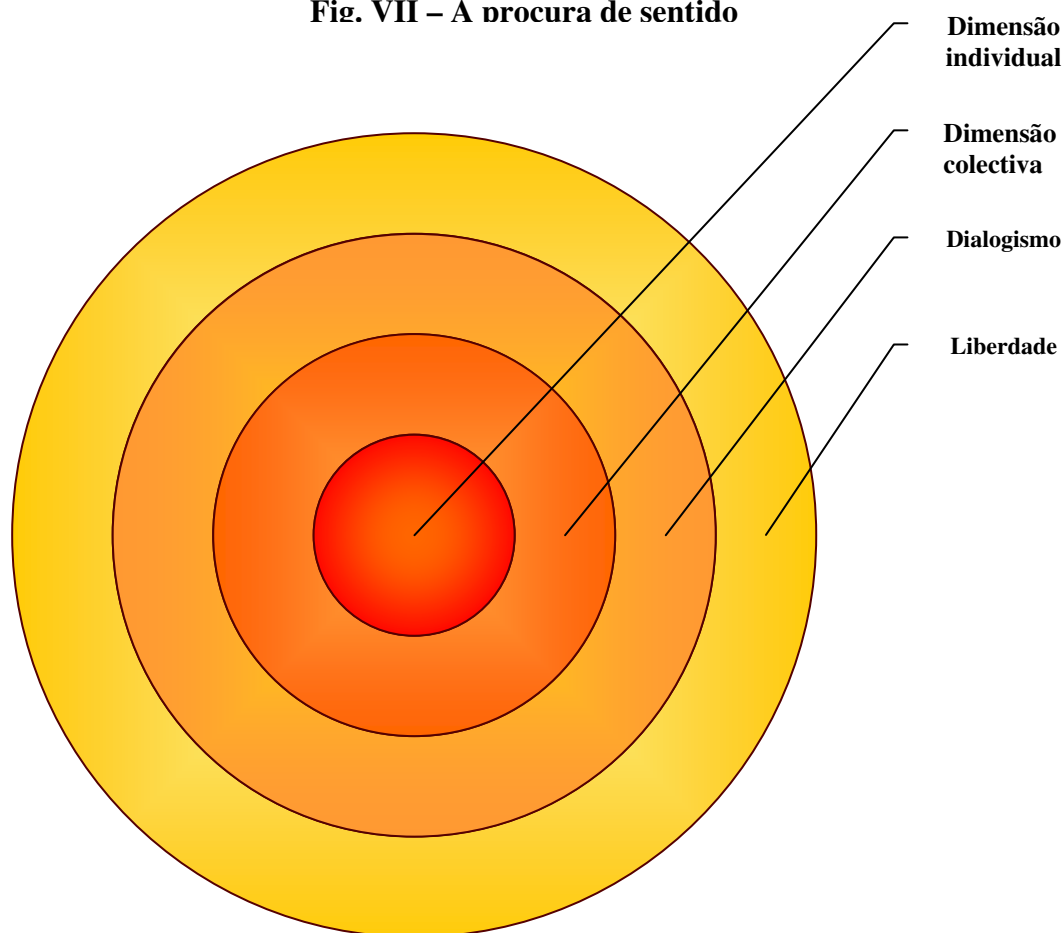
*Total uso da palavra, a todos, me parece um bom lema, de bonito som democrático.
Não para que todos sejam artistas, mas para que ninguém seja escravo.*

(Gianni Rodari, 1993, p. 17)

Promover a leitura, é promover o exercício da liberdade, é humanizar o quotidiano cada vez mais vazio, recuperar espaços de encontro e de diálogo que, com a cultura por aliada, nos conduza rumo à sensibilidade, à indignação, à imaginação, à conquista de um mundo mais justo em que todos e cada um se consigam (re)ver.

Foi este exercício reflexivo de análise e de procura individual e colectiva de um sentido para a prática, para a acção, para um acto de comunicação como o “acto de contar,” que esteve na origem da construção do Clube de Pais Leitores, o qual transmitimos através da *fig. VII*. Esta procura de sentido, tal como a procura de sentido para a vida, implica sempre uma experiência social activa, onde passado, presente e futuro são chamados a reflectir a actualidade e as suas práticas. Este foi um espaço de encontro, de liberdade, de trocas dinâmicas, um espaço que foi o reflexo da dinâmica da vida e da cultura sentida e construída pelo Clube de Pais Leitores.

Fig. VII – À procura de sentido



Que podemos traduzir pela seguinte fórmula:

$$L = Di + DC + D$$

LEGENDA:

Dimensão individual (D) - Viagem ao interior de nós próprios, como seres questionantes e dialogantes.

Dimensão colectiva (DC) - Exercício do colectivo, da alteridade, do Nós.

Dialogismo (Di) - Procura do novo, da transformação do Eu e do Nós afectivo e cognitivo.

Liberdade (L) - acto reflexivo, participação.

Assim, o repensar da educação compete, entre outros actores sociais, também e sobretudo, a nós pedagogos e às famílias. Como tal, importa que estejamos cada vez mais envolvidos, mais atentos e activos para podermos compreender, acompanhar e dinamizar as transformações

entretanto operadas, as mudanças que o mundo contemporâneo exige e sobre o qual devemos ser capazes de reflectir e prever novos cenários. Aliás, segundo Arendt (1999, p. 100) *nenhuma experiência produz qualquer sentido ou mesmo coerência sem passar pelas operações de imaginar e pensar.*

É precisamente na procura de novas formas de ensino-aprendizagem, novas formas de estar, na reflexão sobre o passado e o presente que vamos tentando equacionar e construir o futuro. Futuro esse que pressupõe, como já afirmámos, a continuação deste Projecto, eventualmente reequacionado e reformulado, uma vez que surgirá noutra contexto e com *velhos* e novos intervenientes. Muitos dos pais, cujos filhos ainda permanecem na escola, pretendem continuar, e os pais das crianças recém-chegadas e os que não tiveram oportunidade de participar no passado ano lectivo revelaram já interesse em fazê-lo. O interesse alargou-se igualmente ao Jardim de Infância, que solicitou a realização de uma iniciativa semelhante destinada aos pais e Educadoras de Infância. E, assim, vamos soltando palavras de desafio e de convite à acção.

Creemos acreditar que estes sinais de vontade de continuar este projecto, são reveladores da vontade de envolvimento das famílias na educação dos seus filhos e da crescente tomada de consciência de que o mundo está em constante devir, em intensa e veloz mutação, e que os espaços de reflexão são espaços privilegiados para fazer face à inevitável mudança.

Referências bibliográficas

- ARENDET, Hannah (1999). *A vida do Espírito-Pensar*. Vol. 1. Lisboa: Ed. Instituto Piaget.
- AZEVEDO, Fernando. (Coord.). (2006). *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos Nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel, edições técnicas, Lda.
- AZEVEDO, Fernando e COUTINHO, Virgínia (2007). “A importância do Ensino Básico na criação de hábitos de leitura: o papel da escola”, in Azevedo, F. (Coord.). *Formar Leitores: das Teorias às Práticas*. Lisboa: Edições Lidel.
- BACHELARD, Gaston. (1993) *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, Gaston (2001). *A Poética do Devaneio*. S.Paulo: Martins Fontes Editores, Lda.
- BARBOSA, Fátima (2006). “Tempo livre, Tempo de Anima” in Américo Nunes Peres e Marcelino Sousa Lopes (Coord.). *Animação, Cidadania e Participação*. UTAD: Associação Portuguesa de Animação e sociologia (APAP), s/l, pp. 118-125.
- BARTHES, Roland (1999). *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.
- BASTOS, Glória (1999). *A Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- BORGES, Jorge, Luís (1999). “História das Noites”, in *Obras Completas*. Vol. 3. S. Paulo: Globo.
- BUSATTO, Cléo. (2005). *Contar e Encantar. Pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- CALVINO, Italo (2002). *Se numa noite de Inverno, um viajante*. Porto: Público Comunicação Social SA. Coleção Mil Folhas.

- CARVAJAL, Francisco Perez e RAMOS, Joaquim.Garcia. (Org.). (2001). *Ensinar ou aprender a ler e a escrever?* Porto Alegre: Artmed Editora.
- CENTELLES, Jaume (2006). *La biblioteca, el corazón de la escuela*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- CHAUVEAU, Gérard. (1993). “Lire c’est devenir explorateur du texte” in *Le monde de l’éducation*. Sept, 39-40.
- CORDEIRO, Verbena, M. R. (1993). *Itinerários de Leitura: o processo recepcional de Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Tese de doutoramento. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CORREIA, José Alberto (s/d). *Relações entre a Escola e Comunidade: da lógica da exterioridade à lógica da interpelação*. (Texto policopiado).
- CORREIA, José Alberto (1999). *Os «lugares comuns» na formação de professores: consensos e controvérsias*. Porto: Ed. Asa. Cadernos Correio Pedagógico.
- COX, B. (1991). *Cox on Cox. An English Curriculum for the 1990’s*. London: Hodder & Stoughton.
- DURAND, Gilbert (1969). “Les chats, les rats et les structuralistes”. *Cahiers Internationaux de Symbolisme*. n°s 17-18. Mons.
- ECO, Umberto (1998). *A biblioteca*. Lisboa: Difel.
- ELIADE, Mircea (1953). *O Sagrado e o Profano*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.
- ELIADE, Mircea (1972). *Mito e realidade*. Rio de Janeiro: Livraria Profanos e Iniciados
- ELLIOTT, John (1993). *El Cambio Educativo Desde La Investigación-Accion*. Madrid: Ediciones Morata.

- FREIRE, Paulo (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (2000). *À sombra desta mangueira*. S. Paulo: Olho d'Água.
- GASCUEL, Jacqueline (1987). *Um Espaço para Ler: como criar, animar ou renovar uma biblioteca*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GIDDENS, Antony (1987). *Social Theory and Modern Sociology*. Cambridge: Polity Press.
- GUTHRIE, John (2004). *Classroom contexts for engaged reading: An overview*, in Guthrie, J.T., Wigfield, A. & Perencevich, K. C. (Eds.) *Motivating Reading Comprehension: Concept-Oriented Reading Instruction*. Mahwah: NJ-Erlbaum.
- HELD, Jacqueline (1977). *O Imaginário No Poder*. Paris: Les Editions Ouvrières.
- HUIZINGA, Johan (1996). *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- JEUDY, Henri-Pierre (1995). *A Sociedade Transbordante*. Lisboa: Edições Séc. XXI.
- KEMMIS, Stephen, e McTAGGART, Robin (1988). *Como Planificar la Investigación-Acción*. Barcelona: Laertes.
- KETELE, Jean Marie *et al* (1988). *Guia do Formador*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget.
- KOCH, IngedoreVilaça (2001). *O texto e a construção dos sentidos*. S. Paulo: Contexto.
- LANASPA, Guillermo Castan (2002). *Las Bibliotecas Escolares: Sonar, pensar, hacer*. Sevilla: Diada editorial.
- MANGUEL, Alberto (1998). *Uma história da leitura*. Lisboa: Editorial Presença.
- MANGUEL, Alberto (2007). *Como Pinocho aprendió a leer*. Comunicação apresentada, em Abril, na Fundação Calouste Gulbenkian.

MARTINS, Amílcar (1998). *Actividades dramáticas nos jardins de Infância Luso-chineses de Macau*. Macau: Fundação Macau e Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.

MARTINS, Amílcar (Coord.).(2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.

MARTINS, Amílcar (2007). “Cuentos del Espíritu num Jogo de Espelhos Virtual”, in *Revista do Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, Covilhã – “à Beira”*, pp.1-18.

MARTINS, Amílcar (2007). *Arte e Educação*. Entrevista concedida ao Programa Televisivo “Destaque” (vídeos)

Acedido em 16 de Dezembro de 2008:

[http:// br.youtube.com/user/amilcarmartins1](http://br.youtube.com/user/amilcarmartins1)

MARTINS, Margarida, Alves (1991). *O Que é Preciso para Poder Aprender a Ler*, in *Análise Psicológica*, ISPA 1 (IX). pp. 49-63.

MEIRELES, Cecília (1984). *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (s/d). *Vamos ler com as crianças na Escola e em Casa*. Ed.. ME/DEB (desdobrável).

MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO (2001). *Resultados do Estudo Internacional Pisa 2000*.

Acedido em 12 de Outubro de 2008:

<http://www.gave.pt>

MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO (2006). *Plano Nacional de Leitura*.

Acedido em 12 de Outubro de 2008:

http://www.rbe.min-edu.pt/eventos/plano_nacional_de_leitura.htm

MANIFESTO da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas (1994).

Acedido em 12 de Outubro de 2008:

www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm

- NUNES, Henrique Barreto (1994). *Livros, Crianças, Escolas, Bibliotecas e o que mais se verá*. Comunicação apresentada no 3º Colóquio, “A Literatura Infanto-Juvenil e o Ensino,” realizado no Fórum da Maia em 8 e 9 de Março e organizado pela Editora Civilização.
- PASTOR, Carmen Lomas (2002). *Cómo hacer hijos lectores*. Madrid: Ed. Palabra.
- PENNAC, Daniel (1993). *Como um romance*. Porto: Edições Asa.
- PIMET, Odile; BONIFACE, Claire (1999). *Ateliers d'écriture: mode d'emploi*. Paris: ESF éditeur.
- POSLANIEC, Christian (2005). *Incentivar o prazer de ler*. Porto: Ed. Asa.
- PROLE, António (2005). *O papel das Bibliotecas públicas Face ao Conceito de Literacia in Educação e Leitura*. Esposende: Actas do Seminário, pp. 31 a 41.
- RAMALHO, G. (Coord.) (2001). *Resultados do Estudo Internacional PISA 2000*. GAVE. Lisboa: Ministério da Educação.
- READ, Herbert (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- RHONA, Oldford. (2002). *Teacher – Librarianship and Change: Why institutionalization has failed*, in *Teacher Librarian Journal*, v. 29, nº3.
- RICOUER, Paul (2008). *La memoria, la historia, el olvido*. Madrid: Ed: Fondo de Cultura Económica.
- RODARI, Gianni (1993). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ROCHA, Rosália (2001). *Um Outro Modo de Ser Professor: Projectos, Trajectos e Afectos*. Dissertação de Mestrado. Não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação- Universidade do Porto.

SARTO, Montserrat (2007). *Animación a la Lectura com nuevas estratégias*. Madrid: Ediciones SM.

SARTRE, Jean Paul (1987). *Les Mots*. Paris: Gallimard.

SEQUEIRA, M. Fátima (2002). *As estruturas linguísticas cognitivas e culturais e a compreensão leitora*. Tese de Doutoramento. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

SILVA, Ezequiel Teodoro (1993). *Leitura na escola e na biblioteca*, 4ª ed. Campinas: Papirus.

SILVA, Ezequiel Teodoro (1998). *Criticidade e leitura. Ensaios*. Campinas: Mercado de Letras.

SILVA, Pedro (1994). *Relação escola-Família em Portugal 1974-1994: Duas Décadas, Um Balanço*. Inovação, vol.7, 3, 307-355. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.

SILVA, Pedro (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada –Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.

SIM-SIM, Inês (2001). *A Formação para o ensino da leitura*, in Inês Sim-Sim *A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Cadernos de Formação de Professores, nº2, pp. 51-64.

SIM-SIM, Inês (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Col.práticas pedagógicas. Ed.Asa.

SIM-SIM, Inês; DUARTE, Inês e FERRAZ, Maria José (1997). *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

SOLÉ, Isabel (2006). *Estratégias de Lectura*. Barcelona. ICE de la Universitat de Barcelona: Ed. GRAÓ.

- STOER, Stephen, R. (1994). *Construindo a Escola Democrática através do «Campo da Recontextualização Pedagógica»*. Revista “Educação, Sociedade e Culturas” nº1, 7-27. Porto: Ed. Afrontamento.
- STOER, Stephen, R. e SILVA, Pedro. (Org.). (2005). *Escola-Família*. Porto: Porto Editora.
- TOURAINÉ, Alain (1996). *Carta aos Socialistas*. Lisboa: Terramar.
- TRAMONTE, Cristiana (2004). *Religião afro-brasileira e cyberspaço: estratégias da tradução na modernidade*. Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 4. Temática variada.
- VIEIRA, Ricardo (1995). *Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultural*. Revista “Educação, Sociedade e Culturas” nº 4, 127-147. Porto: Ed. Afrontamento.
- VIGNER, Gerard (1978). *Lire: du Texte au Sens*. Paris: CLÉ International.
- VIGOTSKY, Lev Semionovitch (1991). *A Formação Social da Mente*. S. Paulo: Ed. Martins Fontes.
- WILDE, Oscar (1992). *The Picture of Dorian Gray*. London: Wordsworth Editions Limited.
- ZABALZA, Miguel. A. (1994). *Diários de aula. Contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.
- ZEICHNER, Kenneth (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.
- ZUMTHOR, Paul (2001). *A letra e a voz – A “literatura” medieval*. S. Paulo: Ed. Cia. das Letras.

ANEXOS

ANEXO 1 - Categorias de análise

Categoria 1 – Formação (aos pais).....	160
Categoria 2 – Reflexões.....	169
Categoria 3 – Contar histórias.....	180
Categoria 4 – Ouvir histórias.....	182
Categoria 5 – Memórias.....	184

ANEXO 1 – Categorias de análise

CATEGORIA 1 – Formação (aos pais)

Registos	Convidados	Indicadores (ideias principais)
<p>Estou aposentada. Fui Professora de Português ao nível do Secundário.</p> <p>Quis sempre ter uma turma a partir do 7º ano de escolaridade, porque mesmo que chegassem um desastre às minhas mãos, eu garantia que no 12º ficavam a escrever e a falar bom português. Se os apanhasse só no 10º já não havia nada a fazer. Eu conseguia, claro que tinha que vir muito atrás.</p> <p>Os erros ortográficos para mim não são o pior. Claro que é mau, não é bom, o texto fica desfeado, mas o que é gravíssimo são os erros de sintaxe.</p> <p>Os erros ortográficos vão sendo corrigidos através da consulta do dicionário.</p> <p>Dei formação inicial durante 10 anos, sou responsável por muita formação dada a professores e acho que os Politécnicos, que querem imitar as Faculdades, deviam preocupar-se mais em adequar os seus cursos à função que os seus alunos vão desempenhar e ao nível de ensino que vão dar.</p> <p>Ler, assim muito geral, é descodificar o mundo para o conhecer melhor.</p> <p>Estamos aqui para trocarmos ideias sobre o que realmente é ler, como, quando, qual o papel dos pais e dos professores e educadores no gosto da leitura, nas chamadas aquisições técnicas da leitura.</p> <p>Aliás há que descodificar muitas coisas, não só a literatura, ler um cartaz, instruções, etc., etc. Eu confesso que, nesse campo, fui analfabeta...durante muito tempo (a minha educação não se preocupava com isso) e fui uma autêntica negação, nem parecia profª de</p>	<p>M.M.</p>	<p>Estamos aqui para trocarmos ideias sobre o que realmente é ler, como, quando, qual o papel dos pais e dos professores educadores no gosto da leitura.</p> <p>Há que saber fruir os livros, e nisso, acho que os pais têm um papel essencial.</p> <p>Ler, assim muito geral, é descodificar o mundo para o conhecer melhor.</p> <p>Aliás há que descodificar muitas coisas, não só a literatura, ler um cartaz, instruções, etc., etc.</p> <p>É muito importante levar os alunos a ler qualquer coisa, mas que tem sempre de ser escolhida no sentido de uma progressão.</p> <p>E vamos ao “quando”... Sabemos que os pais têm uma vida cheia. Direi mesmo que a vida está a triturar as pessoas, os pais estão assoberbados de trabalho e os tempos livres são poucos.</p> <p>Ler um bocadinho de uma história antes de adormecer é muito bom. Só que nem sempre é possível trabalhar esses textos.</p>

<p>Português!</p> <p>Eu tive alunos que chegaram ao 7º ano e só tinham lido e mal, livros de leitura obrigatória.</p> <p>Então agarrava neles e apresentava-lhes textos humorísticos em 1º lugar, ia-os interessando por outro tipo de textos, caminhando-se até chegar à Literatura com L grande.</p> <p>Muitas vezes partíamos de jornais desportivos. Usava até textos religiosos que depois os punha a comparar com textos políticos.</p> <p>É muito importante levar os alunos a ler qualquer coisa, mas que tem sempre de ser escolhida no sentido de uma progressão.</p> <p>E vamos ao “quando”... Sabemos que os pais têm uma vida cheia. Direi mesmo que a vida está a triturar as pessoas, os pais estão assoberbados de trabalho e os tempos livres são poucos.</p> <p>Eu, com os meus filhos, muitas vezes escolhia os sábados à tarde e fazíamos assim umas pequenas tertúlias de leitura e com o meu marido escolhíamos o livro e, para além de o ler, conversávamos sobre ele.</p> <p>Ler um bocadinho de uma história antes de adormecer é muito bom. Só que nem sempre é possível trabalhar esses textos. Mas também é bom deixá-los imaginarem e sonhar com o que ouviram!</p> <p>No Politécnico da Guarda fiz uma vez uma acção sobre “A materialidade do livro como pré-leitura. Por exemplo, temos uma série de elementos na capa que nos levam a prefigurar a história...é um trabalho interessantíssimo!</p> <p>Temos um homem de olhos fechados, temos objectos azuis que voam, temos uma casa tradicional, um barco, as rodas de um coche e temos tb um círculo...Com estes elementos vamos então imaginar como começa o livro, quais as suas personagens principais...vamos imaginar a história!</p> <p>Depois confrontamo-la com a história que</p>		<p>Mas também é bom deixá-los imaginarem e sonhar com o que ouviram!</p> <p>Temos um homem de olhos fechados, temos objectos azuis que voam, temos uma casa tradicional, um barco, as rodas de um coche e temos também um círculo... Com estes elementos vamos então imaginar como começa o livro, quais as suas personagens principais...vamos imaginar a história...é um trabalho interessantíssimo!</p> <p>Depois confrontamo-la com a história que efectivamente faz parte do livro. Foi sempre assim que conquistei os alunos com os livros de leitura obrigatória.</p> <p>Os livros com muitas imagens são bons para crianças de 3,4,5 anos, mas para quem já lê é tremendamente negativo.</p> <p>Há sempre que explorar com a criança o texto icónico com o texto gráfico.</p> <p>No meu tempo a escola era mais homogénea. Hoje, como sabem, é mais heterogénea. Nós éramos uma elite, tínhamos livros em casa. Há garotos agora e até com pais formados que não têm um livro, mesmo não falando naqueles que são mais carentes no aspecto económico.</p>
--	--	---

<p>efectivamente faz parte do livro.</p> <p>Foi sempre assim que conquistei os alunos com os livros de leitura obrigatória.</p> <p>Quanto ao design e à ilustração esta há que não estar em demasia, senão a sua profusão diminui o texto. Os livros com muitas imagens são bons para crianças de 3,4,5 anos, mas para quem já lê é tremendamente negativo.</p> <p>Há sempre que explorar com a criança o texto icónico com o texto gráfico.</p> <p>No meu tempo a escola era mais homogénea. Hoje, como sabem, é mais heterogénea. Nós éramos uma elite, tínhamos livros em casa. Há garotos agora e até com pais formados que não têm um livro, mesmo não falando naqueles que são mais carentes no aspecto económico.</p> <p>As crianças, às vezes também não vêem os pais a ler e isso constitui, claro, um problema.</p> <p>No 7º ano encontrei alunos que nunca tinham lido um livro. Só extractos de textos dos manuais.</p> <p>Pego sempre nas linhas de força de um livro e faço sempre a comparação da ilustração com o texto, Claro que dentro daquilo que sei, pois não sou designer.</p> <p>O J.I. tem de alertar os alunos não só para o que vêem, mas também para aquilo que supõem. A poesia, as artes, ajudam.</p> <p>E não esqueçam que as rimas, os ritmos, as lengalengas são muito importantes para o ouvido.</p> <p>A aula é sempre um espécie de representação!</p> <p>Todos tivemos com certeza um amigo invisível .</p> <p>Eu a partir dos 7 anos como não tinha irmãos rapazes, masculinos não entravam em minha casa... Aliás aquilo que nos faz falta inventa-se...ao fim da tarde, à noite, construía as minhas histórias!</p> <p>Perguntam-me se eu gosto dos livros “Uma Aventura”? Digamos que são uma paráfrase dos livros da Enid Blyton. Não é nada criado pelas autoras. Então prefiro muito mais os livros da</p>		<p>As crianças, às vezes também não vêem os pais a ler e isso constitui, claro, um problema.</p> <p>No 7º ano encontrei alunos que nunca tinham lido um livro. Só extractos de textos dos manuais.</p> <p>Pego sempre nas linhas de força de um livro e faço sempre a comparação da ilustração com o texto, Claro que dentro daquilo que sei, pois não sou designer.</p> <p>O J.I. tem de alertar os alunos não só para o que vêem, mas também para aquilo que supõem. A poesia, as artes, ajudam.</p> <p>E não esqueçam que as rimas, os ritmos, as lengalengas são muito importantes para o ouvido</p> <p>A aula é sempre um espécie de representação!</p> <p>Aliás aquilo que nos faz falta inventa-se...ao fim da tarde, à noite, construía as minhas histórias</p>
--	--	---

<p>Blyton que escreve muito melhor. A gente agradece que em Português haja qualquer coisa...mas a Enid é melhor!</p> <p>Qual é o meu interesse pelas várias edições de livros e pela sua análise? É que há uma Associação a que a F. I. pertence, chamada CRILIJ (Centro de Recursos e Investigação da Literatura Infanto-Juvenil). Temos uma paixão pelos livros. Temos uma revista, cada nº tem um autor. Há uma rubrica chamada “escrita intemporal” em que se tenta reviver determinados autores que os editores deixaram de editar. Por exemplo, nesta última, vai aparecer o Adolfo Simões Muller.</p>		
--	--	--

<p>Sou formada em Estudos Portugueses e Ingleses e estou a fazer o Mestrado em “Educação e Bibliotecas”.</p> <p>Hoje mais do que nunca tentamos pôr os nossos filhos a ler.</p> <p>Dantes não havia tanta coisa como hoje em dia há. Dantes íamos à Feira do Livro e ficávamos encantados.</p> <p>Os jovens hoje como têm coisas mais imediatas, chegam ao computador metem o jogo e quase que lhes basta.</p> <p>Porque é que se impõe hoje em dia ler?</p> <p>Porque é necessário ao longo de toda a vida, seja numa fábrica com uma máquina, seja para atravessar uma rua, levantar dinheiro do Multibanco, buscar uma bebida às máquinas, a leitura está em tudo que nos rodeia.</p> <p>Toda a nossa postura é de leitura e de envio de mensagens.</p> <p>Não desempenhamos bem as nossas funções se não soubermos preencher um questionário, um formulário, ler umas instruções, etc. etc..</p> <p>Essencialmente temos que ler.</p> <p>No entanto há muita coisa que se coloca como desafio e paralelo à leitura e nós temos que arranjar apetrechos, mecanismos e capacidades para ganharmos os nossos filhos antes que eles fiquem ganhos por outras formas de passar o tempo.</p> <p>Como podemos fazer?</p> <p>Como dizia Pennac...ele escreveu um livro muito simples “Como um Romance...Será que se deve ler tudo como um romance? É um objectivo muito simples ... faz a apologia da leitura e vamos ver porque razão é que ler nos acompanha a vida toda e é importante que captemos as nossas crianças enquanto são pequeninas.</p> <p>(entrega de folhas com um texto e leitura do mesmo)</p>	<p>A</p>	<p>Os jovens hoje como têm coisas mais imediatas, chegam ao computador metem o jogo e quase que lhes basta.</p> <p>Porque é que se impõe hoje em dia ler?</p> <p>Porque é necessário ao longo de toda a vida, seja numa fábrica com uma máquina, seja para atravessar uma rua, levantar dinheiro do Multibanco, buscar uma bebida às máquinas, a leitura está em tudo que nos rodeia.</p> <p>Toda a nossa postura é de leitura e de envio de mensagens.</p> <p>Não desempenhamos bem as nossas funções se não soubermos preencher um questionário, um formulário, ler umas instruções, etc. etc..</p> <p>No entanto há muita coisa que se coloca como desafio e paralelo à leitura e nós temos que arranjar apetrechos, mecanismos e capacidades para ganharmos os nossos filhos antes que eles fiquem ganhos por outras formas de passar o tempo.</p> <p>...Quando à noite lhes íamos contar uma história, nem que fosse inventada ou a saltar daqui e de acolá, havia como que um aconchego e um conforto tal que os fazia ficarem em sossego e ador-</p>
---	-----------------	---

<p>Portanto quando chegávamos à beira dos nossos filhos e à noitinha lhes íamos contar uma história, nem que fosse inventada ou a saltar daqui e de acolá, havia como que um aconchego e um conforto tal que os fazia ficarem em sossego e adormecer. Isto no tempo em que não sabiam ler. Agora que vão para escola, começam a conhecer as letrinhas, já estão entregues, já têm quem os ensine, nós vamos demitir-nos do papel de mediadores?</p> <p>Nós éramos cúmplices entre eles, leitores, e o livro e nós dávamos o livro a ler ao nosso menino como queríamos. Fazíamo-lo sonhar, aconchegando-o. Nós geríamos tudo. Éramos tudo e mais alguma coisa.</p> <p>Agora que vai para a escola...dizemos...vai fazer os teus trabalhos, vai, vai, trabalha! Já não estamos presentes e eles continuam a precisar que nós consigamos superar as suas dificuldades que é juntar sílaba a sílaba, fazer frases, dar sentido, entoação.</p> <p>Nós precisamos de continuar a ser essa voz.</p> <p>Porque se os filhos estão agora numa luta muito maior, que é prepararem-se para uma leitura que não é só de contos, mas a leitura que lhes vai fazer ver a vida, o mundo que há lá fora, nós precisamos de estar ao seu lado.</p> <p>Como?</p> <p>Pegando em livros que se propõem ser lidos de várias maneiras:</p> <p>Livros pela ilustração que nos dizem milhentas coisas, que falam para além das palavras, porque as ilustrações vibram, têm cor, forma, têm traços muito próximos dos traços deles.</p> <p>Eles nem precisam de terem coisas muito elaboradas, muito complexas, uma história por dá cá aquela palha...É o menino que não quer comer a sopa, que faz birra, que só quer ver televisão, que faz xixi na cama, etc., etc.</p>		<p>mecer. Isto no tempo em que não sabiam ler.</p> <p>Agora que vão para escola, começam a conhecer as letrinhas, já estão entregues, já têm quem os ensine, nós vamos demitir-nos do papel de mediadores?</p> <p>Nós éramos cúmplices entre eles, leitores, e o livro e nós dávamos o livro a ler ao nosso menino como queríamos. Fazíamo-lo sonhar, aconchegando-o. Nós geríamos tudo.</p> <p>Nós precisamos de continuar a ser essa voz.</p> <p>Os filhos estão agora numa luta muito maior, que é prepararem-se para uma leitura que não é só de contos, mas a leitura que lhes vai fazer ver a vida, o mundo que há lá fora. Precisamos de estar ao seu lado.</p> <p>Há que pegar em livros que se propõem ser lidos de várias maneiras.</p> <p>...as ilustrações vibram, têm cor, forma, têm traços muito próximos dos traços deles.</p> <p>Eles nem precisam de terem coisas muito elaboradas, muito complexas, uma história por dá cá aquela palha...É o menino que</p>
--	--	---

<p>Estamos sempre como mediadores, não só na leitura, mas nos desafios que eles vão ter na vida. A criança que chega a casa de outra e faz xixi na cama durante a noite e de manhã tem que encarar a vergonha de ter a cama molhada, não vai ficar conformada. Então se nós desmistificarmos ou anteciparmos essa dor através da leitura, estamos a descontraí-la e a cultivar um espaço para nós naquela criança.</p> <p>Através dos livros que apenas trabalham as cores podemos extrapolar contando outra história a par da história que lá está.</p> <p>Não precisamos de ser leitores com capacidades espectaculares. Os livros actualmente são de tal forma sugestivos que se perguntarmos às imagens o que elas querem que nós lhes lemos, elas têm tudo o que nós quisermos.</p> <p>Se repararem através de uma simples história nós podemos tratar um sem número de conteúdos.</p> <p>Por vezes não tendo tempo de ler uma história podemos fazer uma brincadeira.</p> <p>(entrega de folhas com o texto “A Nêspera”. Leitura do texto imitando a entoação dada por Mário Viegas. Leitura do mesmo pelos pais presentes utilizando várias formas – Como um jornalista, como duas velhas que conversam, em forma de diálogo/teatro, a cantar, como cantilena, etc., etc.)</p> <p>Contar histórias aos nossos filhos/alunos não é perder tempo é a ponte para que eles possam vir a ser bons leitores, a escreverem bem, a terem uma boa entoação, a saberem encadear as ideias, a adquirirem vocabulário.</p> <p>Estamos a ganhar um lugar para o futuro dos nossos filhos. Alguém que lhes abre as portas do conhecimento e da aprendizagem de uma forma lúdica.</p> <p>Nós quando nos demitimos de os acompanhar na leitura, estamos a deixá-los sozinhos a decodificar essa tarefa que é imensa.</p> <p>Há imagens que estão nos livros à espera de</p>		<p>não quer comer a sopa, que faz birra, que só quer ver televisão, que faz xixi na cama, etc., etc.</p> <p>Estamos sempre como mediadores, não só na leitura, mas nos desafios que eles vão ter na vida.</p> <p>Podemos, através da leitura desmistificar ou antecipar uma “dor “ que possa ser sentida.</p> <p>Através dos livros que apenas trabalham as cores podemos extrapolar contando outra história a par da história que lá está.</p> <p>Não precisamos de ser leitores com capacidades espectaculares.</p> <p>Se repararem através de uma simples história nós podemos tratar um sem número de conteúdos.</p> <p>A leitura de um texto em prosa ou poesia pode ser lido de várias formas- a cantar, a rir, a chorar, com tipos de vozes diferentes, como se fossemos um conferencista, um jornalista ou um político, etc.</p> <p>Contar histórias aos nossos filhos/alunos não é perder tempo é a ponte para que eles possam vir a ser bons leitores, a escreverem bem, a terem uma boa entoação, a saberem encadear as ideias, a</p>
--	--	--

<p>Aliás não deve haver tempo limite. Cada um dá o tempo que quiser e puder.</p> <p>Às vezes 1H pode não resultar tão bem com 10 ou 15 minutos.</p> <p>Em termos de avaliação nada funciona se não for continuado.</p>		<p>utilizar como fundo musical ou de qualquer pormenor que não precisa de ser nada por aí além, mas que se revela significativo para aquela história.</p> <p>O contador de histórias apercebe-se sempre quando deve terminar e quando não deve.</p> <p>Em termos de avaliação nada funciona se não for continuado.</p>
--	--	--

CATEGORIA 2 – Reflexões

Registos	Pais Leitores	Indicadores (ideias principais)
<p>Eu sou mãe de uma menina que frequenta este J.I. Ela achou que era muito importante que a mãe participasse nas actividades do J.I.</p> <p>Realmente eu não via assim nada de especial em que pudesse participar.</p> <p>Entretanto vi afixado lá fora no <i>placard</i> a informação de que iria formar-se um Clube de Pais Leitores organizado pela Biblioteca da escola e achei que era engraçado.</p> <p>Por um lado fazia a vontade à minha filha, por outro lado porque eu gosto muito de ler e ainda porque ia poder conviver com outros pais.</p> <p>Então decidi vir experimentar.</p> <p>Adorei a experiência, quer a formação dada pela Prof. F.I., quer pelos convidados que tivemos cá.</p> <p>Pessoas com um nível cultural óptimo e uma simpatia muito grande.</p> <p>Em termos de formação ouvimos opiniões sobre o que devemos ler aos nossos filhos, foram-nos apresentados livros em termos, didácticos, pedagógicos e adequados às respectivas faixas etárias.</p> <p>Se a criança era mais pequenina nós iríamos por ex. pela imagem ou mais tarde pelo texto, sempre dependendo da faixa etária.</p> <p>Nós aprendemos muito aqui. Fomos sensibilizados para a importância de contarmos histórias e dessa forma podermos comunicar melhor com os nossos filhos.</p> <p>Penso também que a experiência do grupo que se instituiu foi realmente muito boa, porque convivemos com os outros pais, trocamos entre nós a experiência que temos com os nossos filhos, dificuldades sentidas, etc.</p>	<p style="text-align: center;">FS</p>	<p>Ela achou que era muito importante que a mãe participasse nas actividades do J.I.</p> <p>Entretanto vi afixado lá fora no <i>placard</i> a informação de que iria formar-se um Clube de Pais Leitores organizado pela Biblioteca da escola e achei que era engraçado.</p> <p>Por um lado fazia a vontade à minha filha, por outro lado porque eu gosto muito de ler e ainda porque ia poder conviver com outros pais.</p> <p>Adorei a experiência, quer a formação dada pela Prof. F.I., quer pelos convidados que tivemos cá.</p> <p>Nós aprendemos muito aqui. Fomos sensibilizados para a importância de contarmos histórias e dessa forma podermos comunicar melhor com os nossos filhos.</p> <p>Penso também que a experiência do grupo que se instituiu foi realmente muito boa, porque convivemos com os outros pais, trocamos entre nós a experiência que temos com os nossos filhos,</p>

<p>Não me imaginava a contar uma história em voz alta - sem ninguém para a ouvir - enquanto cozinho ou passeio, em frente a um espelho, ou a recriar <i>o local onde se passa a trama da história visto através do olho de um pássaro</i>. Mas houve um conselho que segui religiosamente: deixei que as histórias fluíssem naturalmente de mim. Ouvi a minha intuição.</p> <p>As histórias que eu li eram de cá-rá-cá-cá, eram assim umas coisinhas pequeninas, mas foi aquilo que eu achei divertido e eu diverti-me imenso, gostei muito e acho que os miúdos também adoraram.</p> <p>A parte da coordenação foi muito importante e interessante, quanto à escolha dos livros, ao estar mais atento ao que é que existe.</p> <p>Quanto aos sentimentos...ali na hora...</p> <p>Eu tive algum receio, acho que a gente tem sempre uma certa ansiedade, um certo friozinho</p>	<p>CS</p>	<p>à estrutura do texto e imaginei-me a contar aquelas histórias a outras pessoas.</p> <p>...houve um conselho que segui religiosamente: deixei que as histórias fluíssem naturalmente de mim. Ouvi a minha intuição.</p> <p>Desde logo, tornou-se claro que não conseguiria colocar em prática grande parte das dicas que nos foram dadas sobre como contar histórias; sobre como preparar esse momento.</p> <p>Não me imaginava a contar uma história em voz alta - sem ninguém para a ouvir - enquanto cozinho ou passeio, em frente a um espelho, ou a recriar <i>o local onde se passa a trama da história visto através do olho de um pássaro</i>.</p> <p>Eu achei divertido e eu diverti-me imenso, gostei muito e acho que os miúdos também adoraram.</p> <p>A parte da coordenação foi muito importante e interessante, quanto à escolha dos livros, ao estar mais atento ao que é que existe</p> <p>Eu tive algum receio, acho que a gente tem sempre uma certa ansiedade, um certo friozinho na</p>
---	-----------	--

<p>na barriga, pois não sabe como é que as crianças vão reagir...</p> <p>Mas depois como elas, de certa forma, estão sempre à espera de algo de novo e de nós...há ali como que uma troca...Foi muito bom!</p> <p>Estava com algum receio, porque nunca tinha estado em frente a um população com estas características e penso que tomei por base a minha experiência de contadora de histórias à minha filha, em casa e individualmente.</p> <p>O 1º conto que li era um conto inglês que eu traduzi.</p> <p>Tentei fazer uma espécie de cenário com cartolinas e imagens da história tentando apresentar um jogo de sequências após a leitura da história.</p> <p>O 2º conto que li foi sobre um livro que eu e a minha filha fomos escrevendo...foi diferente!</p> <p>Nas férias do ano passado ela queria escrever um livro, começamos, fez os desenhos...foi um projecto a longa prazo!</p> <p>Ela gostava de mostrar aos amigos o que tinha feito...acho que eles gostaram e perceberam a história.</p> <p>O que aprendemos aqui foi importante e o resto do livro que eu e a minha filha escrevemos já teve em atenção o que aprendi aqui, na Biblioteca, nos nossos encontros.</p> <p>Foi bom a integração que se verificou dos pais com a comunidade escolar através deste projecto.</p> <p>A Prof. na sala dizia que eles gostavam muito do dia em que os pais vinham ler as histórias.</p> <p>Aqueles que os pais não tinham vindo ler queriam pedir-lhes para também virem.</p> <p>As actividades desenvolvidas quer com os outros pais e a professora Inês, quer com os “experts” convidados foram determinantes para nos munir de confiança para realizar esta tarefa.</p> <p>Fazer parte deste Clube foi muito importante por dois factores: a minha participação no contexto</p>		<p>barriga, pois não sabe como é que as crianças vão reagir...</p> <p>... como elas ,de certa forma, estão sempre à espera de algo de novo e de nós...há ali como que uma troca...Foi muito bom!</p> <p>Estava com algum receio, porque nunca tinha estado em frente a um população com estas características e penso que tomei por base a minha experiência de contadora de histórias à minha filha, em casa e individualmente</p> <p>O 2º conto que li foi sobre um livro que eu e a minha filha fomos escrevendo...foi diferente!</p> <p>Ela gostava de mostrar aos amigos o que tinha feito...acho que eles gostaram e perceberam a história.</p> <p>O que aprendemos aqui foi importante e o resto do livro que eu e a minha filha escrevemos já teve em atenção o que aprendi aqui, na Biblioteca, nos nossos encontros.</p> <p>As actividades desenvolvidas quer com os outros pais e a professora Inês, quer com os “experts” convidados foram determinantes para nos munir de confiança para realizar esta tarefa.</p> <p>Foi bom a integração que se</p>
---	--	--

<p>escolar, o estreitamento de relações afectivas com todas as crianças do J.I, com as educadoras, com a Profª Inês e com os outros pais, o desenvolvimento da minha capacidade para escolher histórias de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento das crianças e por fim a possibilidade que me deu de reflectir sobre todas as questões relacionadas com a leitura e com a minha própria narrativa biográfica literária</p> <p>Quando ouvi falar do Clube de Pais Leitores de imediato mostrei vontade de participar. Não só porque tenho disponibilidade de tempo como também pela possibilidade de vir a aprender alguma coisa sobre literatura infantil.</p>	<p>JC</p>	<p>verificou dos pais com a comunidade escolar através deste projecto.</p> <p>A Prof. na sala dizia que eles gostavam muito do dia em que os pais vinham ler as histórias.</p> <p>Aqueles que os pais não tinham vindo ler queriam pedir-lhes para também virem.</p> <p>Fazer parte deste Clube foi muito importante por dois factores: a minha participação no contexto escolar, o estreitamento de relações afectivas com todas as crianças do J.I, com as educadoras, com a Prof. Inês e com os outros pais, o desenvolvimento da minha capacidade para escolher histórias de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento das crianças e por fim a possibilidade que me deu de reflectir sobre todas as questões relacionadas com a leitura e com a minha própria narrativa biográfica literária</p> <p>Quando ouvi falar do Clube de Pais Leitores de imediato mostrei vontade de participar. Não só porque tenho disponibilidade de tempo como também pela</p>
---	------------------	---

<p>È bom para os nossos filhos nós virmos contar histórias. Eles entusiasmam-se.</p> <p>Acho que esta experiência fez muito bem à minha filha.</p> <p>Após as primeiras sessões do CPL percebi que na ânsia de tornar os meus filhos leitores autónomos, tinha abandonado, cedo de mais a leitura acompanhada.</p> <p>Toda a partilha que surgiu durante o projecto foi importante para a minha filha e com certeza também para todos os outros alunos.</p> <p>O que me custou mais mas que me deu muito prazer foi escolher a história que lhes ia ler.</p> <p>Ia contar histórias para um 3º e 4º ano, 8, 9 anos e como já estão na pré adolescência...não aderem com facilidade a tudo o que se lhes dá...põem aquele ar de “seca”.</p> <p>Da 1ª vez li-lhes as “Histórias em verso para meninos perversos” com um humor assim um bocadinho britânico...alguns não acharam muita piada.</p> <p>Notei que tinha, com certeza, de passar mais tempo à procura do que seria mais adequado ou não para lhes ler...e fui aprendendo!</p> <p>De resto gostei imenso, diverti-me.</p> <p>Como balanço deste ano, fiquei a ter mais capacidade de escolher com mais critério a literatura infanto-juvenil que no princípio do ano não tinha.</p> <p>Aprendi também que na parte final não devemos esmiuçar muito sobre o que ouviram ou o que aprenderam...não funciona. É melhor deixá-los entender a mensagem à sua maneira.</p> <p>Com certeza, nós pais, retiramos mais da experiência do que propriamente as crianças.</p> <p>Com a participação no CPL fui aprendendo a ter prazer no acto de contar uma história pelo que passei a fazê-lo mais vezes em casa para os meus filhos e filhos de amigos.</p>		<p>possibilidade de vir a aprender alguma coisa sobre literatura infantil.</p> <p>È bom para os nossos filhos nós virmos contar histórias. Eles entusiasmam-se.</p> <p>Acho que esta experiência fez muito bem à minha filha.</p> <p>Após as primeiras sessões do CPL percebi que na ânsia de tornar os meus filhos leitores autónomos, tinha abandonado, cedo de mais a leitura acompanhada.</p> <p>Toda a partilha que surgiu durante o projecto foi importante para a minha filha e com certeza também para todos os outros alunos.</p> <p>O que me custou mais mas que me deu muito prazer foi escolher a história que lhes ia ler.</p> <p>Ia contar histórias para um 3º e 4º ano, 8, 9 anos e como já estão na pré adolescência...não aderem com facilidade a tudo o que se lhes dá...põem aquele ar de “seca”.</p> <p>Notei que tinha, com certeza, de passar mais tempo à procura do que seria mais adequado ou não para lhes ler...e fui aprendendo!</p>
---	--	---

<p>No início fiquei verdadeiramente apavorado. Os miúdos põem questões com que não estou a contar e a minha capacidade de lhes dar uma resposta não acontece à velocidade desejada.</p> <p>A oferta de livros é tão grande que, por vezes, é difícil conseguir escolher ou acertar. Acho que aprendi melhor a fazer uma análise mais criteriosa.</p> <p>A formação que nos foi proporcionada com autores de livros funcionou como uma “vela” que iluminou a minha forma de abordar o texto para o público infantil.</p> <p>A listagem de títulos de livros, as respectivas editoras, os autores, permitiram conhecer melhor o que há no mercado.</p>	<p>JF</p>	<p>Como balanço deste ano, fiquei a ter mais capacidade de escolher com mais critério a literatura infanto-juvenil que no princípio do ano não tinha.</p> <p>Aprendi também que na parte final não devemos esmiuçar muito sobre o que ouviram ou o que aprenderam...não funciona. É melhor deixá-los entender a mensagem à sua maneira.</p> <p>Com a participação no CPL fui aprendendo a ter prazer no acto de contar uma história pelo que passei a fazê-lo mais vezes em casa para os meus filhos e filhos de amigos.</p> <p>No início fiquei verdadeiramente apavorado.</p> <p>Os miúdos põem questões com que não estou a contar e a minha capacidade de lhes dar uma resposta não acontece à velocidade desejada.</p> <p>A formação que nos foi proporcionada com autores de livros funcionou como uma “vela” que iluminou a minha forma de abordar o texto para o público infantil</p>
--	------------------	---

<p>As trocas de experiências permitem alterar determinadas posturas e criar ligações mais fortes com as crianças e fazer-nos sentir que somos responsáveis pelo desenvolvimento ou o despertar do seu gosto pela leitura.</p> <p>Passa-se a ter a noção mais exacta, real da importância da leitura e o quão eles gostam deste tipo de iniciativas.</p> <p>O CPL é um meio para desenvolver nas crianças hábitos de leitura. Elas também crescem emocionalmente com a presença dos pais no ambiente escolar.</p> <p>Não fazia a menor ideia da quantidade de livros de qualidade que, apesar de tudo, existem no mercado.</p>	<p>DB</p>	<p>A listagem de títulos de livros, as respectivas editoras, os autores, permitiram conhecer melhor o que há no mercado.</p> <p>A oferta de livros é tão grande que, por vezes, é difícil conseguir escolher ou acertar. Acho que aprendi melhor a fazer uma análise mais criteriosa.</p> <p>As trocas de experiências permitem alterar determinadas posturas e criar ligações mais fortes com as crianças e fazer-nos sentir que somos responsáveis pelo desenvolvimento ou o despertar do seu gosto pela leitura.</p> <p>Passa-se a ter a noção mais exacta, real da importância da leitura e o quão eles gostam deste tipo de iniciativas</p> <p>O CPL é um meio para desenvolver nas crianças hábitos de leitura. Elas também crescem emocionalmente com a presença dos pais no ambiente escolar</p> <p>Não fazia a menor ideia da quantidade de livros de qualidade que, apesar de tudo, existem no</p>
---	------------------	--

<p>Selecionei um. Aquele que me pareceu ser do agrado de meninos de 4-5 anos. Gostei do texto, das ilustrações, da dinâmica da história.</p> <p>As dimensões físicas do livro, pareceram-me adequadas: um livro demasiado grande, tornar-se-ia difícil de manusear (e eu estava habituada a contar histórias a uma pessoa ou duas e não a 40!); demasiado pequeno, impossibilitaria que todos conseguissem ver as ilustrações.</p> <p>Com “ <i>O nabo gigante</i>” debaixo do braço, apresentei-me no J.I., perante uma plateia de olhinhos curiosos.</p> <p>Não li o livro. Optei por contar a história em vez de a ler.</p> <p>Estive atenta às reacções das crianças, procurei cativar aqueles que me pareciam mais agitados (dirigindo-me directamente a eles, intensificando o contacto visual ou levando-os a participar na construção da história) e rapidamente aprendi uma lição: não nos podemos esquecer de verificar se aqueles a quem o conto se destina, já o conhecem!</p> <p>Foi o que aconteceu neste caso. Grande parte das crianças já conheciam o livro e isso poderia ter conduzido ao insucesso da actividade.</p> <p>Achei muito interessantes as sessões de preparação dinamizadas pela prof. Inês. A troca de experiências entre os pais, o confronto de opiniões, as exposições das pessoas convidadas (gostei <u>muito</u> de as ouvir, apesar de não ter achado muita piada quando nos puseram a “cantar” uma história!).</p> <p>O balanço da minha participação neste projecto, em termos pessoais, foi francamente positivo: os meus filhos, ficaram tão ou mais entusiasmados do que eu.</p> <p>Por sua iniciativa, passamos a frequentar com regularidade a biblioteca Almeida Garrett, em busca de novos livros ... de novos contos.</p>		<p>mercado.</p> <p>Selecionei um. Aquele que me pareceu ser do agrado de meninos de 4-5 anos. Gostei do texto, das ilustrações, da dinâmica da história.</p> <p>Com “ <i>O nabo gigante</i>” debaixo do braço, apresentei-me no J.I., perante uma plateia de olhinhos curiosos.</p> <p>Estive atenta às reacções das crianças, procurei cativar aqueles que me pareciam mais agitados (dirigindo-me directamente a eles, intensificando o contacto visual ou levando-os a participar na construção da história) e rapidamente aprendi uma lição: não nos podemos esquecer de verificar se aqueles a quem o conto se destina, já o conhecem!</p> <p>Achei muito interessantes as sessões de preparação dinamizadas pela prof. Inês. A troca de experiências entre os pais, o confronto de opiniões, as exposições dos convidados</p> <p>O balanço da minha participação neste projecto, em termos pessoais, foi francamente positivo: os meus filhos, ficaram tão ou mais entusiasmados do que eu.</p> <p>Por sua iniciativa, passamos a</p>
---	--	---

<p>Foi bom dramatizar histórias com o colega Jorge Firmino e sempre com as orientações e sugestões dadas pela Inês.</p> <p>Reconheço que foi muito gratificante, sobretudo pelas aprendizagens que obtive, pelo bem estar que senti e pelo encorajamento e confiança que surtiu na minha nova postura de contar histórias aos meus filhos e aos meus alunos.</p> <p>Obrigada Inês, por mim e pelos que vão tirar partido desta minha aprendizagem, pelo facto de me teres proporcionado esta maravilhosa oportunidade!</p>		<p>actividade.</p> <p>Adorei ter estado na turma da minha filha, assim como ela adorou.</p> <p>Foi bom dramatizar histórias com o colega Jorge Firmino e sempre com as orientações e sugestões dadas pela Inês.</p> <p>Reconheço que foi muito gratificante, sobretudo pelas aprendizagens que obtive, pelo bem estar que senti e pelo encorajamento e confiança que surtiu na minha nova postura de contar histórias aos meus filhos e aos meus alunos.</p> <p>Obrigada Inês, por mim e pelos que vão tirar partido desta minha aprendizagem, pelo facto de me teres proporcionado esta maravilhosa oportunidade!</p>
--	--	--

CATEGORIA 3 – Contar Histórias

<p align="center">Registos (dúvidas, interrogações, constatações)</p>	<p align="center">Pais</p>	<p align="center">Indicadores (Ideias principais)</p>
<p>É bom encontrarmo-nos e trocar impressões sobre como vamos fazer para contarmos histórias...</p> <p>Estou desejosa de contar uma história aos miúdos. Saberei?</p> <p>Vamos fazer leituras durante todo o ano?</p> <p>Podemos fazer pequenos trabalhos de investigação sobre alguns elementos da história?</p> <p>Que tipo de histórias vamos escolher?</p> <p>Esta história é muito pequena. Será de lê-la?</p> <p>Não devem ser histórias longas, pois não?</p> <p>É difícil dramatizar, não é?</p> <p>Pode ser ler...ou apenas contar...?</p> <p>Podemos mostrar algumas ilustrações?</p> <p>Podemos escolher os pares para não ser apenas um a contar a história?</p> <p>Podemos utilizar alguns adereços?</p> <p>Qual é o melhor dia?</p> <p>Quanto tempo tenho disponível?</p> <p>Para quantos e para que nível de alunos vou ler?</p> <p>A que eu vou ler, acho que é muito interessante. Pensei nela porque tem uma mensagem muito importante para os meninos sobre o TPC.</p> <p>Vamos contar para o grupo onde estão os nossos filhos ou para outro qualquer?</p> <p>E se a língua se me entaramela?</p> <p>O livro deve estar sempre presente?</p> <p>Não é melhor termos mais ou menos memorizada a história? Não nos agarrarmos tanto ao livro e à sua leitura?</p> <p>Eu acho gira esta história. Vocês também acham?</p> <p>Os miúdos gostarão?</p> <p>Temos que ter cuidado senão instala-se o caos.</p> <p>Eu não sei se tenho jeito...</p> <p>Temos que ter tempo para nos mentalizarmos...</p> <p>Eu gosto de histórias em que aparecem</p>	<p align="center">GRUPO</p>	<p>É bom encontrarmo-nos e trocar impressões sobre como vamos fazer para contarmos histórias...</p> <p><i>Alguma ansiedade sobre algo nunca experimentado.</i></p> <p>(Saberei? É difícil dramatizar, não é? Pode ser ler ou apenas contar? Podemos mostrar algumas ilustrações? Podemos utilizar alguns adereços? Qual é o melhor dia? Quanto tempo tenho disponível? E se a língua se me entaramela? Eu não sei se tenho jeito...)</p> <p><i>Como escolher as histórias...</i></p> <p>(Que tipo de histórias vamos escolher? É bom escolher histórias um bocadinho relacionadas com o dia-a-dia deles, não é? Eu acho gira esta história. Vocês também acham? Os miúdos gostarão? Eu gosto de histórias em que aparecem animais...os miúdos também gostam, não é? Eu escrevi uma história para a minha filha...tem desenhos feitos por ela...Acham que posso ler essa história aos alunos? Banda desenhada não, pois não? Vamos contar uma obra que está na Biblioteca? Não devem ser histórias longas, pois não? Esta história é muito pequena. Será de lê-la? A que eu vou ler, acho que é muito interessante. Pensei nela porque tem uma mensagem muito importante para os meninos sobre o TPC</p> <p><i>Preocupação com o grupo que vão ter.</i></p> <p>(Para quantos e para que nível de alunos vou ler? Temos que ter cuidado senão</p>

<p>animais...os miúdos também gostam, não é?</p> <p>Banda desenhada não, pois não?</p> <p>Vai ser incrível...!</p> <p>Os pequeninos são umas esponjinhas, não são ?</p> <p>Fica lá tudo.</p> <p>Há que ter cuidado, não acham? Não nos podemos enganar...</p> <p>Vamos contar uma obra que está na Biblioteca?</p> <p>È bom para os nossos filhos nós virmos contar histórias. Eles entusiasmam-se, não é?</p> <p>Vai ser engraçado!</p>		<p>instala-se o caos. Os pequeninos são umas esponjinhas, não são? Fica lá tudo.</p> <p>Há que ter cuidado, não acham? Não nos podemos enganar...Vamos contar para o grupo onde estão os nossos filhos ou para outro qualquer? Eu nunca li textos para tantos meninos...vamos a ver se me saio bem...)</p> <p><i>Preocupação com a apresentação da história, com a organização do tempo, com a forma de estar e de contactar com os alunos/ouvintes.</i></p> <p>(Vamos fazer leituras durante todo o ano? Podemos fazer pequenos trabalhos de investigação sobre alguns elementos da história? Não é melhor termos mais ou menos memorizada a história? Não nos agarrarmos tanto ao livro e à sua leitura? Podemos escolher os pares para não ser apenas um a contar a história? O livro deve estar sempre presente? Quanto tempo tenho disponível? Temos que ter tempo para nos mentalizarmos... Podia, talvez, dizer-nos se duma maneira é melhor...ou pior e... nós aceitarmos ou não...)</p> <p><i>Preocupação com o impacto que a sua presença pode causar nos filhos.</i></p> <p>(È bom para os nossos filhos nós virmos contar histórias. Eles entusiasmam-se, não é?)</p>
--	--	---

CATEGORIA 4 – Ouvir histórias

Registos	Alunos	Indicadores (ideias principais)
<p>Gostei muito, porque foi muito diferente. E também gostava que a minha mãe fosse contar uma história.</p> <p>Eu gostei que eles viessem à Biblioteca para ouvir uma história sobre carros.</p> <p>Eu gostei muito porque é muito engraçada a história que nos contaram. Gostei também do Jorge, porque ele veio disfarçado de brasileiro. Mas do que eu gostei mais foi da professora Inês disfarçada de índia.</p> <p>Eu gostei muito de ouvir as histórias porque participaram todos.</p> <p>Eu gostei de ouvir estas histórias contadas pelos pais, principalmente a minha mãe, porque se aprende coisas novas e a falar melhor.</p> <p>Eu gostei muito da história contada pela Zé. Eu também gostava que a minha mãe viesse cá contar uma história.</p> <p>Eu gostei muito das apresentações e das histórias. Foi engraçado.</p> <p>Eu gostei que a minha mãe viesse à Biblioteca dos Castelos, mas também gostei que os outros pais viessem, porque assim conhecem-se pessoas novas. Bem, eu já conhecia, mas se calhar havia meninos e meninas que não conheciam.</p> <p>Eu gostei quando os pais vieram à Biblioteca contar uma história, porque foi muito diferente.</p> <p>Eu gostei muito, foi muito divertido, porque é sempre bom ouvir histórias e porque nunca pensei que a professora Inês tivesse uma ideia dessas.</p> <p>Eu gostei de ouvir as mães, nem sabia que elas sabiam contar histórias.</p> <p>Eu gostei muito das histórias que os pais vieram contar, porque foram contadas pelos pais e gostava que a minha mãe também viesse contar</p>	<p>GRUPO</p>	<p>Gostei muito, porque foi muito diferente. E também gostava que a minha mãe fosse contar uma história.</p> <p>Eu gostei que eles viessem à Biblioteca...</p> <p>Gostei também do Jorge, porque ele veio disfarçado de brasileiro. Mas do que eu gostei mais foi da professora Inês disfarçada de índia...</p> <p>Eu gostei de ouvir estas histórias contadas pelos pais, principalmente a minha mãe, porque se aprende coisas novas e a falar melhor.</p> <p>Eu gostei muito das apresentações...</p> <p>Eu gostei que a minha mãe viesse à Biblioteca dos Castelos, mas também gostei que os outros pais viessem, porque assim conhecem-se pessoas novas.</p> <p>... foi muito divertido, porque é sempre bom ouvir histórias e porque nunca pensei que a professora Inês tivesse uma ideia dessas.</p> <p>Eu gostei de ouvir as mães, nem</p>

<p>algumas histórias.</p> <p>Eu gostei muito das histórias que ouvi, porque foi uma experiência engraçada estarem pais a contar histórias em vez de ser a professora.</p> <p>Eu gostava que os meus pais também aqui viessem contar uma história.</p> <p>A minha mãe contou muito bem a história Os meninos e as meninas gostaram de a ouvir e eu também.</p> <p>Eu gostei mesmo muito da história da Nau Catrineta. Gostava que a minha mãe para o ano viesse com as outras mães contar mais histórias.</p> <p>Eu gostei muito das histórias dos pais, porque eu gosto muito de ter os pais cá.</p> <p>Eu gostei da história dos 7 Ratinhos, porque cada ratinho tinha uma história que o pai contava.</p> <p>Eu gostei de ouvir a mãe da Joana a contar muito bem a história e gostava que a minha mãe viesse cá contar qualquer história bonita.</p> <p>Eu gostava que os meus pais fossem contar uma história aqui, porque era muito giro.</p> <p>Eu gostei muito de ouvir eles contarem histórias, porque participamos e as histórias eram bonitas.</p>		<p>sabia que elas sabiam contar histórias.</p> <p>... foi uma experiência engraçada estarem pais a contar histórias em vez de ser a professora.</p> <p>... gostava que os meus pais também aqui viessem contar uma história.</p> <p>A minha mãe contou muito bem a história Os meninos e as meninas gostaram de a ouvir e eu também.</p> <p>Gostava que a minha mãe para o ano viesse com as outras mães contar mais histórias</p> <p>Eu gostei de ouvir a mãe da Joana a contar muito bem a história.</p> <p>Eu gostava que os meus pais fossem contar uma história aqui, porque era muito giro.</p> <p>Eu gostei muito de ouvir eles contarem histórias, porque participamos e as histórias eram bonitas.</p>
--	--	---

CATEGORIA 5 – Memórias

Registos	País	Indicadores (ideias principais)
<p>Ao folhear um livro intitulado “O Pisco”, revi as velhas mãos do meu bisavô...</p> <p>Não me recordo do momento em que percebi que conseguia ler, mas lembro-me do dia em que a minha mãe teve consciência de que eu já o fazia.</p> <p>Penso que aprendi a ler, principalmente, com as minhas amigas mais velhas.</p> <p>Na minha casa sempre houve livros, mas a verdade, é que não me lembro de ver alguém a lê-los...</p> <p>Fui lendo, livro após livro, tudo o que havia lá em casa, menos um que na capa dizia qualquer coisa como...”este é o livro mais triste do mundo...”.</p> <p>Claro que era o “Só” do António Nobre e o certo é que ainda hoje não o li...</p> <p>O meu 1º contacto com uma Biblioteca foi na Escola Primária.</p> <p>Na escola primária havia uma Biblioteca que se resumia, para nós, a uma porta fechada. A nossa Prof. nunca nos levou até lá!</p> <p>Quando uma Prof. substituta que surgiu e nos levou até lá...a Biblioteca finalmente deixou de ser uma porta fechada!</p> <p>A leitura instalou-se na minha vida com naturalidade, como quem canta...ou respira!</p> <p>Houve duas pessoas que me ensinaram a gostar de livros: o meu pai e o meu bisavô.</p> <p>As longas conversas com o meu pai tornaram-me curiosa acerca de muitas coisas...e...daí, até ao gosto pela leitura, foi um saltinho!</p> <p>Na secretária do meu bisavô havia sempre livros cuidadosamente encadernados com papel vegetal e em que diversos marcadores denunciavam</p>	<p>DB</p>	<p>Na minha casa sempre houve livros, mas a verdade, é que não me lembro de ver alguém a lê-los...</p> <p>Fui lendo, livro após livro, tudo o que havia lá em casa, menos um que na capa dizia qualquer coisa como...”este é o livro mais triste do mundo...”.</p> <p>Claro que era o “Só” do António Nobre e o certo é que ainda hoje não o li...</p> <p>Na escola primária havia uma Biblioteca que se resumia, para nós, a uma porta fechada. A nossa Prof. nunca nos levou até lá!</p> <p>Quando uma Prof. substituta que surgiu e nos levou até lá...a Biblioteca finalmente deixou de ser uma porta fechada!</p> <p>As longas conversas com o meu pai tornaram-me curiosa acerca de muitas coisas...e...daí, até ao gosto pela leitura, foi um saltinho!</p> <p>Na secretária do meu bisavô havia sempre livros cuidadosamente encadernados com papel vegetal e em que diversos marcadores denunciavam leituras. Ainda hoje</p>

<p>etc.</p> <p>Quando ainda não sabia ler, sabia contar as histórias que me tinham lido porque sabia que correspondiam às imagens que via.</p> <p>Sentia-me muitas vezes transportada pelas histórias contadas que sentia como minhas.</p> <p>No 1º Ciclo a Prof. lia sempre histórias com um fundo moral e depois nós tínhamos que as registar, normalmente em BD.</p> <p>Eu e o meu irmão transaccionávamos BD's que trocávamos entre nós e os amigos.</p> <p>Sinto que, por vezes, as pessoas tendem a desconsiderar o tipo de leitura em BD, mas penso que, na altura em que os livros eram um bem pouco acessível (não havia as Bibliotecas que hoje temos), as BD's faziam com que se tivesse contacto com a leitura e nos levasse a conhecer outras realidades (que podiam não ser as melhores...) é certo!</p> <p>Apesar de não me considerar uma leitora acérrima, quando tive de optar pela área que queria não tive dúvidas em escolher Humanísticas.</p> <p>Penso que a escola em virtude de exagerar em algum rigor, foi matando o meu interesse pela leitura.</p> <p>A interpretação hermética que os professores exigiam das nossas leituras dos textos, nem sempre correspondia à interpretação que eu, como adolescente, fazia dos mesmos textos.</p> <p>Houve, portanto, um desencanto, já que a minha interpretação era avaliada, correspondia a uma nota e essa nota nem sempre era boa!. Também não era má, era mediana...</p> <p>As interpretações que eu fazia do Pessoa nunca estavam certas.</p> <p>Hoje não sei se estavam ou não, mas isto acaba por desmotivar os miúdos.</p> <p>Passei a só ler os manuais...</p> <p>No entanto quando fui para o M^a Lamas a</p>		<p>livros eram caros, foi minha ideia ler livros de outros familiares mais velhos, do meu irmão, primos, etc.</p> <p>Quando ainda não sabia ler, sabia contar as histórias que me tinham lido porque sabia que correspondiam às imagens que via.</p> <p>No 1º Ciclo a Prof. lia sempre histórias com um fundo moral e depois nós tínhamos que as registar, normalmente em BD.</p> <p>Sinto que, por vezes, as pessoas tendem a desconsiderar o tipo de leitura em BD, mas penso que, na altura em que os livros eram um bem pouco acessível (não havia as Bibliotecas que hoje temos), as BD's faziam com que se tivesse contacto com a leitura e nos levasse a conhecer outras realidades (que podiam não ser as melhores...) é certo!</p> <p>Penso que a escola em virtude de exagerar em algum rigor, foi matando o meu interesse pela leitura.</p> <p>Passei a só ler os manuais...</p> <p>...quando fui para o M^a Lamas a Biblioteca era o meu lugar preferido! Talvez tenha sido essa a 1ª Biblioteca onde entrei. O seu silêncio contrastava com o</p>
--	--	--

<p>Biblioteca era o meu lugar preferido! Talvez tenha sido essa a 1ª Biblioteca onde entrei.</p> <p>O seu silêncio contrastava com o barulho lá fora onde apenas se ouvia o som da minha voz interior a ler. Era magnífico!</p> <p>Hoje em dia leio alguma literatura Infantil para a minha filha e esporadicamente algum livro de ficção.</p> <p>O que me apaixona mais são as bibliografias ou histórias de vida, talvez por defeito profissional.</p> <p>Eu vivi em Angola e andava completamente à solta. Vivia numa zona onde os meus pais tinham um negócio.</p> <p>Havia pouca disponibilidade para os meus pais me contarem histórias.</p> <p>Não tinha a presença dos meus avós, os primeiros contadores de histórias no ambiente rural.</p> <p>Só havia uma rua...</p> <p>Era tudo selvagem, lá na savana. Brincávamos tanto ao ar livre que não me ficava tempo para ler e...à noite estávamos estourados, só queria dormir!</p> <p>Quando vim para cá tudo mudou...</p> <p>Lembro-me que na primária, foram as reguadas ...é do que mais me lembro.</p> <p>Da escola primária só me lembro das contas...acho que nunca li nenhum livro na escola. Só havia o manual!</p> <p>Da escola não me lembro muito, mas lembro-me de ao domingo, sentado ao colo do meu pai, ouvi-lo a ele e aos amigos conversarem longamente.</p> <p>Regressado à minha aldeia, tive alguma liberdade na escola. A professora namorava, o namorado ia lá algumas vezes, então ela saía da sala e nós</p>	<p>JF</p>	<p>barulho lá fora onde apenas se ouvia o som da minha voz interior a ler. Era magnífico!</p> <p>Não tinha a presença dos meus avós, os primeiros contadores de histórias no ambiente rural.</p> <p>Havia pouca disponibilidade para os meus pais me contarem histórias.</p> <p>Brincávamos tanto ao ar livre que não me ficava tempo para ler e...à noite estávamos estourados, só queria dormir!</p> <p>Lembro-me que na primária, foram as reguadas ...é do que mais me lembro.</p> <p>Da escola primária só me lembro das contas...acho que nunca li nenhum livro na escola. Só havia o manual!</p> <p>É a partir da telescola, por volta do 6º ano, que inicio o contacto com o livro e com o texto</p>
---	------------------	--

<p>Convivi, nessa altura pouco com os livros. A minha prioridade era brincar ao ar livre com os meus vizinhos e com os brinquedos que o meu avô construía em madeira para mim e para o meu irmão.</p> <p>Lembro-me de um tio paterno que muito empenhado no seu papel de tio e de estudante de direito, me oferecer livros da “Anita” na tentativa de me inculcar o hábito de ler, mas com pouco sucesso, uma vez que o meu pensamento estava sempre virado para as brincadeiras ao ar livre</p> <p>Um dia já quase a terminar o 1º ano, apercebi-me que afinal já conseguia ler as histórias da “Anita”. Foi de facto um momento inesquecível para mim!</p> <p>A partir dessa altura, entusiasmei-me e lia os livros para as bonecas.</p> <p>Após ter terminado o 1º ciclo começou a biblioteca ambulante a visitar a minha aldeia uma vez por mês, inscrevi-me e tornei-me uma cliente fiel. O senhor da biblioteca aconselhava-me, sempre sobre os livros que levava para casa.</p> <p>Já muito mais tarde voltei a reler alguns livros e foi interessante comparar as sensações de uma leitora jovem e de uma leitora que já é mãe.</p>		<p>repetidamente, a meu pedido, porque adorava as histórias do meu avô e da minha mãe.</p> <p>Convivi, nessa altura pouco com os livros. A minha prioridade era brincar ao ar livre com os meus vizinhos e com os brinquedos que o meu avô construía em madeira para mim e para o meu irmão.</p> <p>Um dia já quase a terminar o 1º ano, apercebi-me que afinal já conseguia ler as histórias da “Anita”. Foi de facto um momento inesquecível para mim!</p> <p>A partir dessa altura, entusiasmei-me e lia os livros para as bonecas.</p> <p>Após ter terminado o 1º ciclo começou a biblioteca ambulante a visitar a minha aldeia uma vez por mês, inscrevi-me e tornei-me uma cliente fiel. O senhor da biblioteca aconselhava-me, sempre sobre os livros que levava para casa.</p> <p>Já muito mais tarde voltei a reler alguns livros e foi interessante comparar as sensações de uma leitora jovem e de uma leitora que já é mãe.</p>
---	--	---

ANEXO 2 – Grelha de observação

Hora do Conto (grelha de observação)

Público-alvo: _____ Contador: _____

Contador	1ª sessão	2ª sessão	3ª sessão	4ª sessão	5ª sessão
<i>Atento ao ritual de iniciação</i>					
<i>Apresentação do livro</i>					
<i>Voz e dicção</i>					
<i>Utilização de recursos</i>					
<i>Explora circuitos de comunicação diversos (desenhos, imagem etc.)</i>					
<i>Tipo de leitura (só, partilhada ou a pares)</i>					
<i>Mantém e verifica a atenção do peq. público</i>					
<i>Apropriação do espaço</i>					
<i>Espaço de participação concedido</i>					
<i>Suscita perguntas/fomenta o debate</i>					
<i>Recepção</i>					
<i>Relações com outras situações/outras áreas do conhecimento</i>					
<i>Atento ao ritual de saída</i>					

ANEXO 3 – Como seleccionar os livros.

Como seleccionar os livros?

Aprende a seleccionar de forma adequada os livros para os teus filhos. Um livro inadequado pode provocar involuntariamente um distanciamento relativamente à leitura.

Pré-leitor - è conveniente oferecer-lhes livros assim que revelam capacidade física para os explorarem. Neste primeiro contacto, a ilustração adquire uma importância fundamental.

Nesta idade gostam de temas imaginativos ou da vida quotidiana, mas há sempre um predomínio absoluto da imagem.

Os livros devem ser de pequeno formato e com uma encadernação robusta, resistente já que a sua finalidade nesta 1ª etapa é proporcionar o prazer visual e material.

Crianças que iniciam a aprendizagem da leitura (6 a 7 anos) - Neste período predominam ainda a imagem contudo o texto ocupa já um lugar de destaque. Assim o mais adequado será um livro com um texto breve e ilustração cuidada.

Crianças que já lêem bem (8 a 9 anos) - Neste período já se dominam os mecanismos da leitura e se possui um vocabulário mais rico e complexo. A imagem deixa de ser um complemento para facilitar a compreensão e o texto cresce em extensão e intensidade. O livro deverá ser visualmente atractivo e com letra de imprensa clara. Os textos preferidos são os que envolvem suspense e acção e o argumento deve ser cativante (princípio, meio e desenlace

rápido). Apreciam ainda os contos maravilhosos simples e aqueles que se desenrolam em ambientes familiares.

Para os **pequenos grandes leitores** (10 a 11 anos) - Neste período a sua capacidade de ler já se encontra bastante desenvolvida o que os torna capazes de desfrutar histórias mais complexas. Neste período o que interessa sobretudo é consolidar de forma definitiva os hábitos de leitura já entretanto adquiridos. Por esta razão as histórias não devem ser nem demasiado extensas nem demasiado complicadas.

Para os **adolescentes** - Os temas preferidos neste período são fundamentalmente os textos que abordam questões próprias da fase que atravessam e que portanto os intrigam, preocupam e lhes são familiares, questões emocionais, sociais ou profissionais próprias desta idade.

Entre os 12 anos e os 14 revelam também interesse pela ficção científica, banda desenhada e romances policiais. O vocabulário e o texto literário aproximam-se mais da literatura adulta. Os adolescentes (15 a 17 anos) devem ter oportunidade de se dedicarem à leitura do mais variado tipo de géneros literários, incluindo os clássicos.

ANEXO 4 – Decálogo de uma família comprometida com a leitura

DECÁLOGO DE UMA FAMÍLIA COMPROMETIDA COM A LEITURA

1 – Uma família comprometida com a leitura é aquela que motiva para a leitura antes mesmo de o seu filho(a) saber ler. Proporcionar às crianças livros com boas ilustrações para que se deliciem e se divirtam a observar as imagens é uma ótima maneira de as levar a desenvolver o gosto pela leitura.

2 – É aquela que conta histórias aos seus filhos (as), lhes recita rimas e poesia, que lhes enche os ouvidos com a música e a magia das palavras.

3 – É aquela que dá o exemplo lendo livros, revistas, jornais e que permite que os seus filhos (as) os surpreendam frequentemente a ler.

4 – É aquela que acompanha os seus filhos (as) a exposições, que com eles assiste a espectáculos de marionetas, teatro e a outros espectáculos culturais para desenvolver a sensibilidade e imaginação das suas crianças.

5 – É aquela que partilha e comenta as leituras dos seus filhos (as)

6 - É aquela que acompanha os seus filhos (as) a lugares onde há livros – livrarias, bibliotecas – para observarem e escolherem juntos e os anima a recorrer à biblioteca.

7 – É aquela que fomenta a criação de uma biblioteca familiar ou pessoal.

8 – É aquela que aprecia e lê conjuntamente com os seus filhos, os trabalhos que se realizam na escola.

9 – É aquela que compreende que a compra de um livro não é algo de excepcional, ainda que em determinadas alturas festivas (aniversários, etc.) não deva faltar, mas faz parte das despesas previstas na educação do seu (s) filho (s).

10 – É aquela que acompanha os seus filhos (as) no visionamento de alguns programas de televisão, filmes vídeo, etc., comentando e partilhando com eles esta experiência.

(Extraído do livro *Cómo hacer hijos lectores* de Carmen Lomas Pastor, Madrid: Ed. Palabra, 2002)

ANEXO 5 – Guarde cinco minutos para ler com o seu filho²⁶

Guarde 5 minutos por dia para ler com o seu filho

- Pergunte ao seu filho se ele quer que lhe leia uma história;
- Deixe-o escolher o livro;
- Sente-se, ou deite-se comodamente com ele, e leiam-no juntos;
- Se o livro for grande leiam-no por partes;
- Observem as imagens e leiam-no pronunciando bem as palavras, apontando-as com o dedo e dando-lhes emoção.

Durante a leitura converse sobre:

- O que acham que vai acontecer a seguir;
- Explique as palavras que ele não entende;
- Aplauda e mostre-se contente com os sucessos que vai conseguindo na leitura: "Já sabes ler esta palavra!"; "entendeste muito bem a história!"; "já conheces tantas letras!";
- No fim, peça-lhe a opinião sobre a história, os momentos e personagens mais importantes para ele, etc;
- Já agora, dê-lhe também a sua opinião;
- E assim que se sentirem cansados fechem o livro.

E sonhem...

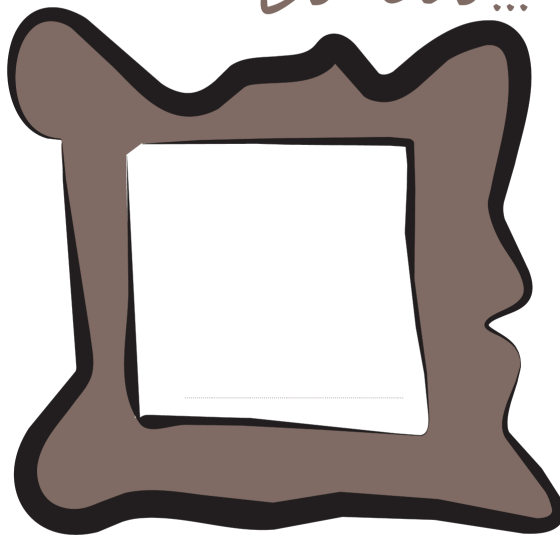
²⁶ Adaptado de *Vamos ler com as crianças na Escola e em Casa*. Desdobrável editado pelo Ministério da Educação, DEB.

ANEXO 6 – Álbum de leituras

Este álbum foi feito a pensar na melhor forma de agradecer, aos pais envolvidos, o seu empenho e entusiasmo.



EU SOU...



Atualmente existem livros para todos os gostos,

todos os tipos de leitor:

bebês e crianças
jovens e adultos
pequenos e grandes,
gigantes e mões,,
carecas e cabeludos,
clássicos e modernos,
com óculos ou lentes de contacto
com monociclo ou lupa
vulgares ou excêntricos,
que procuram o prazer da AVENTURA
da descoberta
do repouso
do jogo

e no entanto o LIVRO permanece sempre um livro
que quando nos arruemos a abrir,
tem muitas coisas para contar



COMO UM TAPETE MÁGICO



Desejas um tapete mágico que, num abrir e fechar de olhos, te leve aos confins da Terra?
Uma máquina de viajar no tempo, para o futuro a haver, desconhecido, para o passado histórico ou para aquele em

que os animais falavam?

Companheiros para correrem contigo a aventura de mares ignorados e de ilhas que os mapas não registam?

Conhecer mundos para além do nosso sistema solar, a anos-luz da nossa galáxia, sem necessidade de foguetão?

Saber a idade de uma pedra ou os mistérios da realidade, das águas, dos bichos, dos pássaros e das estrelas?

Descobrir a arca encantada, onde se guardam os vestidos "cor do tempo", das princesas de "era uma vez", aquelas que se transformavam em pombas ou dormiam em caixões de cristal, a espera que o príncipe viesse despertá-las?

Desfolhar as pétalas do sonho no país da noite?

Abre um livro.

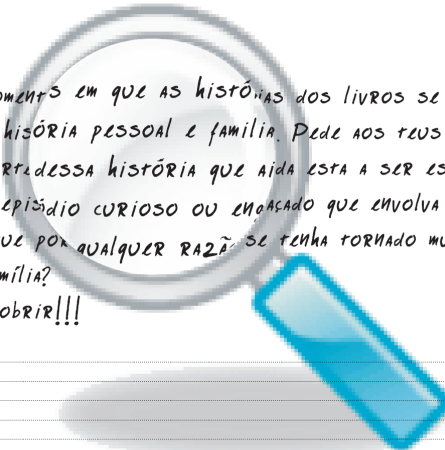
Um livro é tudo isso de cada vez e, às vezes, ao mesmo tempo.

Um livro permite-te contactar com outras imaginações, outras sensibilidades. A possibilidade de estares noutros lugares, sem abandonares o teu chão, de ouvires pulsar outros corações, de vestires a pele humana de outro ou outros. Sem deixares de ser tu. E com o livro a varinha de condão não está na mão das fadas, esta em teu poder. do teu olhar, de cada vez que te dispões a ler, que nascem aqueles mundos, caleidoscópicos, de maravilha - e só desaparecem quando fechas o livro.

Luísa Ducoara



Como cada um de nós também cada livro tem
uma história, que remonta
Mais ou menos longe no tempo.
Para descobrir quem são os seus antepassados
E como eles se desenvolveram, cresceram e
multiplicaram,
De folha em folha.
Tenta descobrir e com a ajuda dos teus pais
Avós
Irmãos
Amigos
Do teu gato
Do teu cão
Regista aqui a sua história, a película, o filme da
sua vida.



HÀ NA VIDA MOMENTOS EM QUE AS HISTÓRIAS DOS LIVROS SE CRUZAM
COM A NOSSA HISTÓRIA PESSOAL E FAMILIA. PEDE AOS TEUS AVÓS QUE
TE CONTEM PARTE DESSA HISTÓRIA QUE AIDA ESTA A SER ESCRITA.
HAVERÁ ALGUM EPISÓDIO CURIOSO OU ENGAÇADO QUE ENVOLVA UM LIVRO?
ALGUM LIVRO QUE POR QUALQUER RAZÃO SE TENHA TORNADO MUITO ESPECIAL
PARA A TUA FAMÍLIA?
TOCA A DESCOBRIR!!!

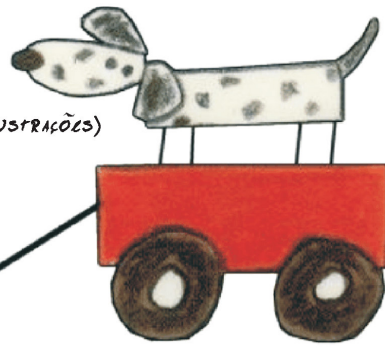
A ARCA DAS RECORDAÇÕES



DO SÓTÃO AO PORÃO (SE OS HOUVER) A NOSSA CASA É UM
Espaço mágico, lugar de muitas memórias que esconde dentro
de si objectos mágicos, pontos de partida para viagens e de
abertura para inúmeras descobertas.
Eis aqui uma página para nos contares os livros mágicos
e fascinantes que descobriste serem
os preferidos dos teus
pais, avós, irmãos, e verás
que a tua família é uma arca cheia de histórias para contar.

Os gêneros literários meus preferidos:

- Livros de imagens
 - Álbuns (livros com texto pequeno e muitas ilustrações)
 - Histórias
 - Contos de fadas
 - Romances
 - Livros de ação e aventura
 - Livros interativos
 - Poesia
 - Peças de teatro
 - Banda desenhada
 - Outros
- Quais? _____





Os meus hábitos de leitura

- Ao deitar
- Na escola
- Ao despertar
- Quando estou de férias
- Quando estou de cama

Os meus espaços favoritos para ler:

- Na cama
- No quarto
- Na sala
- No quarto de banho
- Na cozinha
- Na praia
- No jardim

Prefero:
 Um ambiente calmo e silencioso
 Leio mesmo num ambiente ruidoso



As minhas posições favoritas para ler são:

- Sentado a uma mesa
- No sofá
- Deitado de costas
- De barriga para baixo
- Sentado à chimes
- Rodeado de almofadas

Outras:

O teu livro preferido

O livro que menos gostaste

O meu escritor preferido

Porque:

Dele li as seguintes obras:

O que eu sei sobre ele:

Porque gosto tanto dos meus livros

Todos temos razões diferentes
para gostarmos dos nossos livros.
Escreve as razões sobre as bolas.



EU A LER:
FOTOGRAFIAS PARA RECORDAR:

A MINHA FAMÍLIA A LER

DATA:
LOCAL:

DATA:
LOCAL:

ANEXO 7 – “Bibliotim”



BIBLIOTIM
n.º 02, Junho de 2008

Ideias para Ler + e melhor

1 de Junho—dia mundial da criança
5 de Junho—dia mundial do ambiente

Letura e literacia pelo ambiente

O 2.º número do Bibliotim é dedicado ao ambiente, tema que inspirou esta reflexão da professora Inês Soares, coordenadora da BE dos Castelos e P. Américo, na qual nos revemos como educadores e como cidadãos.

É inquestionável, debruçarmo-nos sobre alguns livros e realizar leituras que nos falem sobre as questões ambientais (e/ou outras) que, sobretudo na última década, têm sido alvo da atenção e preocupação Mundial, porém não basta. É necessário e premente que a relação estabelecida entre as questões ambientais e a educação seja de tal forma cúmplice que se não possam desfrinçar o domínio de uma ou da outra.

Só uma consciencialização e responsabilização cívica de todos e de cada um permitirá aprofundar e auxiliar no conhecimento/tratamento deste e de tantos outros problemas contemporâneos a que urge dar resposta e para os quais há que encontrar, individual e colectivamente soluções satisfatórias. Assim e de forma a enfrentar os desafios actuais torna-se indispensável educar para a sensibilidade e os afectos, com o objectivo de desenvolver uma cidadania responsável, porque as questões ambientais, como quaisquer outras são antes de mais uma questão HUMANA, uma forma de encerrar o HOMEM, o MUNDO e nós próprios. Um homem esclarecido, informado, crítico, sensível e criativo desenvolverá naturalmente as competências necessárias para uma adequada convivência com o meio ambiente, com os seus pares, consigo próprio e com o lugar que ocupa no Mundo...

Face aos múltiplos desafios do futuro apelo-se a uma nova cultura, uma nova relação, um Novo homem num Mundo novo, mudança esta para a qual a leitura e os livros ocupam um espaço importante constituindo-se como principal aliciante, como elemento sedutor, motivador e sensibilizador para tão desejada e necessária mudança.

Biblioteca Municipal Almeida Garrett
Tel.: 226081000
Fax: 226081057
bib.agarret@cm-porto.pt

Departamento Municipal de Educação e Juventude
Rua da Restauração, 138
Fax: 222061798
dmpj@cm-porto.pt



PROGRAMA
BOLETIM INFORMATIVO
DA C.M.P. NO ÂMBITO DO
MUNICIPAL O PORTO A
LER

PROJETO O Porto a Ler



SUMÁRIO

Ler+ e melhor

Livros à solta

Biblioteca+

BIBLIOTECA +

Biblioteca Escolar EB1/JI dos Castelos

O Mercado dos Contos

Eu aprendo a viver com os outros 1 foi o grande objectivo que sustentou esta iniciativa, esta recriação histórica de um mercado, que o Clube de Pais Leitores da EB1 dos Castelos levou a cabo nesta escola. Com esta actividade procurou-se promover a tomada de consciência dos alunos da riqueza e importância da trajetória humana, da convivência e da descoberta do Outro para o nosso crescimento como homens responsáveis e justos. Como disse Paulo Freire, (...) *Os Homens educam-se em comunidade, mediatizados pelo Mundo.*

Assim, montou-se ao ar livre o “Mercado dos Contos”. Cada manita representava um Continente e cada membro do Clube encarnava um nativo oriundo de cada um deles vestindo-se de acordo com os respectivos hábitos sócio - culturais e, tal como um verdadeiro mercador, esgrimindo a palavra na tentativa de convencer quem se avizinha da sua manita, onde estavam expostos produtos característicos da sua região, de entre os quais se destaca a produção literária, a dar larga à carteira. Foi uma festa do regateio, de artesanato, uma tisanada de sentidos, de cores, de brilhos, de aromas, de contos contados e (en) cantados de onde nenhum visitante saiu sem uma história para contar.

1 Jacques Delors




Biblioteca Escolar EB1 Pedro Américo
Br. de Francos
Telefone: 226064212
Coordenadora da Biblioteca: Educ' Inês Soares

Biblioteca Escolar EB1 dos Castelos
Rua Castelo de Guimarães
Telefone: 22831395
Coordenadora da Biblioteca: Educ' Inês Soares

BIBLIOTECA +

Biblioteca Escolar EB-1 dos Castelos

Clube de Pais Leitores - Um espaço de reflexão sobre a leitura.

Com a criação do Clube de Pais Leitores pretendem-se criar novos contextos, novas dinâmicas de relação com o livro, de uma forma continuada e sistemática, capaz de seduzir e embrenhar pais / encarregados de educação neste sinuoso e prolongado percurso pela Literatura Infanto-Juvenil. Este Clube surgiu da necessidade verificada de estabelecer e reforçar pontes entre os vários agentes educativos e com o objectivo comum de conquistar leitores abrindo espaços de diálogo, de comunicação e informação.

A sua actividade desenvolveu-se segundo uma filosofia de intervenção que visa uma responsabilidade sentida e partilhada na construção de uma identidade de individual e colectiva, de uma melhor compreensão do Mundo.

Este projecto desenvolveu-se com o objectivo primário de potenciar a dimensão social da Biblioteca escolar, promovendo sessões de carácter semanal com os pais/encarregados de educação. O Clube e a sua forma de acção/intervenção foram desenhados de acordo com o público que pretendia mobilizar e as suas motivações.

Assim, nesta nova experiência leitora, os pais iniciaram a sua trajetória de mediadores visitando espaços e memórias onde sentiram reafirmado o seu vínculo à escola e à leitura. Estas sessões de reflexão/formação conjunta foram cuidadosamente estruturadas para que, num crescendo o Eu (singular), o Eu (mediador) os Eu (dialogante) se reencontrassem e revivêssem num objectivo comum, o de promover a biblioteca como um ponto de encontro, assumindo a sua vertente social, a sua responsabilidade cultural.

Biblioteca escolar EB1 Padre Américo
Rua Castelo de Guimarães
Teléfono: 22606512
Coordenadora da Biblioteca: Educ. Inês Soares

Biblioteca escolar EB1 dos Castelos
Rua Castelo de Guimarães
Teléfono: 22831395
Coordenadora da Biblioteca: Educ. Inês Soares

BIBLIOTIM BOLETIM INFORMATIVO

Revista O Porto a Ler.



SUMÁRIO

Ler+ e melhor

Livros à solta

Biblioteca+

Ideias para Ler + e melhor

Em Abril, livros mi

2 de Abril, dia Internacional do Livro Infantil
23 de Abril, dia mundial do livro

A promoção da leitura é uma prioridade estratégica traduzida no Plano Nacional de Leitura a que o Município do Porto aderiu com o programa *O Porto a Ler*.

A aquisição de competências de leitura, bem como o gosto e o prazer de ler são essenciais para o sucesso da aprendizagem, e neste processo as bibliotecas escolares têm um papel fundamental.

O Bibliotim: Ideias para ler mais e melhor surge neste âmbito e resulta do trabalho cooperativo desenvolvido pelos

Departamentos Municipais de Bibliotecas e da Educação em colaboração com os coordenadores das Bibliotecas Escolares.

Com edição trimestral, pretende ser um instrumento de ligação entre as Bibliotecas e as famílias. A sua estrutura reflecte esta intenção, começando por dar pistas para pais e educadores desenvolverem o gosto pela leitura em *Ler+ e melhor*, propondo leituras em *Livros à solta* e divulgando propostas das bibliotecas escolares em *Bibliotecas+*.

Abril é o mês do livro, no dia 2 celebrou-se o Dia Internacional do Livro Infantil e a 23, o Dia Mundial do Livro, por isso este número destaca a mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil.

n.º 01 - Abril de 2008

BIBLIOTIM

Biblioteca Municipal Almeida Garrett
Tel.: 22606100
Fax: 22606100
bib.agarret@mcm-porto.pt

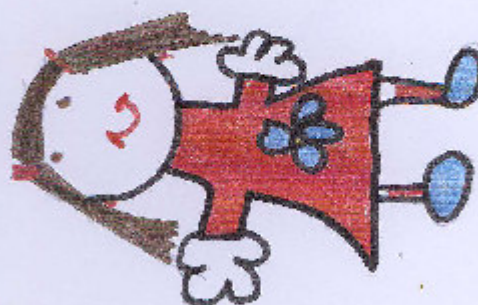
Departamento Municipal de Bibliotecas Escolares
Tel.: 222061750
Fax: 222061796
dmpe@mcm-porto.pt



ANEXO 8 – Histórias escritas pelos pais

A Raquel parece que não,

mas cresceu...



Luisa Jesus
Cristina Sousa

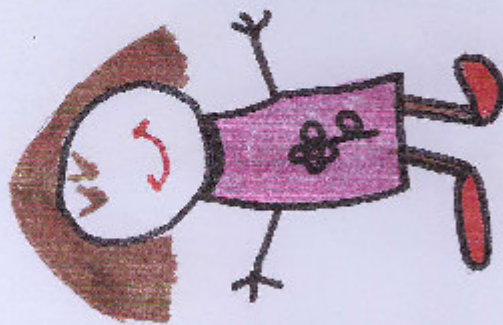
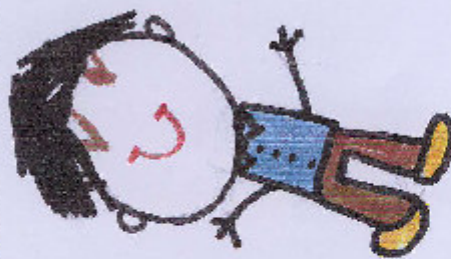
2008

Olá! Eu sou a Raquel.
Esta menina sou eu, no meu cobertor às riquinhas, no dia em que
nasci.



Estes são os meus pais:

O meu pai chama-se João.

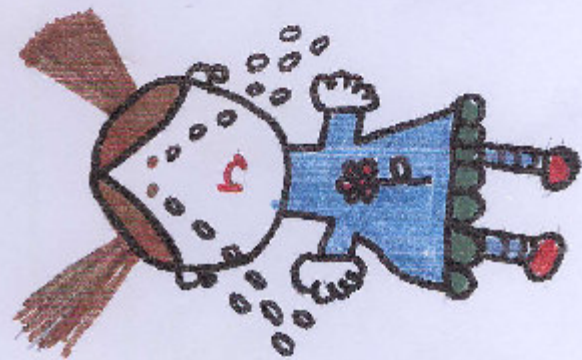


A minha mãe chama-se Rita.

No dia em que fiz 3 anos fui ao Dr. Rui, o meu pediatra. Fui lá para ver se tudo estava bem comigo. Mas quando o Dr. Rui me mediu todos ficaram espantados, porque eu era muito ^{pequena} para a minha idade. Media apenas 70 cm.

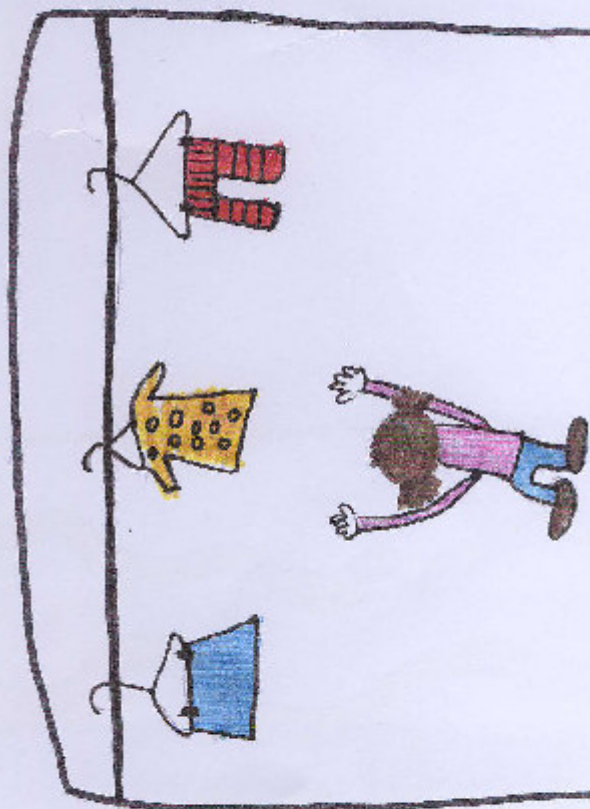


O Dr. Rui disse que eu era anã. Vocês sabem o que isso é? Quer dizer que eu nasci com um corpo diferente dos outros meninos e por isso vou ficar sempre pequena. Vou crescer muito pouquinho. Eu fiquei tão triste...

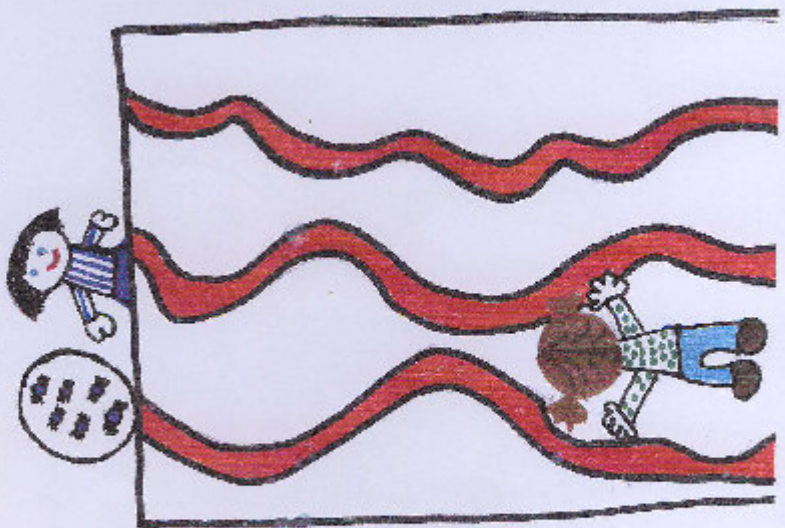


ALTOS

Nunca vou poder chegar aos armários



Nem ao balcão das lojas.



Nem estender a roupa.



Eu andava muito triste. Todos me queriam ver contente: os meus pais, os meus amigos, os meus professores. Mas eu continuava triste e dizia:

GRANDE

- Quero ser pequeninha, e não

Quando eu fiz 4 anos entrei para a sala dos médios, mas eu ainda era ^{pequeninha}. Nesse dia entraram meninos e meninas para a sala dos 3 anos.

Era uma choradeira. Todos queriam a mãe e o pai. Tinham medo porque eram ^{pequeninhas} e sentiam-se sozinhos. Então a minha Educadora, a Paula, teve uma

GRANDE

ideia!



Foi buscar-me à sala dos médios e disse aos ^{pequenas} pequeninos:

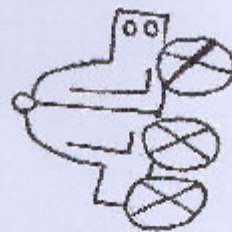
- Já viram esta menina tão ^{pequena} pequena que não chora, nem tem medo da escolinha?

Todos olharam para mim e perceberam que eu era feliz na escola e não tinha medo de nada. Todos quiseram brincar comigo e eu mostrei-lhes todos os cantinhos da sala:

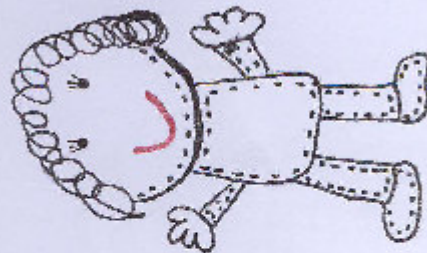
- a casinha



- as bonecas



- os cartos



Eu também estava muito feliz porque para mim ser ^{pequenin} já não
tinha importância. Eu podia ajudar os meninos mais ^{pequenin} e a partir
desse dia todos os ^{pequenin} queriam ser como eu:



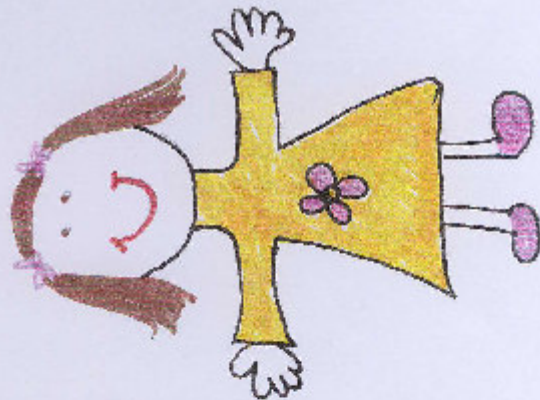
- comiam a sopa toda



- deixaram de usar chupeta

e até nem têm medo do escuro.

Agora sou a **MAIOR** dos pequeninos.



A COUVE GIGANTE QUE FALA



Bibi
Fátima Silva
2008

A Couve Gigante que Fala

Lá muito longe numa aldeia de campos verdejantes e com poucas casas vivia senhor António que tinha uma quinta.

(Vocês sabem o que é uma quinta?)

Todos os anos o senhor António plantava várias espécies de legumes ao longo do ano.

(Digam lá vários tipos de legumes que conhecem)

Estes serviam para a sua alimentação, para os seus animais, para vender e o restante dar às pessoas mais pobres da aldeia.

Os seus animais, cresciam saudáveis por causa da boa alimentação que o senhor António lhes dava, e a sua carne era deliciosa.

(Que animais podemos encontrar numa quinta?)

Certo dia resolveu plantar uma nova espécie de pencas.

(As pencas são legumes?)

Passado algum tempo entre as couves que acabavam de nascer apareceu uma, que já tinha quase um metro de altura.

Intrigado com aquele fenómeno, e depois de muito pensar, o senhor António decidiu cortar aquela penca, com medo que esta assim gigante prejudicasse as outras.

No dia seguinte de manhã com a sua enxada às costas dirigiu-se para o local, decidido a eliminar o seu estranho mistério.

Ao agarrar a enxada com toda a força para cortar a couve de uma só vez, ouviu um estranho barulho, parou, e muito espantado, olhou à sua volta para ver o que de estranho se passava, tentou aproximar-se e percebeu que era uma vozinha que pedia socorro dizendo:

C - "Não me ataque, sou uma pequena couve, que ainda lhe pode ser muito útil!"

Sem saber o que fazer o senhor António sentou-se a coçar a cabeça e a pensar no que se estava a passar e o que haveria de fazer.

(Ajudem o senhor António a decidir o que fazer com aquela couvinha, o que fariam vocês?)

Com a vossa ajuda o senhor António pensou que o melhor seria deixar tudo como estava até ver o que poderia acontecer.

No entanto levantou-se e perguntou:

A - "Tu falas couve gigante?"

C - "Eu não só falo como consigo sentir tudo o que se passa à minha volta, por exemplo, sei que tu não me cortaste porque os meninos do Jardim Infantil da Escola dos Castelos não deixaram, pois a opinião deles foi que me deixasses ficar perto de ti, não foi meninos?"

A - "Tu és muito esperta, mas já que sentes tudo à tua volta, diz-me quantas salas tem este Jardim de Infância?"

C - "És mesmo palerma! Toda a gente sabe que tem duas salas a 1 que é dos pequeninos, que são tão bonitos! É a 2 que é dos grandes, tão espertos e fortes que eles são, não acham?"

Como o senhor António vivia sozinho, começou a gostar da sua nova companhia, e sempre que tinha um tempinho lá estava ele a conversar com ela. Apressado, foi ao estábulo buscar um grande plástico para lhe construir uma casinha que a protegesse do frio e da chuva que se aproximavam com a chegada do Inverno.

Depois de algum tempo e já grandes amigos o senhor António que era muito velhinho, decidiu acabar com as suas sementeiras e com os seus animais, preservando sempre a sua couve gigante.

Rapidamente esta notícia correu todas as aldeias e cidades vizinhas, até que o país ficou a conhecer a couve gigante que dava bons conselhos às pessoas. Esta notícia fez com que todos os jornais e televisões se deslocassem até aquele famoso local para entrevistar a penca.

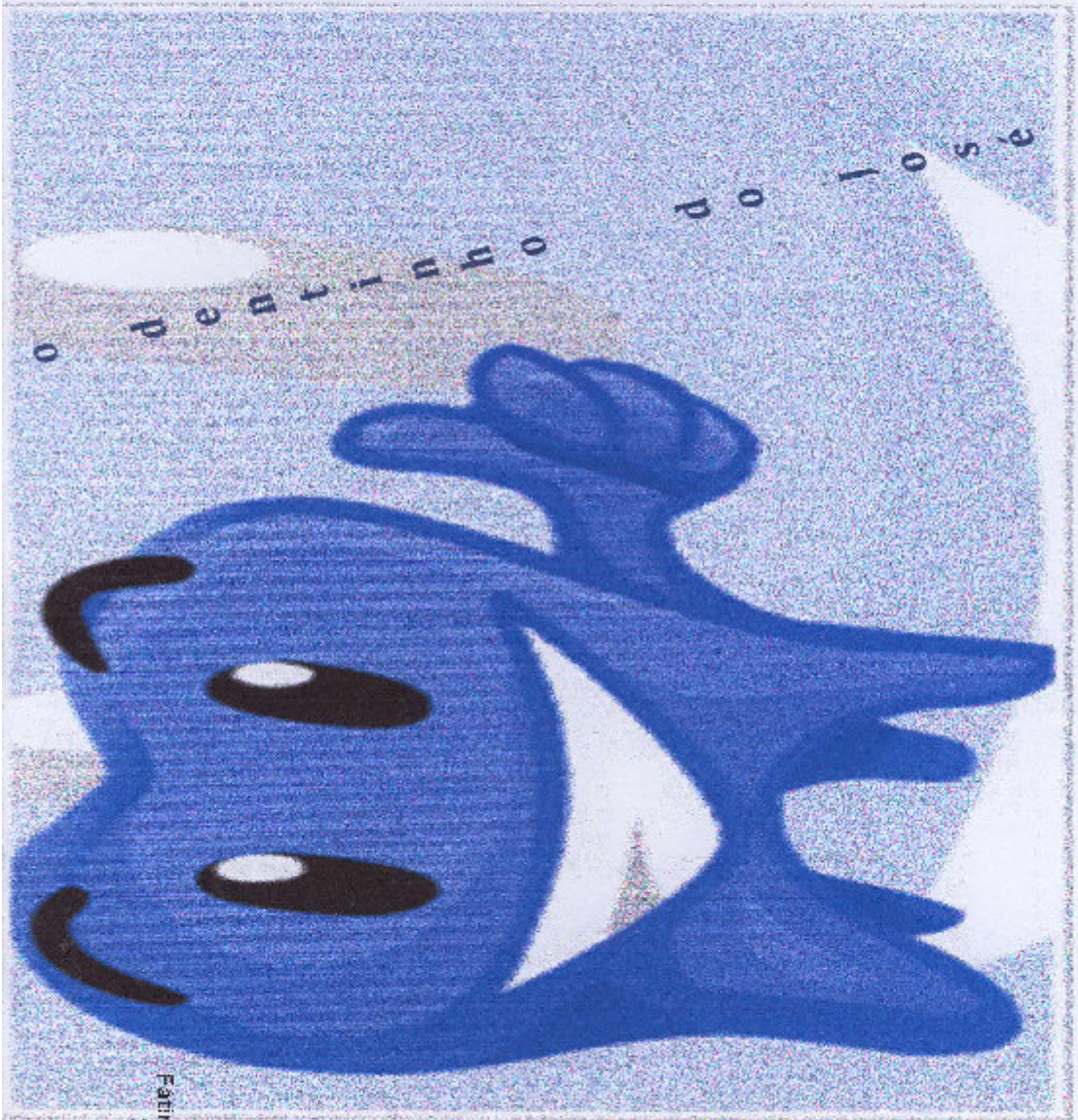
(O que são jornalistas?)

(Imagem que são os jornalistas e estão a fazer perguntas à couve gigante o que lhe perguntavam?)

Rapidamente a pequena aldeia se transformou numa grande cidade, com hotéis, restaurantes, muitas lojas e tudo aquilo que têm as grandes e famosas cidades.

(De que é que nos esquecemos e faz tanta falta nas grandes cidades e em todo o lado?)

As pessoas passaram a viver melhor, porque tinham mais empregos, a quinta do Senhor António transformou-se numa quinta pedagógica onde todos os meninos e meninas podiam plantar os legumes e frutos que tão bem fazem à nossa saúde, para além de poderem conversar e brincar com a famosa couve gigante.)



Bibi
Faíma Silva
2008

O DENTINHO DO JOSÉ

Era uma vez um menino de nome José, que era muito vaidoso e gostava muito de se observar ao espelho.

Estava sempre a espreitar os seus dentes que achava muito bonitos, e tinha muito cuidado com eles.

Para ter sempre os seus dentinhos fortes e saudáveis, o José fazia também uma alimentação variada.

- O que acham que devemos comer para termos uma alimentação saudável?

Devemos comer de forma variada, legumes, carne, peixe, leite, ovos, batatas, arroz, massa, etc...

Certa vez percebeu que um dos seus dentes tinha começado a abanar, já tinha visto a sua avó Maria sem dentes e ficou preocupado com medo que lhe pudesse acontecer o mesmo.

Decidiu então contar quantos dentes tinha.

- Vocês sabem quantos dentinhos temos?

Temos 20 dentes de leite e depois quando nos tornamos adultos passamos a ter 32.

Um dia quando o José estava a comer uma maçã, sentiu algo estranho...

- Há! Ai! Uii!

- O meu dentinho calul!

- Já vos caiu algum dentinho?

- Como é que foi?

- O que fizeram?

- Choraram muito?

Muito aflito com o que lhe tinha acontecido, o menino começou a chorar.

- Ai o meu dentinhooooo, aiii, aiii.....

- Porque nos doem os dentes quando caem?

- E noutras ocasiões, porque nos doem?

Por causa das guloseimas que comemos, e também por causa da má lavagem dos dentes.

- O que devemos fazer?

Devemos ter muito cuidado com a lavagem dos dentes, devemos sempre que possível lavá-los a seguir às refeições, ou pelo menos de manhã e à noite.

Devemos também de vez em quando ir ao dentista, para ver se tudo se encontra bem.

Não precisamos de ter medo, o dentista é nosso amigo e dos nossos dentinhos.

A mãe sugeriu ao José que quando se deitasse pusesse o dente debaixo da almofada, pois no dia seguinte poderia ter uma surpresa.

À noite, quando o José foi para o seu quarto fez o que a mãe lhe tinha aconselhado, colocou o dente debaixo da almofada para ter uma surpresa na manhã seguinte.

- Vocês acham que vai acontecer alguma coisa?

- Se nós pusermos o dente que nos calu debaixo da almofada acordamos com uma surpresa?

O José passou a noite a sonhar com as surpresas que poderia ter ao acordar, mas de nada desconfiava.

De madrugada, quando o menino dormia, entrou no quarto um ratinho transportando um presente.

Era um ratinho muito especial.

Era um ratinho mágico, que aparecia sempre que era chamado pelo dentinho.

Esse ratinho vivia no Real Palácio dos Presentes, onde trabalhavam muitos ratinhos fazendo brinquedos para os meninos que colocam os dentinhos que caem debaixo da almofada.

Esses ratinhos passam horas e horas a trabalhar para terem os brinquedos prontos sempre que cai um dentinho a um menino.

E como eles adoram oferecer os seus presentes.

De manhã quando o José acordou, ficou muito contente com a surpresa que teve. Era um bonito automóvel com o qual brincou muito.

O José nunca mais chorou quando lhe caíam dentinhos, pois ele já sabia que iriam
nascer-lhe dentes novos.

FIM



PowerPoint da história “ O dentinho do José”

**ANEXO 9 – Vídeos em suporte digital – DVD’s – Momentos do Clube de Pais
Leitores**

“Pôr em Acção” e “Entrevistas”

CLUBE DE PAIS LEITORES – material vídeogravado

VÍDEOS	RESUMO	Duração
Vídeo 0 (DVD#1)	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira leitura em comum dos diários de bordo. Surgem as primeiras memórias (mapa mental). São presenteados com o Álbum de Leituras 	01:33:00
Vídeo 1 (DVD#1)	<ul style="list-style-type: none"> • Chá com livros e a doce companhia da Manuela Maldonado (formação) na B.E. 	01:33:00
Vídeo 2 (DVD#1)	<ul style="list-style-type: none"> • Viagem ao Mundo dos Livros (pôr em comum) • Hora do Conto – <i>O Nabo Gigante</i> dinamizada, para 2 turmas de Jardim de Infância na Biblioteca dos Castelos (B.E), por Dalila Barros 	01:16:00 00:17:00
Vídeo 3 (DVD#1)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>A Nau Catrineta</i> dinamizada por M^a José e Jorge Firmino para o 1^o e 2^o ano, na B.E. • Hora do Conto – <i>O País dos Contrários</i> dinamizada por Joana Cadilhe para o 4^o ano na B.E. 	01:05:00 00:28:00
Vídeo 4 (DVD#1)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>A ovelhinha que veio para o jantar</i> dinamizada por Dalila Barros na sala do Jardim de Infância 	01:15:41
Vídeo 5 (DVD#2)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>Mimi e o Duende</i> dinamizada por M^a José e Jorge Firmino para o 1^o e 2^o ano, na B.E. • Hora do Conto – <i>A coisa que mais dói do Mundo e Grande Hotel Peregrino</i> dinamizada por Joana Cadilhe para o 4^o ano na B.E. • Hora do Conto – <i>As preocupações do Billy</i> dinamizada por Dalila Barros no Jardim de Infância 	00:44:35 01:03:28 00:48:00

Vídeo 6 (DVD#2)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>O País dos Contrários</i> dinamizada por Joana Cadilhe para o 3º ano 	00:23:20
	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>A Estrela do Leonardo</i> dinamizada pela Cristina Sousa para as 2 turmas do Jardim de Infância na B.E. 	00:30:05
	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>A Couve gigante que fala</i> dinamizada pela Fátima Silva para as 2 turmas do Jardim de Infância na B.E e entrevista da Fátima para a rubrica TêVêKeTeVê da DREN sobre o Clube dos Pais Leitores 	01:19:09
	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto dinamizada pela Susana Azevedo – Um Livro Para Todos – Com a participação de uma turma do 3ª ano da Caramila, com a equipa de Educação Especial da EB2,3 de Mª Lamas e da EB1 dos Castelos 	01:23:00
Vídeo 7 (DVD#2)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>Contos de ratinhos</i> dinamizada pela Mª José e a Joana ao 1º e 2º ano 	01:31:33
Vídeo 8 (DVD#2)	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução à Arte de Contar Histórias com a Adelaide Silva (contadora de histórias) da Biblioteca Municipal de Almeida Garrett 	01:25:00
Vídeo 9 (DVD#2)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – Um Livro para Todos – dinamizada pela Susana Azevedo para o 2º e 4º ano 	00:35:45
	<ul style="list-style-type: none"> • Mãe do Martim – Leu-nos a história predilecta doseu filho 	00:25:00
	<ul style="list-style-type: none"> • Mercado dos Contos (espaço exterior) 	00:30:00
Vídeo 10 (DVD#2)	<ul style="list-style-type: none"> • Hora do Conto – <i>Histórias em verso para meninos perversos</i> dinamizada por Joana Cadilhe para o 4º ano 	00:25:44
	<ul style="list-style-type: none"> • Visionamento e reflexão final 	1:07:00